

O objeto  
 Museu e educação continuada  
 O homem  
 Museu e ação cultural  
 A relação homem/objeto  
 Museu e grupos sociais cultu  
 O cenário-museu  
 ralmente deficientes  
 O objeto deficiente físico  
 O homem e o espaço  
 A relação  
 Visão crítica da relação  
 A relação homem/objeto  
 Museu -  
 O cenário-museu  
 O cenário-museu  
 Estudos de caso.

# Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

textos e contextos de uma trajetória profissional

Volume 2

Maria Cristina Oliveira Bruno  
 Coordenação Editorial

Teoria Museológica

CURA e a CONSTRUÇÃO

Conceito de Museu através dos tempos. (retomada)

Conceito do ICOM (Estatutos)

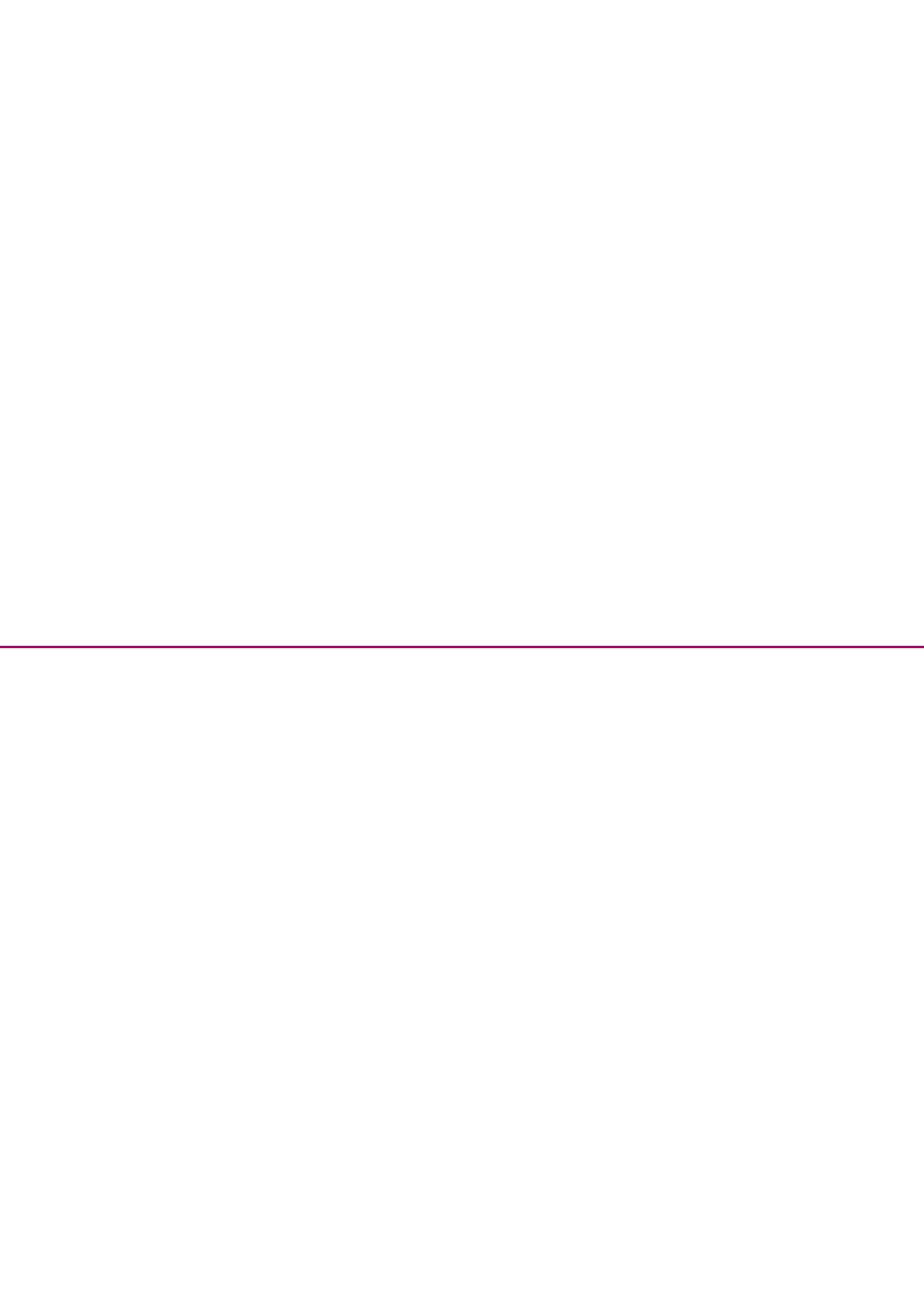
Várias concepções históricas. (Lemieux, Gregorova, Tsuruta,

Stránsky, Schreiner, Rússio)



**Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**  
textos e contextos de uma trajetória profissional

**Volume 2**





# Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

textos e contextos de uma trajetória profissional

---

A permanência das ideias:  
A influência nos contextos museológicos

## Volume 2

Maria Cristina Oliveira Bruno  
Coordenação Editorial

Marcelo Mattos Araujo  
Maria Inês Lopes Coutinho  
Colaboradores





# Sumário

## Parte 1

Waldisa, o curso de Museologia e o alunado, **9**  
*Maria Inês Lopes Coutinho*

## Parte 2

Associação Paulista de Museólogos (Asspam): apontamentos para uma história de protagonismo na Museologia paulista, **47**  
*Caroline Grassi Franco de Menezes*

## Parte 3

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – Agente da Utopia, **103**  
*Marcelo Mattos Araujo*

## Parte 4

Teoria museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais, **145**  
*Manuelina Maria Duarte Cândido*

## Parte 5

Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos, **159**  
*Maria Cristina Oliveira Bruno, Andrea Matos da Fonseca e Kátia Regina Felipini Neves*





# Parte 1

Waldisa, o curso de Museologia e o alunado

---

Maria Inês Lopes Coutinho



# 1 Waldisa, o curso de Museologia e o alunado

*Maria Inês Lopes Coutinho*

*Não terei o rumo  
que outros pés traçaram.  
Por estradas fáceis  
não caminharei.  
Traçarei meus passos  
na areia quente  
e, com areia leve,  
eu os apagarei.*

*Meu caminho é curto,  
Minha estrada é certa:  
Não terei um rumo  
que não seja o meu.*

Waldisa Rússio Camargo Guarneri <sup>1</sup>

Na década de 1970 concretizou-se o sonho de criar um curso de Museologia em São Paulo. Com o firme propósito de educadora, Waldisa pôde formar uma geração de museólogos que se diferenciou dos outros centros de formação no Brasil pelo perfil voltado para a sociologia.

Ser educadora, no caso de Waldisa, foi só uma consequência de seu perfil de pensadora, cientista, humanista, poeta, advogada e museóloga. Falava em uma Museologia voltada para os países em desenvolvimento e pôde, pelos pilares da sociologia, integrá-la às sociedades onde emergiam os respectivos museus. Foi dentro de uma escola de sociologia, a Fundação Escola de Sociologia de São Paulo,<sup>2</sup> que ela fez questão de criar o curso e lutar para mantê-lo. Criada antes mesmo da Universidade de São Paulo, em 1933,<sup>3</sup> foi também na “Sociologia” que ela defendeu seu mestrado e doutorado, este um dos primeiros em Museologia, no Brasil.<sup>4</sup>

1 Publicado no *Jornal do Instituto de Museologia*, em 11 jun. 1991, com comentário de Menotti Del Picchia, de 18 out. 1979. Há também um manuscrito no Cedoc-Fesp/SP.

2 Também chamada Fesp/SP, Escola Livre de Sociologia de São Paulo ou Escola de Sociologia, ou apenas “Sociologia”.

3 KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio Assis (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação, 1933-1953 – depoimentos*. 2.ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Sociologia e Política; Fesp/SP, 2009.

4 Na Fundação Escola de Sociologia de São Paulo ela defendeu mestrado e doutorado na década de 1970, sobre os temas já indicados no presente livro.

Antes de tudo, Waldisa considerava a Museologia uma vocação. Na época, pela forma como se dava a formação da Museologia no Brasil, São Paulo apresentou grande avanço. O nível de pós-graduação permitiu uma maior maturidade intelectual sobre a então ciência em formação, o que rendeu, no cenário nacional, muitas desavenças e dissabores, principalmente até a regulamentação da profissão, em 1984.<sup>5</sup>

Mas, se o berço dessa teoria implementada por Waldisa foi a sociologia, também o museu teve seu papel determinante. Foi a conhecida e respeitada figura do professor Pietro Maria Bardi<sup>6</sup> que incentivou a brilhante museóloga. Tendo assistido à defesa de sua tese, cumprimentou-a, elogiou-a e convidou-a a pensar um curso no Museu de Arte de São Paulo (Masp).<sup>7</sup> Juntou-se a isso a resolução, já então em vigência, na qual Waldisa fora designada a pensar um curso de Museologia em nível de pós-graduação, na própria Fesp/SP.<sup>8</sup>

Com o apoio do Masp e o respaldo acadêmico da Escola de Sociologia, Waldisa fez o ano de 1977 delinear-se como um marco para a Museologia no Brasil, solidificando uma Museologia sob os alicerces da Sociologia, uma linha hoje internacionalmente defendida, a da Sociomuseologia.

---

5 Os cursos existentes até então eram de graduação, no Rio de Janeiro (criado na década de 1930) e na Bahia (criado na década de 1960).

6 Criador e Diretor do Museu de Arte de São Paulo, o Masp.

7 Cópia da carta em anexo.

8 O professor que assinou, dr. Antonio Rublo Muller, era diretor da Pós-Graduação na Fesp/SP.

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO  
INSTITUIÇÃO COMPLEMENTAR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ORGANIZADA EM 1933

ESTABELECIMENTOS MANTIDOS

Escola de Sociologia e Política  
Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais  
Escola de Bibliotecários  
Instituto de Pesquisas Sociais  
Instituto de Estudos Universitários  
Instituto de Estudos Municipais  
Instituto de Estudos Europeus  
Editora "Sociologia e Política"  
Revista SOCIOLOGIA  
Biblioteca de Ciências Sociais



END. TEL. "SOCIOLOGIA" - S. PAULO  
RUA GENERAL JARDAS, 577 - CAIXA POSTAL 30.619  
SÃO PAULO, BRASIL

	Telefones
Directorio . . . . .	256-1558
Secretaria, Tesouraria e Profissões . . . . .	256-9481
Escola Pós-Graduada . . . . .	256-6472
Biblioteca e Edição . . . . .	257-6274
Alunos . . . . .	256-1792

P O R T A R I A

Portaria nº 03/77-DE

O Diretor Geral da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo no uso de suas atribuições estatutárias resolve:

Nomear a Professora Waldisa P. Russio para, em conjunto com a Diretoria para Assuntos Universitários desta Instituição, elaborar projeto de um Curso de Especialização de Museologia, em nível de Pós-Graduação.

C U M P R A - S E

São Paulo, 01 de abril de 1977.-

Antonio Rubbo Müller  
Diretor-Geral

São Paulo, 2 de dezembro de 1977.

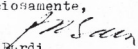
Exma. Sra.  
Profa. Dra. Waldyza Pinto Rucio  
São Paulo

Pela presente temos a honra de convidar V.S. a que ministre, no próximo ano, um Curso de Museologia no MASP, assunto de mais relevante importância, do qual ninguém melhor do que V.S. poderia ocupar-se.

Presentes que estivemos por ocasião da defesa de tese de V.S., desejamos patentear-lhe nossa admiração pessoal pela seriedade e propriedade do trabalho feito, o qual abre perspectivas realmente promissoras para os estudos museográficos em nosso país.

Muito apreciaríamos que V.S. aceitasse este nosso convite, para discutirmos juntos a possível estrutura do curso, número de aulas, assuntos a tratar, época, metodologia das aulas, etc.etc.

Atenciosamente,

  
P.M. Bardi  
Diretor do MASP

## O curso, período de funcionamento e os alunos formados

Abrindo em 1978, o curso teve a primeira turma formada em 1980. Funcionava inicialmente com as aulas no Masp, tendo como grade curricular três especializações *lato sensu* que, ao final, habilitavam o aluno à defesa de sua dissertação na Fesp/SP, rendendo um certificado de créditos de mestrado e, na defesa, o grau de mestre.

Famosas entre os alunos, as entrevistas de seleção eram aplicadas pela própria Waldisa. Apesar de aparentemente informais, estavam dentro de rigor e do método científico, como demonstrou a pesquisa nos arquivos pessoais dela e do Instituto.

O curso funcionou até 1996, mesmo após a morte de Waldisa, tendo formado 142 alunos.<sup>9</sup> Dos 160 museólogos inscritos no Conselho Regional de Museologia de São Paulo (4º Corem),<sup>10</sup> 53 são formados pelo Curso de Museologia de São Paulo, posteriormente Instituto de Museologia, também vinculado à Fesp/SP.<sup>11</sup>

O Instituto de Museologia de São Paulo firmou os seguintes princípios:

A museologia é uma ciência do homem e da sociedade. O conhecimento museológico é no mínimo um conhecimento inerente às ciências; a museologia constitui um campo específico do conhecimento (lógico, racional, sistêmico) que não prescinde de sua prática; a museologia enquanto ciência se ocupa do fato museológico (dentro de um processo) e usa o método interdisciplinar, como interdisciplinar é o trabalho em museu, uma base institucional necessária.<sup>12</sup>

Na época, uma minoria defendeu a dissertação em Museologia. Em 1987 foi encaminhado o processo de credenciamento do curso para mestrado; um dossiê apresentado com o balanço da produção acadêmica de Waldisa e dos alunos, bem como referências históricas, justificava a profissão.

O propósito da formação museológica é formar profissionais, cientistas e mestres cômicos que trabalham com testemunhos culturais ... e a cultura é substância

<sup>9</sup> Dados fornecidos pela Fesp/SP.

<sup>10</sup> Dados fornecidos pelo Conselho Regional de Museologia de São Paulo, o 4º Corem.

<sup>11</sup> O Instituto de Museologia foi criado em 9 de maio de 1985.


<sup>12</sup> Resumo extraído do processo de credenciamento do curso, no Cedoc-Fesp/SP. Também consta no *Jornal do Instituto de Museologia*, editado para homenagem a Waldisa, realizada no Masp em 1991, um ano após sua morte. Grifos da autora desta memória.

da história; como a história não é apenas passado, mas uma experiência vivida pelo Homem, projeto inacabado, a formação pretende atingir e gerar trabalhadores sociais conscientes de sua responsabilidade histórica.<sup>13</sup>

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO  
INSTITUIÇÃO COMPLEMENTAR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ORGANIZADA EM 1933

RUA GENERAL JARDIM, 522  
01223 - SÃO PAULO - BRASIL

TELEFONES: 256-1852



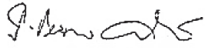
CONSELHO SUPERIOR

Resolução nº 01/1985

O Conselho Superior da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo no uso de suas atribuições estatutárias resolve criar o INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE SÃO PAULO com as seguintes finalidades:

- Formar especialistas, mestres e doutores em Museologia e áreas afins.
- Manter Cursos de especialização, mestrado e doutorado, aperfeiçoamento e extensão cultural.
- Realizar pesquisas, projetos, edições, consultoria e serviços na área de Museologia.
- Realizar convênios, seminários e intercâmbio técnico-científico com instituições sediadas no País ou no Exterior.
- Promover atividades coerentes com os objetivos gerais do Instituto e da Fundação.
- Os cursos de mestrado e doutorado serão instalados de acordo com a legislação em vigor.

São Paulo, 09 de maio de 1985.



Prof. Dr. Joaquim Pedro Villaga Souza Campos  
Vice-Presidente no exercício da Presidência  
Conselho Superior da FESFSP

13 O processo consta no Cedoc Fesp/SP, em dossiê encaminhado em 1987, com 94 páginas justificadas, algumas manuscritas e rubricadas por Waldisa.



Museologia: profissões regula-  
mentadas

A partir do momento em que um grau de contingente de ex-alunos foi absorvido pelo mercado de trabalho e participou ou participa de projetos especiais na área de memória sócio-cultural, iniciou-se um novo ciclo na história dos Cursos de Museologia mantidos pela FESP. Um novo ciclo que representa um novo processo: o do empenho pela legitimação dos estudos e da formação em nível pós-graduado "stricto sensu", em ~~curso~~ graus de Mestrado e/ou Doutoramento.

Tanto assim que o grupo de São Paulo se empenhou decisivamente na luta pela regulamentação da profissão em nível de Mestrado, o que foi estabelecido ~~em 1984~~ pela Lei Federal nº de 1984.

Este dado, por si só, revela a boa fé e a firme disposição dos professores de Museologia em obterem seu reconhecimento ~~em nível~~ em nível pós-graduado e em caráter interdisciplinar.

O de que se cogita, pois, é da transformação de nossos Cursos de Museologia em Cursos de Mestrado e Doutoramento que, entretanto, poderão ter núcleos internos de Especializações reconhecidos pelo MEC. Esta possibilidade, aliás, vem sendo aventada desde o lançamento dos planos nacio-

SOLICITAÇÃO AO CAPES

- 1- Acompanhamento e assessoramento ao processo de credenciamento de cursos de Mestrado e Doutorado em MUSEOLOGIA
- 2- Autorização para funcionamento experimental .

ACOMPANHADA DE RELATÓRIO SINTÉTICO INFORMATIVO

INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE S. PAULO  
FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE  
SÃO PAULO

setembro  
1986

*Waldisa*  
1986



INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE SÃO PAULO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR SECRETÁRIO EXECUTIVO DO GRUPO TÉCNICO CONSULTIVO DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES), do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

O INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE SÃO PAULO, mantido pela FESP-FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, por sua Diretora e Coordenadora de Cursos, vem, respeitosamente e com o devido acato à presença de Vossa Senhoria solicitar

INSPEÇÃO PRÉVIA  
para posterior ACOMPANHAMENTO E ASES-  
SORAMENTO pelo digno CTC dessa Coordenação, para  
FUNCIONAMENTO EXPERIMENTAL  
de cursos de MUSEOLOGIA EM NÍVEL DE MES-  
TRADO E DOUTORAMENTO.

O INSTITUTO solicita, ainda, AUBORIZAÇÃO  
PARA PROCEDER A ARGUIÇÕES DE MONOGRAFIAS NA ÁREA DE MUSEOLO-  
GIA A NÍVEL DE MESTRADO.

Outrossim, desde já, protesta pela poste-  
rior juntada de documentos comprobatórios ou esclarecedores  
de fatos ou elementos legais, expostos no Relatório anexo, ou  
pertinentes à matéria.

Termos em que,  
P. Deferimento,  
São Paulo, aos de Junho de 1987.

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri  
Professora Doutora  
Museóloga (MTPS-12/SP)

Em anexo: Relatório básico e  
documentação legal exigida,  
acompanhada de textos da Di-  
retora dos Cursos e do Insti-  
tuto.



FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA  
DE SÃO PAULO

## A participação dos ex-alunos

Convivi com ela durante dez anos, até a sua morte, em 1990. Tínhamos uma relação de aprendizado e trabalho que se iniciou com rápido estágio nas “Oficinas Infantis” e na exposição “O Direito de Participar”, voltada para os deficientes visuais, no Sesc do Carmo (São Paulo, SP), em 1981, ambas do Museu da Indústria. Esse contato foi intensificado nos últimos anos, especialmente depois de minha saída de São Paulo para Minas, por indicação dela, e posteriormente Brasília, época em que desenvolvemos vários projetos. Ao longo dessa convivência tivemos a oportunidade, em meio aos projetos, de tecer uma grande amizade. “O sonho grimpa os morros azulados e sai do terreno das Utopias para inserir-se entre os sonhos geradores de futuro: exercício de cidadania e de democracia, cabe a todos nós, solidariamente dar-lhe vida”, dizia ela na apresentação do catálogo do Museu de Ciência e Técnicas,<sup>14</sup> projeto em implantação na época em que faleceu.

Composta interdisciplinarmente de inteligência, bom humor, beleza, religiosidade, ideologia, cultura, educação e principalmente generosidade, Waldisa era iluminada. Enfatizando o seu humor irreprensível, destaco um momento relativo à nossa formação:

É um postal referindo-se ao credenciamento do curso de São Paulo, alusão a um elefante da paz. Elefante este que, infelizmente, ela não conseguiu vencer.<sup>15</sup> Nos deixou cedo! Fez a história do curso de Museologia da Fesp/SP parecer redonda, pois começou e terminou no México.<sup>16</sup>

Na questão da formação, quando trabalhei na Superintendência de Museus da Secretaria de Estado da Cultura, em Belo Horizonte, entre várias atividades organizamos um Curso de Museologia,<sup>17</sup> no qual coordenei os estágios. De Portugal recebi um postal, “fico imaginando como caminhará o curso que, em parto múltiplo, ‘tivemos’ todos aí nas Gerais”.<sup>18</sup>

---

14 O Museu de Ciência e Técnicas foi implantado em Belo Horizonte, nos moldes da Estação Ciência de São Paulo. Eu trabalhava com ela no Projeto Museológico. Foi realizada uma primeira exposição temporária, sobre a Memória da Indústria, tendo sido interrompida com a extinção do Ministério da Cultura, responsável pelo projeto, e, na sequência, pela morte de Waldisa.

15 Waldisa encaminhou processo de credenciamento do curso em 1987, já citado nos itens 12 e 13.

16 O Curso de São Paulo foi inspirado no Curso de Museologia de Churubusco, no México. Dez anos depois Waldisa foi convidada a reformulá-lo, ocasião em que ocorreu um problema de saúde que culminou em sua morte.

17 Na época, 1986/1987, realizou-se um convênio entre a Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais (SEC) e a Fundação Mineira de Arte Aleijadinho (Fuma), para viabilizar o curso.

18 Cartão-postal, 1986.



Constava de um módulo, uma especialização *lato sensu* que abordava além da sociologia, a antropologia. Foram realizadas duas turmas e, como exercício final, foi montada uma exposição no Museu Mineiro, sobre a cozinha mineira. Tema pouco comum para a época, antecipador, já abordava a questão do patrimônio imaterial, hoje amplamente trabalhada no meio museológico. O catálogo da mostra trazia texto de sua autoria, onde destacava o fazer museológico e o viés ideológico. Selecionamos este depoimento: “venho aprendendo, ao longo da minha vida que, mais do que com acontecimentos apoteóticos, a grande aventura humana vem se construindo e se enriquecendo com pequenas, sérias e humildes tentativas”.<sup>19</sup>

Apresentamos a seguir o resultado de uma enquete/provocação enviada aos ex-alunos. Como estratégia abordamos a possibilidade de uma situação imaginária, na qual se poderia aguçar a memória deles a respeito de Waldisa, constituindo painéis, em uma provável exposição.

Ao longo do contato com o alunado, momentos de lembranças e saudades evidenciaram-se entre as pessoas. A participação resultou em 40% dos contatados. Vale dizer que uma característica foi dominante, a admiração que sempre ela despertou em todos e, em especial, nos que desfrutaram de seu convívio. Dos depoimentos apresentados, há uma licença poética concedida a uma também poeta, Eunice Arruda, que, tendo acompanhado a trajetória de Waldisa como amiga e profissional, viu nela nascer a vocação museológica.

A possibilidade de pesquisa em arquivos pessoais e do Cedoc-Fesp/SP foi fundamental. A consulta ao 4º Corem evidenciou os dados dos profissionais na ativa. Agradecemos, entretanto, a colaboração dos ex-alunos que se disponibilizaram abrindo uma janela entre seus compromissos, afazeres e atividades, permitindo momentos de resgate da *sua própria memória*, como uma homenagem àquela que tantas vezes disponibilizou-se a desenvolver a *nostra memória*, quer como profissionais, quer como indivíduos, evidenciando conceitos que extrapolaram a formação e, sobretudo no mundo contemporâneo, ganharam projeção.

Waldisa vislumbrou um futuro para nós, para nosso passado e meio ambiente. Esta publicação, vinte anos após sua morte, ainda que tardia, resgata um pouco desse sonho.

---

<sup>19</sup> Catálogo da exposição “A Cozinha na História da Casa Mineira”, Museu Mineiro/SUM/SEC, 1987.

## Um novo olhar sobre Waldisa

A seguir inserimos as contribuições dos profissionais e ex-alunos do Curso de Museologia, criado por Waldisa. A manifestação de cada um foi respeitada, apenas adotamos uma formatação comum, para dar maior unidade aos textos. É curioso como estas memórias se entrelaçaram e constatamos, ressaltando comentário de trabalho com Cristina Bruno, em que a memória se apresenta, de certa forma, como a grande metáfora da Museologia!

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

*Falar de Waldisa é  
falar de poesia*

*É andar novamente  
nas calçadas dos anos sessenta*

*É falar poesia  
na Rádio Gazeta*

*(Esta fotografia: Waldisa, Paulo Bonfim, Décio Bittencourt, Fernandes Soares, Cipriano Jucá, eu). Walter Ceneviva anunciando a abertura do programa “Enciclopédia do Ar”. No salão de espera nós nos encontrávamos. Nós encontrávamos.*

*Falar de Waldisa é passar o fim da tarde em seu escritório de advocacia na rua Sete de Abril, folheando revistas, ouvindo vozes. Depois ir caminhando pelo Viaduto Maria Paula e chegar em seu apartamento na rua Japurá.*

*Estou agora na avenida Vieira de Carvalho para visitar Waldisa. Ela se casou com o poeta Rossine Camargo Guarnieri. “Você queria mesmo era se casar com um poeta”, era a frase que Waldisa dizia que o Samir Meserani dizia.*

*Muita coisa aconteceu depois. Muita coisa deixou de acontecer. Eu escrevia livros, ela me mandava bilhetes. Notícias. Fico sabendo que ela começou a se interessar por museologia. Agora é poeta, advogada, museóloga. É Waldisa.*

*Falar de Waldisa é  
reencontrá-la  
na rua Simões Pinto*

*Rodeada de livros e animais de estimação*

*Na sua biblioteca, conversando com o Rossine, ela prepara os meus papéis: vai me integrar em sua equipe do Grupo Técnico de Museus.*

*Privilégio, alegria, evolução são palavras sinônimas como resultado dos seis anos que trabalhei ao seu lado no Palácio Campos Elíseos. Participando de exposições, estudando Semiótica, acompanhando seminários. Ela implantava o Instituto de Museologia. Havia suas viagens para o exterior. Seus retornos.*

*Falar de Waldisa*

*-1989 – Missa do sétimo dia de falecimento do poeta Rossine Camargo Guarnieri.*

*Na porta da Igreja ainda ficamos conversando prolongando o tempo.*

*Pelo telefone, nos meses que se seguiram, marcávamos encontros tentando organizar uma homenagem ao poeta. Que nunca se realizou. Apenas na manhã do dia 12 de junho de 1990 chego à Escola de Sociologia e Política. E vejo Waldisa abraçando a sua morte. Vejo Waldisa não sei se pela última ou pela primeira vez.*

**Eunice Arruda**

poeta



Os caminhos da vida me levaram a procurar trabalho no Museu da Casa Brasileira, dirigido pelo dr. Ernani da Silva Bruno, onde Waldisa Rússio exercia a chefia técnica. Era fevereiro de 1974. Algum tempo depois ela foi para a sede da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. Fiquei feliz quando me convidou a participar de um projeto novo, envolvendo os museus da Capital e do interior do estado. Trabalhar com aquela jovem senhora dinâmica e de ideias inovadoras me fascinou.

Waldisa era uma figura carismática. Alta e elegante, os olhos verdes sorridentes, cheios de alegria e esperança. Estava sempre a nos transmitir conhecimentos proveitosos sobre muitos assuntos.

Ela nos contava sobre o trabalho realizado pouco antes com o dr. Arrobas Martins, na Secretaria da Fazenda. Pela formação em direito sua colaboração foi essencial na constituição jurídica e na elaboração do organograma dos museus.



Desse fato nasceu o interesse pelos museus que, com o tempo, se transformou em paixão. Waldisa foi autodidata. Ia à USP com frequência em busca de bibliografia. Fez contatos com profissionais da área no Rio de Janeiro e em outras localidades. Foram inúmeras as madrugadas dedicadas ao estudo.

O primeiro passo independente e definitivo na carreira museológica foi a criação do Grupo Técnico de Museus (GTM),<sup>20</sup> em maio de 1976, na sede da Secretaria da Cultura. Durante meses uma equipe viajou pelo interior aplicando um questionário nos museus para estabelecer a situação real de cada um deles. Mapas e gráficos retrataram os dados levantados. Uma reunião foi preparada no salão nobre dos Campos Elíseos com a presença do secretário, para apresentação do projeto. Iniciando a reunião, ele diz apenas: “Chuta, Waldisa!”.

O importante é que pela primeira vez se fazia uma avaliação técnica da situação dos museus e eram propostas modificações que ao longo do tempo foram acontecendo.

Waldisa continuou a inovar. Foram 3 anos de participação na Semana da Criança, no Parque da Água Branca, sempre com propostas culturais: tecelagem, cerâmica e o progresso urbano.

O Projeto Mobral trouxe adultos da periferia para o Museu de Arte (Pinacoteca). Mais arrojado ainda foi o trabalho com deficientes visuais em parceria com o Sesc. O projeto Museu da Indústria, exposto na estação Metrô São Bento, abria um novo espaço para exposições culturais.

O segundo passo na carreira museológica de Waldisa aconteceu em 1978, com a criação do Curso de Museologia, no Masp, então dirigido por Pietro Maria Bardi. Ao final do primeiro ano os alunos organizaram a exposição “Tropa, Tropeiro, Tropeirismo”, abrangendo aspectos sociais e artísticos do tema.

Incentivou também a criação da Asspam, principalmente ligada aos alunos de Museologia, e da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM), que não teve continuidade.

Waldisa se doou muito aos alunos do curso, deixando a marca de sua personalidade em muitos de nós. Devo a ela a chance de trabalhar em museus, a abertura de pensamento e o encantamento que o curso

---

20 O material referente ao GTM foi doado à dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, vice-diretora do MAE-USP, em 2008.

me proporcionou. É verdade, também, que ela se deixou influenciar pela convivência com os mais jovens. Assim, as citações em latim foram desaparecendo e uma nova visão dos esportes, principalmente sobre o futebol, foi se estabelecendo.

O terceiro passo é dedicado às viagens, com a participação em congressos e os trabalhos no exterior. Primeiro no Brasil e depois na Europa, Estados Unidos, Peru e México.

Indo ao exterior, Waldisa alarga seus passos, que a projetam no cenário internacional como museóloga respeitada.

É duro reconhecer, mas o trabalho de Waldisa sempre foi mais reconhecido no exterior do que aqui entre nós. Por isso, estamos agora prestando este testemunho na tentativa de restituir a ela o lugar ao qual sempre fez juz.

***Alda Ribeiro***

Graduada em História pela USP, 1959; Museóloga pela Fesp/SP, 1980



O museólogo é um trabalhador social!

Com estas palavras, ditas no auditório do Masp ao longo do ano de 1978, durante as aulas da primeira turma do Curso de Especialização em Museologia da Fesp, a professora Waldisa Rússio Camargo Guarnieri não só sinalizava em relação aos caminhos da Utopia Museológica, mas, sobretudo, estabelecia um novo patamar para a profissionalização dos museus no Brasil. Esta afirmação também sustentou as suas reflexões teóricas sobre o campo científico da Museologia e, ainda, colaborou para a sua visão sobre o delineamento da função social dos museus.

***Maria Cristina Oliveira Bruno***

Licenciatura em História (Unisantos, 1975);  
Especialista em Museologia (Fesp, 1978-1980);  
Mestre em História Social (USP, 1984);  
Doutora em Arqueologia (USP, 1995);  
Livre-Docente em Museologia (MAE-USP, 2001);  
Professora titular em Museologia (MAE-USP, 2010)

Em um dia de abril de 1978 li no *Jornal da Tarde* sobre um curso de Museologia que o Masp estava criando. Para minha surpresa, pouco depois uma amiga, Regina Forjaz, telefonou e disse que estava para se inscrever num curso e queria me convidar porque tinha tudo a ver com meus interesses e as coisas que eu gostava. Para minha surpresa era o curso do Masp. Ela vinha da área de História e eu, formada em Jornalismo, fiquei na dúvida: Museologia? Como assim? E ela: “Você vive falando nos museus que visitou, gosta de arte, de pesquisa, vamos lá!”.

Conhecia o museu pela coleção, pois foi uma das primeiras coisas que fiz ao conhecer São Paulo e, já morando aqui, lembrava bem da exposição dos 70 anos da Semana de Arte Moderna que vira anos antes. Aceitei o convite. Chegamos e fomos para a entrevista, no subsolo do museu, no pequeno auditório. Ali estava Waldisa Rússio, uma senhora risonha, acolhedora, simpática, que logo foi perguntando pelos interesses e pela formação. Jornalista? Ótimo! É isto mesmo que queremos! Este é um curso multiprofissional – temos gente de todas as áreas e vai ser muito bom! E você é do sul? Já temos outro catarinense, o Gelci Coelho, veja a coincidência! (Um parêntese: Gelci mais tarde organizaria o Museu de Antropologia da UFSC, em Florianópolis. E Regina Forjaz desistiria do curso e tomaria outro rumo...)

Waldisa explicou que as aulas seriam dadas ali mesmo naquele espaço... Seu jeito aberto e otimista era contagiante, o que se revelou ainda mais nas aulas em que nos orientava no mundo da Museologia, sobretudo sobre os museus internacionais, que ela bem descrevia. Sua intenção de criar bons profissionais de museus foi um esforço enorme. Ela estimulava e por vezes nos desafiava, e os profissionais que chamou para dar aulas e conferências, principalmente na área de conservação, foram fundamentais para a área, a meu ver. Dou o exemplo do fantástico Gaël de Guichen que, pode-se dizer, ajudou a “semear” e amparar museus em várias partes do mundo, ensinando com uma didática simples e avançada questões de climatização, segurança de coleções e iluminação. Também as aulas aos sábados de manhã com o professor Pietro Maria Bardi eram muito inspiradoras e divertidas, ele com seu jeito descontraído de contar suas peripécias museológicas enquanto mostrava obras-primas do museu.

O curso iniciou no dia 26 de abril. O convênio com o Masp não durou tanto quanto todos nós esperávamos – no ano seguinte passamos para a sede da Escola de Sociologia e Política. Porém eu, por uma circunstância

do destino, acabei logo sendo chamada por outra colega do curso, Anna Carboncini, para estagiar no museu onde estou até hoje. A frequência ao curso, as aulas com Waldisa e a prática do cotidiano formaram minha carreira. Nossa convivência escasseou quando terminou o curso, porém era muito bom quando ela promovia encontros, nos chamava à sua casa, e creio que muitos ainda recordam a experiência num sábado, no sítio de Zilda Mion em São Roque onde, em um só dia, catalogamos todos os objetos da casa, numa aula prática absolutamente inesperada e muito proveitosa para os interessados na profissão.

Certamente Waldisa Rússio foi pioneira e deixou uma marca, além de muitos seguidores, na Museologia brasileira.

*Eugênia Gorini Esmeraldo*

Jornalismo; Especialização em Museologia (Fesp/SP, 1978-1980);  
Mestrado em História da Arte (Unicamp)



À Waldisa Rússio Camargo Guarnieri,  
que nos ensinou a arte de pensar Museus

Foi no Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo, que iniciei meu convívio com a grande mestra Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Éramos, naquele momento, colegas de trabalho. Ela, uma doutora, eu, recém-formada em Comunicações, atuando como responsável por audiências e representações no gabinete do então Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, o saudoso Max Feffer. O dia a dia nos propiciava alguns encontros, sempre muito mais superficiais do que eu gostaria.

Naquele momento, eu me deslumbrava por interagir ora com um *spalla* de orquestra, ora com o presidente do Instituto de Energia Atômica, ou então com o presidente da Comissão de Circos – tudo era aprendizado *in natura* para uma jovem que descobria na cultura uma nova forma de interpretar o mundo.

Em 1978, Waldisa buscou uma audiência com o secretário para apresentar o novo Curso de Especialização em Museologia, cuja

organização dividida com ninguém menos do que Pietro Maria Bardi, no âmbito de um convênio firmado entre o Masp e a Escola de Sociologia e Política de São Paulo. A conversa em que me apresentou o curso foi ilustrada por um folheto recém-impresso, que trazia os objetivos e as principais linhas do programa de formação em Museologia. Meus olhos saltaram de interesse, e confesso que mal consegui esconder meu entusiasmo diante da possibilidade de estudar no Masp.

Os momentos para despacho com o secretário eram sempre mínimos, roubados entre uma audiência e outra; eu estava preparada para priorizar aquele assunto encantador – deveria tentar agendar a audiência da dra. Waldisa, o quanto antes.

Na manhã seguinte, no momento de chegada do secretário, ao passar pela minha sala, algo lhe chamou a atenção. O folheto do curso, que repousava sobre a mesa, trazia as iniciais MF (Masp e Fesp) e ele logo associou com as suas próprias iniciais: Max Feffer. Perguntou-me do que se tratava. Eu empunhei o folheto e acompanhei o secretário em seu percurso, enumerando, sem respirar, um rol de pontos positivos sobre o Curso de Especialização em Museologia. De forma súbita, ele se virou e disse: “Diga lá, você está querendo fazer este curso...”. Sem graça, respondi que não apenas eu, mas também outros funcionários da Secretaria estavam interessados, e que a dra. Waldisa poderia lhe explicar o projeto de formação com muito maior exatidão, numa audiência, se ele autorizasse o agendamento. Num misto de surpresa com meu embaraço e de curiosidade com relação ao curso, ele me autorizou a levantar quantas pessoas no âmbito da Secretaria estariam interessadas em cursar Museologia.

A agenda do secretário continuava inviável e o curso não podia aguardar. Liguei para a dra. Waldisa e lhe pedi uma lista de alunos interessados. Combinei com ela que incluiria o meu nome e ela não escondeu sua satisfação. E assim foi.

No despacho seguinte com o secretário, de muito bom gosto, ele autorizou que a Secretaria concedesse a verba total das bolsas de estudo solicitadas. Waldisa e eu vibramos pela conquista, que ajudou significativamente a viabilizar a primeira turma de formandos do Curso de Especialização em Museologia.

Naquele momento, eu mal suspeitava que se abria para mim e para outros tantos jovens de minha geração o mundo fascinante dos museus.

Waldisa não só nos evidenciou que a Museologia é uma ciência, como nos ensinou, em poucos anos, a arte de pensar museus. Inspirou ainda o gosto por criar e desenvolver projetos museológicos, o que faço com paixão, até hoje.

Em 2009, ao concluir o doutoramento em Museologia, na Universidade Lusófona, em Lisboa, não pude deixar de reconhecer, no meu próprio texto, as marcas indelévels de Waldisa e sua visada eternamente inovadora sobre a Sociomuseologia.

*Maria Ignez Mantovani Franco*

Comunicação Social – Relações Públicas (FAAP, 1976);  
Especialista em Museologia (Fesp/SP e Masp, 1978);  
Especialista em Museologia (Unesco; Instituto Colombiano de Cultura, Bogotá, Colômbia, 1980);  
Fundadora e Diretora da Expomus – Exposições, Museus, Projetos Culturais (a partir de 1981); cursou Doutorado em História Social (FFLCH-USP, 1991-1999);  
Doutora em Museologia (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2009)



Prazer enorme em receber notícias e muita alegria pelo lançamento da publicação. Com ela, a Museologia brasileira, até então em dívida, fará jus ao que tanto pleiteamos. Envio o testemunho de que Waldisa tem sido para mim um grande exemplo de gestora pública pela sua competência e acima de tudo pelo entusiasmo com que sempre pautou as causas que abraçou.

Brasília, 8 de março de 2010

*Mônica Lúcia Rique Fernandes*

Geógrafa; Museologia (Fesp/SP, 1981-1983)



Waldisa foi uma transgressora responsável, uma pessoa rara, de ideias e atitudes, e por isso tão adorável. Mas o que a tornou uma pessoa

inesquecível e verdadeiramente insubstituível foi sua generosidade e seu poder de reunir todos nós – alunos, ex-alunos e agregados – para batalhar por projetos e princípios da área dos museus. Foi a pessoa que mudou a cabeça e o rumo da vida de muita gente, inclusive a minha.

### **Ricardo Nogueira Bogus**

Graduado em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1973-1976);  
especialista em Museologia (Instituto de Museologia da Fesp/SP, 1979-1981);  
mestre em Museologia sob orientação da dra. Waldisa Rússio (Fesp/SP, 1985);  
atualmente museógrafo do Museu Paulista da USP



Waldisa Rússio Guarnieri será sempre uma das maiores referências na Museologia brasileira. Foi pioneira em São Paulo na introdução dos estudos e da profissionalização das atividades museológicas. Originária de uma equipe de profissionais da antiga Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, que funcionava no Palácio dos Campos Elíseos, desponta em São Paulo, nos anos 70, com seu interesse pelos museus.

O Rio de Janeiro já contava com dois cursos de graduação em Museologia, entre eles o primeiro fundado no Brasil, em 1932, por Gustavo Dodt Barroso, e um na Bahia. Esses cursos eram os provedores de profissionais para todo o país.

Waldisa criou o primeiro curso em São Paulo, concebido em nível de pós-graduação *lato sensu*, com duração de três anos, de acordo com a recomendação do ICOM. Nos dois primeiros anos funcionou no Masp, com todo o apoio do professor Pietro Maria Bardi. Foi nessa época que a conheci. Minha irmã fez parte da primeira turma e eu entrei logo na segunda.

O Rio de Janeiro concentrava todo o debate em torno dos museus no Brasil. Lá era a sede brasileira do ICOM, que tinha à frente Fernanda Camargo Moro e Maria de Lourdes Novaes, que se revezavam na Presidência eternamente. Lá também surge a Associação Brasileira de Museologia (ABM).

No final dos anos 70 e início dos 80, os alunos do curso de Museologia de São Paulo, liderados por Waldisa, começam a participar ativamente dos movimentos culturais e preservacionistas do estado. O momento político era propício aos movimentos sociais. A grande maio-

ria dos museus no Brasil eram públicos e nesta área, antes da Waldisa, de seu curso e de seus alunos, eram verdadeiros depósitos de coleções oficiais que serviam, na maioria das vezes, como cabides de emprego para senhoras bem nascidas ou amigos sem profissão definida, com algumas exceções, evidentemente.

Depois de funcionar dois anos no Masp, o curso foi para a Fundação Escola de Sociologia de São Paulo (Fesp), onde Waldisa havia se graduado em Sociologia, concluído seu mestrado e doutorado, estes desenvolvidos no campo da Museologia.

Esses precedentes, e o fato de termos crescido dentro da Fesp, uma escola de Ciências Sociais, determinaram um caráter à Museologia em São Paulo diferente do Rio de Janeiro e da Bahia. Enquanto no Rio a formação era concentrada nas técnicas de preservação, divulgação, sistemas expositivos, catalogação e pesquisa do objeto museológico como fim em si mesmo, testemunho de um tempo passado, em São Paulo se instala um debate conceitual sobre a instituição Museu e sua função social. O objeto testemunho, pensado na nascente Museologia paulista, como fato museal significativo e relacionado ao homem no tempo museal, começava por colocar em questão a própria categoria dos conhecimentos necessários para a formação do profissional de museu. A Museologia seria um conhecimento técnico ou científico?

O grande debate internacional (ocidental, é preciso que se diga) se estabelecia no âmbito do Comitê Internacional de Museus (ICOM) e da Associação Americana de Museus (AAM). A Waldisa estava entre os *experts* internacionais, dando sua contribuição principalmente nas questões da formação profissional.

O fato de o curso paulista ser em nível de pós-graduação determinava também o nível de maturidade intelectual dos que ingressavam no curso. Waldisa envolveu importantes preservacionistas paulistas no corpo docente. Pessoas como Julio Abe, Luis Osaka, Fabio Magalhães, Mauricio Segall, Carlos Lemos, Antonio Arantes, Aracy Amaral, Ulpiano Bezerra de Meneses e João Sócrates, entre outros, fizeram diferença no grande salto que as instituições museológicas alçaram na área da Cultura no Brasil. Waldisa já era uma referência internacional e trazia professores estrangeiros para ministrar cursos temporários na escola



da Fesp, como o professor Santoro, de história da arte de Veneza, e o engenheiro químico Gaël de Guichen, do International Centre for Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property (Iccrom), e nos envolvia com organizações como a AACD, para aprendermos a trabalhar com o público deficiente, ou com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) da USP, para pensarmos juntos técnicas de guarda e conservação.

Criamos a Associação Paulista de Museólogos (Asspam). Participávamos de grupos de Cultura nos programas dos partidos políticos da época; juntamo-nos aos arquitetos, criando um grupo de preservacionistas junto ao IAB, e militávamos ativamente para a criação de marcos legais de proteção do patrimônio cultural, discutindo com advogados como José Afonso da Silva e Modesto Carvalhosa. Existiam já o Condephaat e o Sphan, focados tradicionalmente no tombamento do patrimônio edificado. Nossa participação provoca uma atenção maior ao tombamento das coleções museológicas e arquivísticas. Abraçamos o Parque do Ibirapuera, a igreja da Penha, a casa do arquiteto Warchavchik. Era o nosso gesto preservacionista de reconhecimento de Bem Cultural Paulista.

São Paulo era um grande desafio no campo da preservação. Uma cidade historicamente tomada pela especulação imobiliária, “a cidade que mais cresce no mundo” ou “locomotiva da Nação”, se destruía e se construía ao preço da perda da memória e da própria identidade. Predominava a ideia de museus como guardiões de tesouros para preservação da história oficial. Waldisa com sua visão politizada da Museologia nos mostrava o valor museal das histórias dos cidadãos comuns e das organizações da sociedade. O Museu de Bixiga do inesquecível Armandinho teve todo o nosso apoio em trabalhos voluntários como estagiários. Assim também os museus de bairro e de comunidades em geral.

Começamos a perceber a diferença de São Paulo em relação aos outros estados quando quisemos nos somar aos cariocas e baianos. O ICOM-Brasil não nos aceitava como membros, pelo fato de não sermos alunos de curso de graduação. No início participamos como ouvintes e fomos conquistando espaço e respeito ao introduzirmos novos paradigmas para o debate sobre os museus.

Na década de 80 começamos a organizar em São Paulo o movimento para a regulamentação da profissão. Foi uma grande vitória.

Nessa época, já tendo concluído o curso, fui a primeira museóloga contratada como tal, na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Foi também nessa época que, participando da criação do Compresp, tive a oportunidade de incluir a Asspam no Conselho do novo órgão de preservação municipal.

Waldisa foi mentora e amiga. Promovia encontros e festas, muitas vezes na sua casa. Ela era exigente. Disputávamos sua aprovação. Eu particularmente tinha ciúmes da Pierina, sua aluna predileta.

Do que conquistei no campo dos museus, e não foi pouco, devo muito a ela. Seu pensamento e suas ideias revolucionárias no campo da Museologia me instigaram irremediavelmente. Minha formação em filosofia muito se desenvolveu no enfrentamento das provocações colocadas por essa queridíssima museóloga revolucionária.

Seu maior legado foi o profundo e amplo entendimento sobre as instituições museológicas. Dado o caráter público e a função social dos museus, afirmava que não poderia haver neutralidade na atividade museológica. Era, portanto, uma atividade política, na medida de nossa atuação como agentes históricos e do museu como instituição geradora de valores culturais.

Nosso último contato foi na organização do 1º Congresso Latino-Americano de Museus, realizado no Memorial da América Latina. Eu era diretora do Departamento de Museus e Arquivos (Dema) da Secretaria de Estado da Cultura. Pouco tempo depois Waldisa falece no México\*, fazendo o que sempre fez, polemizando, defendendo e enriquecendo, com sua mente brilhante, o debate da Museologia internacional. O chefe de gabinete da Secretaria na época, Cesar Callegari, colega de Fesp de Waldisa, empreende a ida dos familiares ao México e o traslado de seu corpo para o Brasil. Nessa época dediquei a ela um número especial do *Boletim do Dema*.

### **Ana Maria da Costa Leitão Vieira**

*Cavaliere dell Ordine Al Merito della Repubblica Italiana;*  
Técnica em Química Industrial; Graduada em filosofia pela PUC-SP;  
Museóloga RG. Corem nº 110-II;  
Membro do International Visitor Leadership Program pelo  
United States Department of State

\*Nota do Editor

Houve o fato relatado e todo o empenho para transportá-la de volta, mas ainda com vida. Ela falece aqui logo em seguida.

Acredito que a mais forte memória de todos que conheceram Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, especialmente daqueles que como eu tiveram o privilégio de serem seus alunos, é a lembrança de sua imensa capacidade de expressão verbal. Ouvi-la era fascinante, pela clareza, pela emoção, pela capacidade de síntese que possuía. Um discurso arrebatador, cheio de paixão, que eletrizava todos os auditórios...

Mas era uma eloquência sólida, consistente, que repousava em dois pontos, duas lições, que, para mim, permanecem como sua maior herança. O primeiro era sua ardorosa defesa do museu como um fenômeno absolutamente contemporâneo, capaz de se constituir em processo social relevante. O segundo era a necessidade de se pensar o museu, de não cairmos no risco da prática irrefletida, ainda que bem intencionada. De como, somente a partir da Museologia – instaurada como ação e reflexão – é possível o desenvolvimento de procedimentos que permitam a plena realização do potencial comunicacional dos museus.

Seu espírito continua vivo, na utopia cotidiana que nos move a todos.

*Marcelo Mattos Araujo*

Graduação em Direito (Fadusp, 1978);  
Curso de Especialização em Museologia (Fesp/SP, 1981-1983);  
Doutorado (Fauusp, 2002)



## Memórias da professora Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Os múltiplos perfis e a brilhante inteligência da professora dra. Waldisa formaram seu currículo profissional, capaz de atrair alunos oriundos de várias áreas culturais. O Curso de Museologia se vale de várias ciências e utiliza a pluridisciplinaridade para exercer sua função.

Pelo incentivo aos alunos, a professora Waldisa passava do convívio da sala de aula ao trabalho com os futuros profissionais, e a montar projetos museológicos. Assim, através de projetos, foi introduzida a mentalidade museológica com objetivos de: documentar, preservar e divulgar a memória, seja coletiva ou individual.

Em outro projeto evidenciamos a obra de arte em *exposição*, ambientada com fundo musical sendo repertório da mesma época, para sua melhor fruição. Associando assim a “visão à audição” num desdobramento *objeto-som*, para o público gravar melhor as sensações artísticas.

Esse desvelo, característica de quem é formadora de profissionais, dava estímulo e confiança.

Ao defender sua tese (Doutorado em Ciências/Sociologia de Museu), centrada em ideais humanísticos, fez uma obra aberta visando sempre o homem, inovando e contestando, como foi sua vida, uma aventura radiosa.

Guardamos o seu compromisso de profissional com a vida:

“Do museu integral para o museu integrado”

São Paulo, abril de 2010

*Leda Maranhão de Figueiredo Ferraz*

Diplomada em Música (UFRJ, 1979), graduação em Piano (1978);  
bacharelado em História (FFCL de Moema, São Paulo, 1984);  
Pós-Graduação em Museologia (Fesp/SP)



Minha primeira lembrança de Waldisa Rússio é inesquecível, pois sei que foi no dia em que a conheci que a minha vida profissional se definiu.

Não era sem tempo, eu tinha 29 anos e precisava recomeçar a vida. A única chance de estudar Museologia em São Paulo era passar no processo de seleção para o Curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, a Fesp/SP.

Era uma noite de março de 1983. Eu aguardava na antessala para ser entrevistada, tremendo por dentro, e pensava: “Que chance eu tenho de passar na entrevista, de ser escolhida? Eu estudei Ciências Biológicas!”.

A entrevista de seleção seria com a coordenadora do Curso, que eu não conhecia. Momentos intermináveis de espera. Eu tentava adivinhar no rosto de cada candidato que saía da sala: teria se saído bem?

Chegou minha vez. Lembro da Waldisa sentada à minha frente, seu rosto de traços fortes, seus olhos azuis, tudo o que ela dizia tinha uma energia, uma vibração. Ela me contou então da importância do trabalho interdisciplinar nos museus. Me fez perceber como eu poderia contribuir com meus conhecimentos e formação anterior na pesquisa na área de conservação preventiva, por exemplo. E de fato assim foi; durante três anos pude estudar Museologia e trocar experiências, aprendendo tanto com professores como com os colegas. Mais tarde, a seu convite, dei aulas no Instituto de Museologia, nas disciplinas de “Conservação Preventiva”, “Climatologia” e “Museus de Ciência e Técnica”.

A segunda lembrança foi ter trabalhado com Waldisa Rússio. Formamos um curso intensivo sobre Museus de História Industrial que foi oferecido a um grupo de funcionários da Centrais Elétricas de São Paulo (Cesp). Para ministrar o curso ela convidou a mim e mais alguns de seus alunos: Ricardo Bogus, Heloisa Barbuy, Suely Ceravolo, Luiz Mazzaro.

As aulas foram inovadoras, debatendo-se conceitos de ecomuseologia, de semiologia com o professor Samir Meserani, aprendendo sobre arqueologia industrial com o professor Rui Gama. O desejo de criar um Museu da Energia paulista não frutificou naquela ocasião, ficou latente, e se concretizou dez anos mais tarde, pela criação da Fundação Energia e Saneamento, onde eu pude realizar um pouco daquilo que sonhávamos.

A terceira lembrança está ligada às duas anteriores: estudei, trabalhei e me tornei museóloga graças a Waldisa Rússio. Pude obter o registro profissional, pois, por sua intervenção, a nossa Lei de Regulamentação Profissional (7287/84) aceita o registro de mestres e doutores.

São lembranças e exemplos de Waldisa que me estimulam na defesa da categoria profissional no Conselho Regional de Museologia, e pela prática da Museologia, cujos princípios ela nos ensinou, através da minha empresa, a Oficina 3 Comunicação.

*Ana Silvia Bloise*

Presidente em exercício do Corem, 4ª Região;  
Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas (USP, 1977);  
Pós-Graduação em Museologia (Fesp/SP, 1983-1985);  
Administração (FGV, 1989-1991);  
Políticas Públicas de Cultura (EAD/UnB, 2007-2008)

Ainda aluna da Faculdade de Belas Artes, tomei conhecimento, pela professora de Crítica e História da Arte Eunice M. Sophia, de um Curso de Especialização em Museologia. Fiquei muito interessada, pois me pareceu uma excelente possibilidade de continuar estudando. E fui atrás de informações. Inscrita no processo seletivo, no início de 1983, fui chamada para uma entrevista. Esse foi o meu primeiro contato com a Waldisa. Sentadas em uma mesa, ela perguntou o que eu fazia. Pronto, ela mesma começou a lançar mil ideias para minha inserção na Museologia, falou muitos minutos, toda a entrevista girou em torno dessas ideias. Todas me pareceram inquietantes, e a simpatia e inteligência da Waldisa me fascinaram. Mas saí da entrevista sem saber o que esperar, porque eu não tinha falado nada e isso é atípico em uma entrevista seletiva. Fiquei com dúvida sobre o resultado. Daí para frente, como aluna, pude entender o que se passara. Waldisa era assim, uma professora encantada pela disciplina Museologia e com o potencial dos museus e, além de tudo, incentivava a todos os alunos a darem vazão às suas próprias experiências. As aulas de Teoria Museológica ministradas pela Waldisa eram fascinantes. Lembro-me bem que ela nos colocava em contato com os autores do momento, aqueles que participavam dos trabalhos do Icofom naqueles áureos tempos de estruturação da disciplina. Recebíamos cópias desses textos que eram devorados por todos nós em aula. Sou muito grata a Waldisa por isso, reconheço que ela teve uma atitude exemplar, disseminando um conhecimento museológico atualizado, não restrito ao tecnicismo tão comum à época. O Curso de Especialização da Waldisa (como ainda é conhecido) foi inovador, tenho essa consciência, pois se baseava em um recorte antropológico. Por conta disso havia muita controvérsia, pois o velho e o estabelecido sentiam-se ameaçados. Waldisa era sempre combativa, lutando pela área e pelo reconhecimento nacional do Curso de Especialização em Museologia de São Paulo. Não eram tempos fáceis, mas os conflitos eram decorrentes da quebra (ou não) de paradigmas falidos e da hegemonia existente. Nós alunos participávamos também do conflito, ora como combatentes, ora como vítimas de perseguição contra a turma de São Paulo. Nesse aspecto Waldisa foi exemplar, pois sempre, com atitudes, deixou claro que não era uma questão corporativa e sim um processo de construção de uma área de conhecimento e atuação profissional.

Como professora Waldisa era estimulante e motivadora, passava-nos sua inquietude com tudo o que se passava no mundo da Museologia nacional e internacional. Como autora buscava dialogar com outros

pensadores da área, em especial com os parceiros do Icofom/ICOM. Até hoje busco os seus artigos originais dos primeiros anos desse Comitê. São estruturadores e, ainda, uma grande referência. Enfim, entendo agora que, com aquela entrevista em 1983, a Waldisa me deu uma grande oportunidade profissional. Ela permanece nas minhas lembranças cotidianas e se desejo homenageá-la, trabalho para transformar o cotidiano dos museus, ensino para uma reflexão comprometida com a sociedade, participo da construção e valorização da área de Museologia.

### *Marília Xavier Cury*

Formada em Educação Artística (Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1982);  
Especialização em Museologia (Instituto de Museologia de São Paulo, 1983-1985);  
mestre (1999) e doutora (2005) em Ciências da Comunicação (USP);  
desde 1992 é docente em Museologia no MAE-USP



### Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Numa tarde em atividade de estagiária do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP), estava na sala do prof. Kabengele Munanga, se me lembro, procurando algum livro na estante ou vendo as fichas da coleção africana. Entrou na sala Nélida Rodrigues, uma cabo-verdiana alta, esbelta, muito ativa, que naquela época também era “estagiária do Kabe” – assim dizíamos – e falou: “Descobri um curso de Museologia, fica lá na cidade”. Com o endereço em mãos cheguei na mesma noite à rua General Jardim, à Escola de Sociologia e Política de São Paulo. A Waldisa fazia entrevistas para os interessados no curso de Museologia. Não me lembro o todo da conversa, mas ficou a pergunta que ela me dirigiu sobre quais as minhas intenções para fazer o curso. A resposta foi: “Procuro uma profissão”. Não sei se por essa resposta ou não, fui aceita.

Foram anos especialmente difíceis para mim. Havia me separado recentemente; a vida estava “de pernas para o ar”. Ir às aulas era um bálsamo. Um grupo de alunas muito coeso foi se formando com gente séria, “perguntadora” e inquieta, que me ajudou e acompanhou nesse transcurso. A professora Serafina Borges do Amaral me chamava a atenção: “Menina, a vida não acabou, vá em frente!”. A Waldisa me animava desviando o assunto doído com histórias pessoais sobre seu trabalho com museus.

As aulas eram à noite. Me lembro certa vez, ainda no endereço da General Jardim, que sem sala a Waldisa não teve problema algum em sentar-se conosco nas escadas e ali mesmo dar sua aula. Figura forte, com um carisma singular, olhos brilhantes, agitada, “boa de briga” – das brigas produtivas –, falava então de uma Museologia em que parecia ter a maior fé. Os museus podiam e deviam ajudar a transformar o mundo. Acho que todas nós, da classe, acreditamos. Waldisa nos falava do ICOM, das discussões do Icofom, dos debates, dos encontros e... dos desencontros no “mundo dos museus”. Sinceramente, eu não tinha a menor dimensão de todas as tramas que ela trazia para as aulas/conversas. Só sei que sem sombra de dúvida ela me envolvia. Saía das aulas com a sensação de ter aprendido alguma coisa; a sensação produtiva da descoberta.

Certa vez fui à casa dela. De lá saí com a impressão de que eu jamais poderia encontrar qualquer texto ou documento naquelas pilhas e pilhas de textos, papéis ou documentos – quem sabe? Mas de um desses amontoados ela tirou, como num passe de mágica, o livro que se propôs a emprestar.

Ficou na memória também uma aula na Pinacoteca de São Paulo. Cheguei cedo, andei a esmo até que a vi entrar dando vida ao vazio das salas. Até hoje, quando entro na Pinacoteca, me lembro daquele sábado, da luz morna que enchia o espaço, da voz clara e definidíssima da Waldisa pronta para explicar. Não me lembro das explicações, mas de sua imagem, de sua postura corporal, do seu tom de voz. Quando entro na Pinacoteca, num sábado pela manhã, por exemplo, e vejo tanta gente esperando abrir as portas – gente jovem em grupos, pais com seus filhos, mulheres ou homens sozinhos, de tênis, imagine só! –, me vem à mente a ideia de que a Waldisa ficaria feliz de vê-los ali, incluindo, finalmente, um museu no tal “hábito cultural”.

Dela recebi um presente: dar a aula de Tipologia e Classificação de Museus no curso, depois de formada. Foi por pouco tempo. Quase entrei em desespero de tensão. Ela me disse que eu ia aprender. Só sei que me debrucei como louca no tema para dar conta da tarefa.

Quando, anos depois, me preparava para a qualificação do doutorado e pude rever com calma as revistas *Museum* desde seu primeiro número até o começo dos anos 90, minhas lembranças de aula foram vindo à tona.



Foi o momento em que me dei conta, com detalhes, de como a Waldisa tinha sido corajosa, arrojada mesmo, em montar o curso de Museologia com tão poucos recursos. Ficou mais evidente seu esforço. Foi com ela e o conceito de *fato museológico* que abri as “Inquietações” do doutorado. No papel, tive um jeito de travar uma discussão que não foi possível antes. Pena que ela não pôde responder.

Com tudo isso, digo em aulas que “desconfio” dos museus.

Ela acreditava e nos fez acreditar.

Salvador, 2 de março de 2010

*Suely Moraes Ceravolo*

Graduação em História; mestrado e doutorado em Ciência da Informação (Fesp/SP, 1987), atualmente professora do Departamento de Museologia, FFCH/UFBA



## Professora Waldisa

Conheci Waldisa por ter sido sua aluna no Curso de Museologia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foram três anos de curso de pós-graduação, de 1986 a 1988, no então chamado Instituto de Museologia de São Paulo, abrigado na rua do Ouvidor.

Também presenciei a implantação de um museu de ciências, ao longo de 1986 e 1987. Waldisa foi autora do projeto museológico da Estação Ciência, que estava sendo implantada pelo CNPq em São Paulo. E o Museu do Instituto Butantan, onde eu trabalhava na época, foi uma das instituições colaboradoras.

No Instituto de Museologia, lembro de suas apresentações afetuosas dos professores do curso, em cada início de disciplina. E suas aulas tinham minha admiração: estendia amplamente um tema para então amarrá-lo em vários nós. Fazia uma tessitura que, mais do que organização de ideias, era uma rede para os ouvintes, mas uma rede de malha aberta.

Em 1989, fui convidada por Waldisa para lecionar parte de sua disciplina “Museologia Geral – Teoria Museológica” nos cursos do

Instituto. Aceitei, feliz com a oportunidade de estudar mais e discutir o tema. No ano seguinte, o desafio foi mantido para a mesma disciplina e para uma segunda, intitulada “Objeto Técnico e Científico”.

Comecei o ano de 1990 participando também dos trabalhos de organização didática do Instituto. Mas não acompanhei os preparativos da viagem que Waldisa fez naquele ano. Tínhamos um contato muito cordial, sempre de professora e aluna, mas não uma relação de amizade.

Após sua morte, fiz parte da Comissão Diretora que se formou no Instituto de Museologia de São Paulo. Lembro que naquele momento, para todos os alunos e ex-alunos, importava a continuidade do Instituto, no modelo desenvolvido por Waldisa, e havia reconhecimento pelo seu trabalho de muitos anos.

Na organização das atividades necessárias, assumi a condução integral da disciplina “Teoria Museológica”, até o término de 1991. Para tanto, tinha três legados de Waldisa – impessoais, estendidos a todos os seus alunos: o convite recebido para aulas, a lembrança de uma professora brilhante e a preocupação com as responsabilidades do Instituto de Museologia de São Paulo.

***Elisabeth Zolcsak***

Graduação em Ciências Biológicas (USP, 1980);  
Pós-Graduação em Museologia (Fesp/SP, 1986-1988);  
Mestrado em Ciência Ambiental (Comunicação Ambiental em Exposições, Procam, USP, 1990); Doutorado em Ciências (Difusão de Conhecimentos Científicos, FFLCH-USP, 2002)

## Reinventando Waldisa

O universo *waldisiano* era composto de vários seres. O marido, Rosine Camargo Guarnieri, um poeta socialista, prefaciado por Mário de Andrade no princípio do século XX e perseguido desde 1937, época em que foi barbaramente torturado. O avô, também poeta, que dava nome à rua onde morava. A mãe e a irmã, Isa e Leda respectivamente, entre outros da família, com todo o carinho. Seu curioso nome, uma junção do pai, Waldemar, e da mãe, Isa. Muitos amigos e alunos. A empregada baiana, Arlete, que dava suporte para ela ser a *andorinha da museologia*, segundo Rossine. Os cachorros Rodrigo e Carolina, que eram tratados como filhos, da raça *sirredê*, pronunciado com sotaque francês, mas que na verdade eram SRD, “sem raça definida”. E “Alfredão”, o carro, um Corcel 2 vermelho, no qual ela levava várias pessoas para casa, após as reuniões e aulas e, ficava horas conversando estacionada na rua.

Ela entrava pelas madrugadas com canecas de café, agarrada à máquina de escrever, lendo, produzindo textos ou projetos. Durante o dia, sempre trabalhou como funcionária pública. Nos intervalos, tinha o tempo preenchido por reuniões, compridos telefonemas, e à noite ia ao Curso de Museologia.

Cuidava muito pouco da saúde, pois dizia que nunca sobrava tempo. Ela era extremamente alérgica e, nas crises de asma, eram inevitáveis as doses de cortisona. Dona de salto alto e saias com fenda, com o tempo e os sucessivos aumentos de peso, mudou a iconografia, adotando saias mais rodadas. Havia dias que seus incisivos olhos eram escandalosamente cristalinos. Tornava-se difícil não comentar o fato. Mas ela brincava, soltando uma gargalhada: “Hoje coloquei as lentes verdes!”.

Nos congressos ao longo da década de 80, o grupo de São Paulo sempre apresentava-se de modo coeso, capitaneado por Waldisa. Apelidei-a de *mamãe coelha*, o que foi prontamente aceito e usado nas correspondências a partir de então – além, é claro, de ter rendido inesquecíveis presentes de Páscoa.

Nas despedidas, era de praxe, em meio a uma risada, a frase: “Juízo, mas não muito!”. Também valia o alerta, “desconfie das pessoas que não demonstram emoção, pois as melhores coisas da vida são as que nos emocionam”.<sup>21</sup>

---

21 Carta, 1987.

Escrevia muito bem, quer temas acadêmicos ou pessoais, afirmava que “não podemos renunciar ao espírito poético do homem”.<sup>22</sup>

Ter a sorte de conviver com ela e fazer parte do *alunado*, como dizia, foi um privilégio. Escreveu-me um dia, chegando apressada ao aeroporto, “Sorte grande é para quem tem... nem todos podem comprar ou ganhar”.<sup>23</sup>

Em termos de Museologia, adepta das utopias, era brilhante. Preocupava-se muito com o homem e o planeta, “Cá fora estou gloriosa: traduzida para o Tcheco, fazendo um pequeno seminário para a Gulbenkian e convidada a falar no Instituto Piaget”.<sup>24</sup> Em uma reflexão comentada, em uma das madrugadas de trabalho, antes da ida ao seminário “Políticas Culturais para o Século XXI”, no México, em 1987, disse: “Talvez o mundo mesmo será visto como o grande museu da humanidade”. Uma de suas características era sempre pensar grande, “e vamos todos em defesa da Museologia nacional, universal e quiçá, interplanetária”.<sup>25</sup>

O compromisso ético e a questão ideológica estavam presentes, acima de tudo:

Exige-se, hoje, que a atuação do museólogo seja *correta, coerente e ética*. *Correta* no que concerne à aplicação dos princípios científicos. *Coerente* não apenas no atinente à interdependência entre a teoria e a prática mas, sobretudo no atinente às necessidades sociais: e *Ética* relativamente não apenas à profissão e à instituição museal mas, também em relação às expectativas e aos direitos de todos os homens.<sup>26</sup>

Dizia também que “as coisas mais inocentes são explosivas nas mãos de quem pensa”.<sup>27</sup> Lembrava de modo enfático, “não nos esqueçamos das intermitentes e longas tempestades de intolerância nesta *terra fremeosa, em que se plantando tudo dá...*, até o amor, quem sabe um dia”.<sup>28</sup>

---

22 Bilhete, s.d.

23 Escrito em bilhete de loteria, 6 jan. 1987.

24 Cartão-postal, 1985.

25 Dedicatória de livro, 9 maio 1989.

26 Apresentação no Congresso ICOM, Belo Horizonte, 1986.

27 Dedicatória de livro, 1987.

28 Dedicatória de livro, 9 maio 1989. Ela faz referência à Carta de Pero Vaz de Caminha, a “certidão de nascimento do Brasil”, na qual se usa português arcaico.

Agora, da coelhinha para a coelhona, eu desejaria, se pudesse, “mil constelações de alegrias e muitos frutos do trabalho. Beijos infinitos”,<sup>29</sup> e muitas, mas muitas “saudades, saudadinhas e saudades”.<sup>30</sup>

***Maria Inês Lopes Coutinho***

Artista Plástica; graduada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1980); Museóloga (Fesp/SP, 1981-1983); Mestre em História Ibero-Americana (PUC-RS, 1996)

Dados do Curso de Museologia – Fesp/SP

Ano	Formandos	Ano	Formandos
1978	34	1988	4
1979	12	1989	10
1980	9	1990	6
1981	13	1991	8
1982	5	1992	0
1983	6	1993	3
1984	2	1994	3
1985	9	1995	1
1986	12	1996	3
1987	2		
		Total:	142

<sup>29</sup> Cartão, 25 dez. 1988.

<sup>30</sup> Carta, 1985.



## Parte 2

Associação Paulista de Museólogos (Asspam):  
apontamentos para uma história de protagonismo  
na Museologia paulista

---

Caroline Grassi Franco de Menezes





## 2 Associação Paulista de Museólogos (Asspam): apontamentos para uma história de protagonismo na Museologia paulista

*Caroline Grassi Franco de Menezes*

Ao atentar para a trajetória profissional de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, é possível afirmar que a fundação da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM) e da Associação Paulista de Museólogos (Asspam),<sup>1</sup> ambas em 1983, foram importantes iniciativas que contribuíram para a consolidação da área museológica do estado de São Paulo, embora atualmente pouco conhecidas e estudadas.

A atuação de Waldisa no sentido da formação e capacitação de museólogos e trabalhadores de museus marcou toda uma geração de profissionais, inicialmente por meio do Curso de Especialização em Museologia, da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), e, a partir de 1985, do Instituto de Museologia de São Paulo, vinculado à mesma instituição. Nesse momento, em que o país passava pelo processo de redemocratização com a campanha nacional pelas eleições diretas para a Presidência da República, a sociedade civil encontrava-se mobilizada para a reconquista política dos direitos civis reprimidos pelo regime militar e para a construção de uma nova ordem político-econômica.

É nesse contexto que, com seu olhar atento, analítico e pioneiro, Waldisa percebeu a necessidade de organização como categoria profissional, preocupada especialmente com o impasse da regulamentação da profissão de museólogo e com a necessidade de interiorização paulista da Museologia.

Conduziu, então, a fundação da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM), entidade com representatividade regional e caráter abrangente, pois além de se propor a congregar todos os diferentes tipos de profissionais das instituições museológicas (desde o diretor até o porteiro), estas foram compreendidas de acordo com uma concepção ampla, segundo a qual podem ser equiparadas a centros culturais e a organismos oficiais de preservação de patrimônio, entre outros.

<sup>1</sup> O arquivo relativo às Associações foi doado em 2010 ao Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Cedoc/Fesp).

Por sua vez, esse processo também culminou com a formação da Associação Paulista de Museólogos (Asspam), definida como o “órgão de classe representativo dos museólogos do estado de São Paulo”.<sup>2</sup> A partir do objetivo fundamental de buscar “a dignificação, proteção e defesa dos interesses profissionais de seus membros e de toda a categoria”,<sup>3</sup> a Asspam se dedicou à “fiscalização ética do exercício profissional dentro do campo da Museologia e à luta constante pelo aperfeiçoamento das instituições de caráter museológico, dentro de uma dimensão maior de política cultural”.<sup>4</sup>

As listas de presença das reuniões conjuntas entre a ATM e a Asspam indicam que as associações buscaram integração, até o momento em que a Asspam naturalmente tornou-se proeminente, a ponto de a ATM encaminhar pedidos para ser incorporada a ela – pedidos que sempre foram negados. Este artigo baseia-se na documentação produzida e acumulada pela Asspam durante seus anos de funcionamento (1983-1991) e que estão mantidos com a professora Maria Cristina Oliveira Bruno. Desde documentos administrativos (fichas cadastrais de sócios, carimbos, balanços fiscais, circulares etc.) até informes sobre vagas de museólogos e cartas de reivindicação enviadas a autoridades governamentais e institucionais, esse rico acervo permite a visualização de uma atuação organizada e comprometida com as questões da área museológica e cultural em vigor na década de 1980.<sup>5</sup>

Estatutos determinavam a estrutura administrativa da Asspam, composta por Diretoria Executiva, Comissão de Ética e Admissão e Conselho Fiscal, cujos cargos foram ocupados por sócios eleitos para mandatos de dois anos – duração de cada gestão. É importante destacar a importância atribuída à Assembleia Geral, considerada o órgão deliberativo máximo. Graças à preservação dos Livros de Ata das Reuniões de Diretoria e das Assembleias, é possível conhecer os detalhes da dinâmica e das questões discutidas nesses encontros.

Waldisa foi a primeira presidente da Asspam, integrando tanto a Diretoria Executiva provisória, que trabalhou durante o ano de 1983 para a estruturação da associação, quanto a Diretoria Executiva do biênio 1984-1985. Com isso, imprimiu na dinâmica da associação

---

2 Capítulo I, Art. 2º dos Estatutos da Asspam.

3 Ibidem.

4 Ibidem.

5 O Inventário do Fundo Asspam, anexo a este artigo, permite a visualização do perfil geral da documentação.

marcas de suas crenças pessoais e princípios museológicos, que acabaram por caracterizar toda a atuação da associação. O texto denominado “Tentativa de avaliação da 1ª Presidência da Asspam quanto ao desempenho da 1ª Diretoria da entidade”, escrito e provavelmente lido por Waldisa durante a 4ª Assembleia Geral, realizada em 15 de dezembro de 1985, quando do encerramento de seu mandato e eleições para a gestão do biênio 1986-1987, apresenta alguns dos principais pontos referentes às marcas que imprimiu na associação, contextualizados a seguir.

Em primeiro lugar, devo lembrar que uma Presidência não se exerce isoladamente, antes resulta de um esforço coletivo, com prioridade para a Diretoria, especialmente a Secretária. Eu diria mesmo que uma boa Presidência depende sobretudo de uma boa Secretária.

Adquirida ao longo de sua trajetória profissional como responsável por relevantes projetos museológicos, tais como a estruturação e implantação do Museu da Casa Brasileira em 1970 (tendo sido sua diretora técnica de 1970 a 1975), a instalação da Casa Guilherme de Almeida em 1979 (tendo sido sua primeira diretora) e a coordenação do Projeto Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia até 1982, a visão administrativa de Waldisa possibilitou à gestão da Asspam “uma administração solidária, que resultasse, o máximo possível, de consenso”.

Com o olhar sensível às questões sociais, políticas e culturais de seu tempo e a convicção de que uma práxis museológica coerente deve se basear no binômio museu-sociedade, segundo o qual o museólogo é um trabalhador social, Waldisa inseriu a Asspam nas frentes abertas pela sociedade civil dentro do contexto da redemocratização do país, em 1984.

Penso que nossa participação em movimentos cívicos maiores, que extrapolam a mera condição do exercício profissional, como os das campanhas pelas eleições diretas para a Presidência da República (Diretas, Já!) e por uma Constituinte efetivamente popular, representativa e democrática ... constituiu em contribuição da categoria a um processo mais amplo e assegurou ao museólogo de São Paulo um reconhecimento muito largo de sua imagem como trabalhador e cientista social que não se esquivava ao exercício e à luta pelo exercício de seus direitos de cidadania.

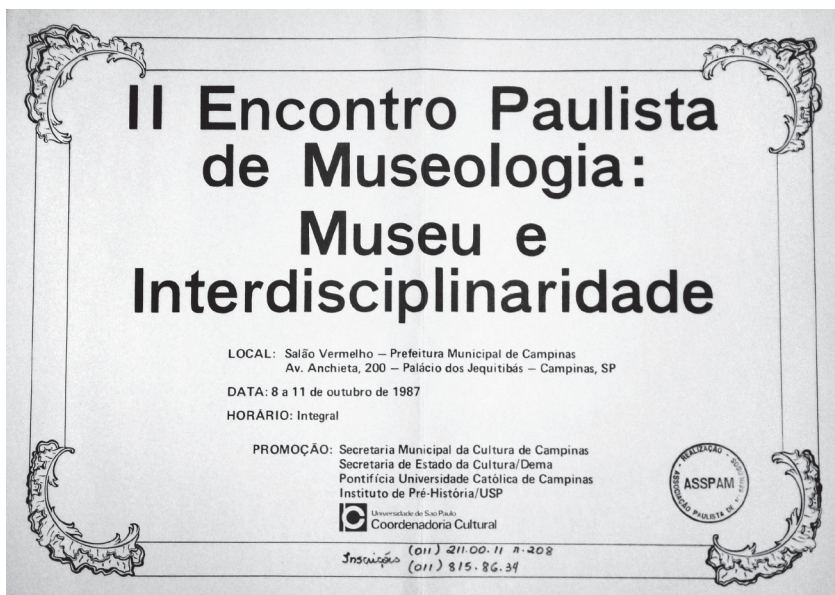
De fato, a Asspam se caracterizou como uma associação engajada, pois uma de suas principais linhas de atuação foi a luta pelo exercício da profissão de museólogo, em diferentes momentos e instâncias.

Se temos hoje uma profissão reconhecida, sabemos que tivemos parte importante nesse processo ... Quando avalio o passado recente e nossa situação hoje, sem esquecer as dificuldades presentes e futuras, parece-me que vencemos algumas boas batalhas e que, em seu conjunto, a *associação* e a *profissão* museal cresceram e se impuseram nesse tempo ... Nem por estar regulamentada a profissão, terá a nova Diretoria, menos dificuldades e menores lutas.

Consciente desse papel, a Asspam organizou, por meio das Diretorias que se seguiram à de Waldisa – a Presidência de Maria Cristina Oliveira Bruno (biênio 1986-1987) e a de Marcelo Mattos Araujo (biênio 1988-1989) –, o processo de constituição do Conselho Regional de Museologia de São Paulo (Corem/SP) e participou da concepção e revisão do Sistema de Museus do Estado de São Paulo, instituído pelo Decreto 24.634, de 13 jan. 1986.

Em relação a lutas pontuais, relevantes do ponto de vista da defesa do exercício da profissão, a Asspam teve como estratégia constante o envio de cartas e ofícios a diferentes autoridades e instâncias de poder. Por exemplo, a carta enviada ao reitor da Universidade de São Paulo, manifestando repúdio pelo afastamento arbitrário dos pesquisadores Walter Neves e Solange Caldarelli do quadro funcional do Instituto de Pré-História, com prejuízo ao Museu de Pré-História Paulo Duarte (1985). Como também a carta enviada ao Museu da Alargatas, em protesto contra a demissão de sua museóloga, substituída por pessoa leiga, e a carta ao Secretário de Estado da Cultura, reivindicando o aproveitamento dos museólogos concursados (1986).

O estímulo e a valorização do debate, da troca de experiências e do trabalho interdisciplinar representaram diretrizes que orientaram a Asspam não somente a participar, como também a organizar palestras, visitas a museus e instituições culturais e grupos de trabalho, entre outras atividades. Neste sentido, visando promover uma maior articulação e integração entre profissionais e instituições museológicas de todo o estado de São Paulo, a associação empreendeu, a partir de 1986, uma das atividades que se tornaram características referenciais de sua atuação: os Encontros Paulistas de Museologia.

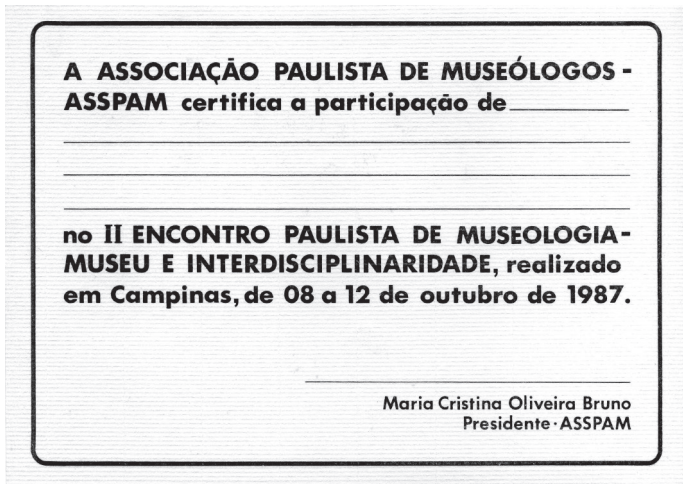


Cartaz do II Encontro Paulista de Museologia,  
“Museu e Interdisciplinaridade” (1987).

Embora a concepção original seja de Waldisa, a iniciativa foi efetivada pelas gestões seguintes com o empenho conjunto dos sócios. Quatro Encontros foram organizados ao longo dos anos, tendo sido sediados por diferentes cidades e com a programação estruturada a partir de temas centrais, a saber: “A Questão dos Museus de História” (Itu, SP, 25-28 set. 1986), “Museu e Interdisciplinaridade” (Campinas, SP, 8-11 out. 1987), “Museu: Comunicação/Educação” (Santos, SP, 26-30 out. 1988) e “Museologia em Processo” (São Paulo, SP, 12-15 jul. 1989). Além de apresentações conceituais, por meio de palestras, painéis e mesas-redondas que contaram com as exposições de Waldisa, Ulpiano Bezerra de Meneses, Ernani da Silva Bruno, Ítalo Arnaldo Tronca, Maurício Segall, Ana Mae Barbosa e Jean-Bernard Roy, entre outros profissionais e estudiosos de destaque, os Encontros também contemplaram atividades práticas, tais como grupos de trabalho setoriais com concepção de projetos e visitas a museus e instituições culturais de cada cidade, com o objetivo de envolver todos os participantes em reflexões e proposições a partir dos assuntos debatidos.

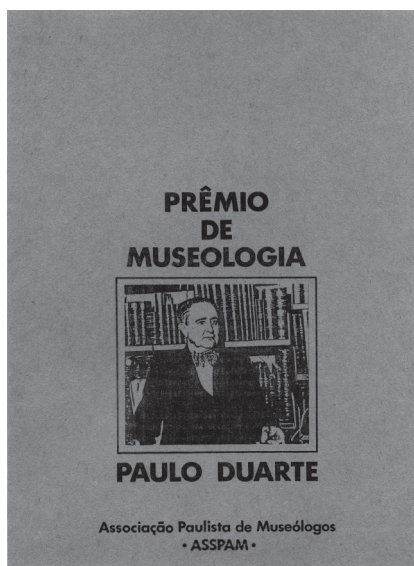


Cartaz do III Encontro Paulista de Museologia,  
“Museu: Comunicação/Educação” (1988).



Certificado de participação do II Encontro Paulista de Museologia,  
“Museu e Interdisciplinaridade” (1987).

Ainda neste sentido de reflexão sobre a práxis museológica, de forma a valorizar e reconhecer trabalhos desenvolvidos por profissionais e instituições em termos de qualidade técnica e conceitual, inovação e contribuição social efetiva, a Asspam criou, também a partir de 1986, o Prêmio de Museologia Paulo Duarte. A trajetória de Paulo Duarte, dedicada à implantação, defesa e luta em favor de projetos e iniciativas patrimoniais, representou a essência buscada pelo Prêmio: a da contribuição significativa para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da Museologia paulista.



Folheto de divulgação do Prêmio de Museologia Paulo Duarte (1988).

Com isto, a Asspam conseguiu organizar a edição de três Prêmios (1986, 1987 e 1988), concedidos anualmente e entregues em cerimônias inseridas nos Encontros Paulistas de Museologia. Para concorrer ao Prêmio, trabalhos e projetos museológicos deveriam ser inscritos de acordo com um regulamento baseado em sete categorias – monografia científica, exposição, serviço educativo, documentação, preservação, divulgação e projeto museológico. Por sua vez, o presidente da associação, um representante da Secretaria de Estado da Cultura, um representante do Instituto de Museologia de São Paulo e um profissional de Museologia atuante no estado formavam a Comissão Julgadora que analisava e deliberava sobre a concessão dos Prêmios nas diferentes categorias.

O Livro de Ata das Reuniões de Diretoria apresenta um momento crítico na relação entre os sócios da Asspam e Waldisa. Trata-se da dificuldade enfrentada pelos alunos formados pelo Curso de Museologia, então já transformado no Instituto de Museologia de São Paulo, para a obtenção do Certificado de Créditos de Mestrado, documento fundamental para o cadastramento como museólogos junto ao Ministério do Trabalho, após a regulamentação da Lei Federal 7.287, de 18 dez. 1984. Nesse contexto, Waldisa era a coordenadora do Instituto e, portanto, encontrava-se inserida em uma das instâncias competentes da Fesp/SP com dificuldades para solucionar essa questão, enfrentando a pressão e as críticas da parte dos profissionais interessados. O referido Livro de Ata contém o registro da reunião realizada no dia 7 de maio de 1986, entre sócios da Asspam e Waldisa, na qual apontou-se que o não credenciamento do Curso de Museologia, até aquele momento, representava um dos fatores que dificultavam a comprovação da condição de museólogo junto ao Ministério do Trabalho. Nesse encontro também foram apontados alguns dos problemas estruturais existentes no Curso, tais como o número reduzido de professores doutores, por exemplo.

Essa situação alimenta a hipótese de um afastamento gradativo de Waldisa em relação à Asspam – especialmente a partir de 1988, quando não esteve presente em nenhuma das instâncias da Diretoria Executiva. É possível que isso tenha contribuído significativamente para o encerramento das atividades do órgão, pois a Asspam foi perdendo força não apenas por conta da ausência de Waldisa, mas também por causa do desenvolvimento das atividades do Corem/SP, que se tornou o substituto da associação como representante da categoria. De fato, não houve eleição para a Diretoria do biênio 1990-1991 por falta de candidatas, e a 10ª Assembleia Geral, realizada em abril de 1990, deliberou a criação de uma Comissão Provisória para buscar soluções para a situação e redefinir o futuro da associação. Após a morte de Waldisa, em junho de 1990, uma circular de abril de 1991 revela que a Comissão Provisória ainda estava em vigor e tentando rearticular a associação. Porém, a documentação não apresenta a ocasião e a data do encerramento definitivo das atividades da Asspam.

Em linhas gerais, levando em conta as especificidades das gestões que sucederam à de Waldisa na direção da Asspam, referentes ao perfil pessoal de cada presidente e ao desenvolvimento gradativo da



política estadual e dos órgãos representativos da área museológica, é possível constatar as marcas deixadas pela presença dela no caráter seguido pela associação, uma vez que a visão concebida por ela foi rigorosamente mantida:

acima das questões regionais, acima de questões internas de classe, relativas a mercado e trabalho – questões obviamente relevantes e indispensáveis – esta associação tem como dever lutar por um profissional respeitável e respeitado, mas também respeitador, no sentido de que o museólogo, talvez mesmo por trabalhar e conviver com os testemunhos do Homem e da Realidade, mais do que qualquer outro cientista e trabalhador social tem compromissos, com o seu Tempo, com o Homem e com a Vida.<sup>6</sup>

### Referências bibliográficas

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FONSECA, Andrea Matos; NEVES, Kátia Regina Felipini. Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini. *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

---

6 Trecho final do texto “Tentativa de avaliação da 1ª Presidência da Asspam quanto ao desempenho da 1ª Diretoria”, citado anteriormente.

## Documentos do Fundo Asspam consultados

- Carta enviada pela ATM a João Pacheco Chaves (Secretário de Estado da Cultura), assinada por seus membros (30 mar. 1983)
- Estatutos da Asspam
- Folheto com a programação do 2º (1987), 3º (1988) e 4º (1989) Encontros Paulistas de Museologia
- Folhetos de divulgação do regulamento e do Prêmio de Museologia Paulo Duarte (1986, 1987 e 1988)
- Folhetos de divulgação dos premiados do Prêmio de Museologia Paulo Duarte (1986, 1987 e 1988)
- Livro de Ata das Assembleias Gerais (1983-1990)
- Livro de Ata das Reuniões de Diretoria (1983-1988)
- Proposta definitiva da programação do I Encontro “A Questão dos Museus de História” (1986)
- “Tentativa de avaliação da 1ª Presidência da Asspam quanto ao desempenho da 1ª Diretoria”, reflexão escrita de Waldisa Rússio enviada aos associados da Asspam (15 dez. 1985)
- Texto sem título sobre a ATM e a Asspam para divulgação no Congresso [?] em Brasília (sem data)
- “Waldisa Rússio: uma vocação”, texto datilografado em homenagem a Waldisa, por ocasião de sua morte (sem autor), e o “script” de uma produção audiovisual a partir desse texto [?], com referências à música/cena/tempo/narração
- Xerox do artigo “Waldisa”, escrito por Marcelo Araujo e publicado no jornal *Folha de S. Paulo* em 3 jul. 1990, Cotidiano, p.C-3

## Inventário do Fundo Asspam

Para o entendimento dos tipos documentais e de sua quantidade, a documentação será apresentada por meio das seguintes categorias e subcategorias:

### 1. Diretoria Executiva

Composição: três membros titulares – 1 presidente, 1 secretário, 1 tesoureiro e 2 suplentes.

Atribuições: planejamento das atividades da Associação; administração do patrimônio da Associação; cumprir e fazer cumprir as determinações estatutárias e as resoluções das Assembleias Gerais;

apresentar, ao final de cada ano, em Assembleia Geral ordinária, o relatório de suas atividades, acompanhado da prestação de contas e do programa de trabalho para o ano seguinte; fixar a anuidade a ser paga pelos sócios.

Documentos:

- Livro de Ata das Reuniões de Diretoria
- Listas de presença
- Carta de aviso da ausência da secretária da Asspam na reunião de 8 de dezembro de 1983 e indicação de representante para substituição (6 dez. 1983)

### 1.1. Secretaria

Atribuições: supervisionar os serviços administrativos e culturais; preparar o material e a documentação relativos às reuniões da Diretoria e Assembleias Gerais; redigir atas e relatórios; encarregar-se da propaganda e divulgação das atividades da Associação e da distribuição dos convites relativos a tais atividades.

Documentos:

- 2 carimbos “Asspam – Associação Paulista de Museólogos”
- 1 carimbo “Realização Asspam – Associação Paulista de Museólogos”
- *Mailing list*, com os endereços e telefones de museus, instituições e profissionais
- Papéis timbrados
- 2 pedidos de licença da presidente Waldisa Rússio (12 jul. e 27 out. 1983)
- Declaração de que Alda Ribeiro é tesoureira da Asspam durante o biênio 1986-1987 e é designada pela presidente Cristina Bruno a tratar de todos os assuntos referentes à correspondência, em nome da Associação e dela (15 jul. 1986)
- Carta enviada pela ATM e pela Asspam ao Secretário de Estado da Cultura (sem data, provavelmente 1983-1984)
- Carta de Waldisa Rússio a Cristina Bruno (presidente da Asspam), pedindo providências sobre a postura e as definições do referido curso (13 fev. 1986)
- Carta-resposta de Elza Ajzenberg (coordenadora do curso) à presidente da Asspam (24 fev. 1986)

- Circular que informa a aprovação da Lei 7.287, de 18 dez. 1984, permitindo assim a criação de cargos de museólogos (28 jan. 1985)
- Relação das pessoas às quais foi enviada a circular que informa a aprovação da Lei 7.287
- Tentativa de avaliação da 1ª Presidência da Asspam quanto ao desempenho da 1ª Diretoria, reflexão escrita de Waldisa Rússio enviada aos associados da Asspam (15 dez. 1985)
- Carta enviada pelos museólogos da Bahia e de São Paulo (representados pela Associação de Museólogos da Bahia, pela Associação Paulista de Museólogos e pelo Comitê Brasileiro do ICOM) ao presidente do CNPq, solicitando que a Museologia seja incluída entre as prioridades científicas e que o Programa de Museus do CNPq seja dinamizado e democratizado, com a cópia da carta entregue ao ministro da Cultura em 7 maio 1985
- Carta com o pedido de licença de Ricardo Bogus do cargo de secretário da Asspam durante os dias 12 jan. a 12 fev. 1986
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de dar início às atividades da Asspam em 1988 (8 fev. 1988) – 37 cópias
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de discutir a Lei 7.287, que regulamentou a profissão de museólogo (8 fev. 1988) – 34 cópias
- Circular que informa sobre as deliberações da Assembleia Geral de 15 dez. 1985 sobre a arrecadação de anuidades (3 jan. 1986)
- Circular que informa sobre as deliberações da Assembleia Geral de 6 dez. 1986 e algumas atividades a serem realizadas (15 jan. 1987)
- Circular que convida os associados a participar dos grupos de trabalho formados a partir da discussão de medidas e sugestões de aprimoramento da Lei 7.287 (2 mar. 1988)
- Circular que informa sobre as deliberações da Assembleia Geral de 24 fev. 1988 sobre a arrecadação de anuidades, e em anexo uma nova ficha de inscrição para renovação dos dados cadastrais (8 mar. 1988)
- Circular que informa os associados sobre a programação do 3º Encontro Paulista de Museologia, convidando-os a apresentar comunicações (6 jul. 1988)
- Circular que informa o calendário de eventos para agosto de 1984, com palestras, visitas, grupo de estudos e reunião de Diretoria (26 jul. 1984)
- Circular que informa o calendário de eventos para junho de 1984, com grupo de estudos (1º jun. 1984)

- Circular que informa o calendário de eventos para setembro de 1984, com debates, palestras, grupo de estudos e reunião de Diretoria (1º set. 1984)
- Circular que informa o calendário de eventos para outubro de 1984, com curso, palestra, visita, reunião geral e reunião de Diretoria (1º out. 1984)
- Circular que informa o calendário de eventos para novembro de 1984, com cursos, palestra, visita e reunião de Diretoria (1º nov. 1984)
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de discutir a Lei 7.287, que regulamentou a profissão de museólogo, e a luta por uma Assembleia Constituinte livre, soberana e democrática (28 jan. 1985)
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de discutir diversos aspectos relacionados com a regulamentação da profissão de museólogo, decorrentes da Lei 7.287 (10 abr. 1985)
- Circular que informa sobre a viagem de Waldisa a Brasília, novos sócios efetivos, congressos, encontros, visita e próxima reunião geral (20 jun. 1985)
- Circular que informa o calendário de eventos para agosto de 1985, com defesa de mestrado, jantar mensal de confraternização e reunião geral, entre outros (25 jul. 1985)
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de discutir diversos assuntos de interesse associativo (1º out. 1985)
- Circular que informa sobre a Comissão Eleitoral para as eleições a serem realizadas na Assembleia Geral de dezembro de 1985, entre outros assuntos (17 out. 1985)
- Circular que convida os associados a uma visita ao Museu de Pesca de Santos, entre outros lugares da cidade, e à próxima reunião geral (11 jan. 1986)
- Circular que convoca os associados a se inscreverem no Ministério do Trabalho, a fim de criar o Conselho Regional de Museologia, e convida para uma visita ao Museu Republicano de Itu (18 fev. 1986)
- Circular que convida os associados a visitas e a uma reunião geral (abr. 1986)
- Circular com a proposta de regimento do prêmio anual em desenvolvimento (Prêmio Paulo Duarte) e convite para visita ao Museu Lasar Segall e ao Museu Geológico (8 abr. 1986)
- Circular que convida os associados para uma *pizza* de confraternização, a fim de levantar fundos (23 abr. 1986)

- Circular que informa o calendário de eventos para maio e junho de 1984, com referência ao 1º Encontro Paulista (28 abr. 1986)
- Circular que informa os associados sobre o 1º Encontro Paulista (2 jul. 1986)
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de tratar sobre o 1º Encontro, o Corem/SP, o Prêmio Paulo Duarte e a participação na 14ª Conferência do ICOM (17 jul. 1986)
- Circular de cobrança do pagamento da 2ª semestralidade de 1986 (21 jul. 1986)
- Circular que informa sobre as moções aprovadas no 1º Encontro “A questão dos museus de História” (out. 1986)
- Circular que informa o calendário de atividades de abril de 1987, com piquenique em Paranapiacaba e palestra de Marcelo Araujo sobre seu estágio em museus de arte norte-americanos (20 mar. 1987)
- Circular que informa a constituição do Conselho Federal de Museologia em abril de 1987, entre outros assuntos (3 maio 1987)
- Circular que convoca os ex-alunos do Instituto de Museologia a uma reunião para tratar de assunto referente ao registro profissional de museólogo e que informa sobre o calendário de atividades de julho e agosto de 1987 (22 jun. 1987)
- Circular que apresenta os premiados e convida os associados da Asspam a comparecerem à entrega do Prêmio de Museologia Paulo Duarte (5 out. 1987)
- Circular de convocação dos associados para a Assembleia Geral e para a festa de passagem para a Diretoria 1988/1989, “A fantasia do rigor espontâneo interdisciplinar” (5 nov. 1987). Trecho: “Traje: utilize o tema, ou seja: fantasia, rigor, fantasia a rigor, rigor espontâneo ou qualquer uma das opções ou combinações”
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de discutir diversos assuntos, entre eles a organização do Seminário “O negro e a escravidão no Museu brasileiro” (5 abr. 1988)
- Circular que convida os associados a participar das reuniões do Grupo de Trabalho 1, criado para aprofundar o tema do “Perfil do Museólogo” (5 abr. 1988)
- Circular que solicita dos associados a divulgação e fornece informações sobre o Seminário “O negro e a escravidão no Museu brasileiro” (10 maio 1988)
- Circular de divulgação da vaga de um museólogo para a elaboração do projeto museológico do Museu da Casa Brasileira (7 jun. 1988)

- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de avaliar as atividades do primeiro semestre e discutir a organização do 3º Encontro Paulista de Museologia (22 jun. 1988)
- Circular que convida os associados a debater a proposta da exposição “Leitura de Fragmentos” do Museu da Casa Brasileira, a convite da própria instituição (10 jul. 1988)
- Circular que informa que o prazo para inscrição no Prêmio Paulo Duarte 1987 foi ampliado (14 jul. 1988)
- Circular que convida os associados a uma visita à exposição “Ser Negro Hoje”, no Museu Paulista da USP (10 set. 1988)
- Circular de convocação dos associados para uma reunião geral, a fim de dar início às atividades do ano (2 fev. 1989)
- Circular de divulgação de cursos no Museu de Pré-História Paulo Duarte e no MAC-USP (15 mar. 1989)
- Circular de convocação dos associados para reunião preparatória para o 4º Encontro Paulista de Museologia (15 mar. 1989)
- 4 circulares que foram enviadas e retornaram (1989)
- Listas de presença das reuniões
- Carta enviada por Marcelo Araujo ao secretário da Asspam para inscrever uma chapa para as eleições das novas Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e Comissão de Ética e Admissão (20 nov. 1987)
- Ofício de envio da xerox da publicação no *Diário Oficial* da convocação dos museólogos habilitados em concurso público (16 out. 1987)
- Circular de convite para o Ato Público nas escadarias do Teatro Municipal, a fim de protestar contra a ameaça de demissão de funcionários da área museológica e da cultura e contra os cortes orçamentários sofridos (1º mar. 1989)
- Circular de anúncio da vaga de museólogo para o Instituto Biológico (12 abr. 1989)
- Circular que informa sobre as deliberações da Assembleia Geral de 15 fev. 1989 sobre a arrecadação de anuidades (12 jun. 1989)
- Circular de anúncio de vagas de museólogo para a Fundação Pinacoteca Benedito Calixto de Santos e para a Companhia Docas do Estado de São Paulo – Codesp (25 jul. 1989)
- Circular de convocação dos associados para uma reunião em que Cristina Bruno, Marcelo Araujo, Marília Cury e Pierina Camargo apresentarão um relato sobre a 15ª Conferência Geral do ICOM (13 nov. 1989)

- Circular que informa as decisões da última Assembleia Geral da Asspam, de 26 abr. 1990: eleição de Comissão Provisória composta por cinco membros, com a finalidade de consultar os associados para diagnosticar as razões da crise e propor alternativas de atuação; para tanto, é enviado um questionário (15 maio 1990)
- 31 questionários respondidos pelos sócios (maio-jun. 1990)
- 2 questionários em branco (maio-jun. 1990)
- Resultado total dos questionários
- Circular de convite aos associados, enviada pela Comissão Provisória, para o Grupo de Trabalho constituído com o objetivo de discutir e organizar o 4º Encontro Paulista de Museologia, cujo tema proposto é “O museu da cidade” (8 abr. 1991)

## 1.2. Tesouraria

Atribuições: coordenar e dirigir os trabalhos da Tesouraria; responsabilizar-se por toda a escrituração da Tesouraria; efetuar pagamentos e receber importâncias devidas à Associação, a qualquer título, e passar recibos e dar quitação; preparar o balanço anual e a previsão das despesas para serem apresentadas à Assembleia Geral.

Documentos:

- Circular enviada pela tesoureira Alda Ribeiro, de cobrança do pagamento de semestralidades atrasadas (23 jun. 1987)
- Circular enviada pela tesoureira Marília Xavier Cury, de cobrança do pagamento da 1ª semestralidade de 1988 (7 jul. 1988)
- Circular enviada pela tesoureira Marília Xavier Cury, de cobrança do pagamento de semestralidades atrasadas (5 dez. 1988)
- Circular enviada pela tesoureira Marília Xavier Cury, sobre as deliberações da Assembleia Geral de 15 fev. 1989 sobre a arrecadação de anuidades (23 fev. 1989)
- Lista das pessoas que deixam de ser consideradas sócios da Asspam, devido à falta de pagamento de semestralidade por dois anos consecutivos (1987-1988)
- Prestação de contas de 1983
- Prestação de contas de 1984
- Prestação de contas de 15 dez. 1985 a 6 dez. 1986
- Prestação de contas de 1987



- Prestação de contas de 1988
- Prestação de contas de 1989
- Livro dos balanços anuais apresentados nas Assembleias Gerais e aprovados pelos Conselhos Fiscais
- Controle do pagamento das semestralidades (1987?)
- Recibos de depósito em conta-corrente e poupança, recibos de envio de correspondência, extratos mensais de conta-corrente, relação de cheques debitados e talões de recibos (1988-1992)
- Modelo da folha-padrão para prestação de contas (1988-1989)
- 3 folhas-padrão para prestação de contas, em branco (1988-1989)
- Pasta 1 da Tesouraria, com a resolução de 24 fev. 1988 sobre o valor da semestralidade, o controle de pagamento dos sócios por ordem alfabética, um talão de recibo, dois talões de cheque e 200 mil cruzeiros (1988-1989)
- Pasta 2 da Tesouraria, com folhas em branco para controle de pagamento, ofícios para recibo em branco, um relatório mensal, uma folha de talão de cheque, um recibo de depósito, talões de cheque de conta-corrente e caderneta de poupança da gestão 1986/1987, talão de recibo nº 1 e talões de recibo do 3º Encontro Paulista de Museologia (1988-1989)
- Pedido de isenção do pagamento de mensalidade da Asspam (1º mar. 1989)
- Prestação de contas do 1º Encontro Paulista de Museologia (1986)
- Prestação de contas do 2º Encontro Paulista de Museologia (1987)

## 2. Assembleia Geral

Composição: todos os sócios efetivos, temporários e aposentados  
 Atribuições: órgão máximo da Asspam, tinha o poder de decidir sobre alterações nos Estatutos; discutir e votar o relatório do Conselho Fiscal; opinar sobre o plano de atividades anuais apresentado pela Diretoria; e exercer outras atribuições. As deliberações da Assembleia Geral eram efetuadas a partir da maioria simples dos votos.

Documentos:

- Livro de Ata das Assembleias Gerais
- Telegrama de Elena Maria Freitas comunicando ausência na Assembleia Geral da Asspam
- Listas de presença

## 2.1. Assembleia de Fundação

Data: 14 maio 1983

Local: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo –  
rua General Jardim, 522

Presidência: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Total de participantes: 35 pessoas

Documentos:

- Registro em cartório da Ata de Abertura, com a publicação no *Diário Oficial* e a relação das pessoas que participaram da aprovação dos Estatutos – 4 cópias
- Estatutos da Asspam (21 cópias)

## 2.2. 1ª Assembleia Geral

Data: 10 dez. 1983

Local: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo –  
rua General Jardim, 522

Presidência: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Total de participantes: 14 sócios

Documentos:

- Registro em cartório da Ata da 1ª Assembleia Geral – 1 cópia

## 2.3. 2ª Assembleia Geral

Data: 15 dez. 1984

Local: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo  
(curso de Museologia) – rua Martiniano de Carvalho, 156 – 3º andar

Presidência: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Total de participantes: 18 sócios

Documentos:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia
- Registro em cartório da Ata da 2ª Assembleia Geral

## 2.4. 3ª Assembleia Geral – convocação extraordinária

Data: 1º maio 1985

Local: Prédio Solar dos Manacás – rua Abílio Soares, 537 – apto. 92

Presidência: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Total de participantes: 19 sócios

Documentos:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia
- Registro em cartório da Ata da 3ª Assembleia Geral

## 2.5. 4ª Assembleia Geral

Data: 15 dez. 1985

Local: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – rua General Jardim, 522

Presidência: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Total de participantes: 28 sócios

Documentos:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia
- Registro em cartório da Ata da 4ª Assembleia Geral

## 2.6. 5ª Assembleia Geral – convocação extraordinária

Data: 7 jun. 1986

Local: Auditório da Pinacoteca do Estado – avenida Tiradentes, 141

Presidência: Cristina Bruno

Total de participantes: 17 sócios

Documentos:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia
- Registro em cartório da Ata da 5ª Assembleia Geral

## 2.7. 6ª Assembleia Geral

Data: 6 dez. 1986

Local: Museu Lasar Segall – rua Afonso Celso, 396

Presidência: Cristina Bruno

Total de participantes: 24 sócios

Documentos:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia
- Registro em cartório da Ata da 6ª Assembleia Geral, com a publicação no Diário Oficial da alteração do Estatuto Social
- Cartas de cumprimentos pela eleição da nova Diretoria da Asspam, enviadas pelo diretor regional de Cultura do Vale do Paraíba e Litoral Norte, pelo diretor regional de Cultura de Presidente Prudente, pelo presidente da Associação Brasileira de Museologia (ABM), pelo Secretário de Estado da Cultura e pela diretora do Museu Histórico e Pedagógico “Padre Vicente Pires da Mota” (Botucatu); além de telegrama enviado pelo Comitê Brasileiro do ICOM

- Carta escrita por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, informando o desligamento como membro da Comissão de Ética (9 maio 1986)
- Carta escrita por Thereza Regina de Camargo, justificando ausência na Assembleia Geral da Asspam (9 dez. 1986)
- Carta escrita por Antonio Carlos Simões (Museu de Pesca – Santos) comunicando ausência na Assembleia Geral da Asspam (1º dez. 1986)

### 2.8. 7ª Assembleia Geral

Data: 12 dez. 1987

Local: Museu Lasar Segall – rua Afonso Celso, 396

Presidência: Cristina Bruno

Total de participantes: 22 sócios

Documentos:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia, contendo também o calendário de eventos de novembro, o folheto do Prêmio Paulo Duarte e o convite para a apresentação dos trabalhos premiados na Biblioteca Mário de Andrade (3 nov. 1987)
- Registro em cartório da Ata da 7ª Assembleia Geral

### 2.9. 8ª Assembleia Geral

Data: 22 dez. 1988

Local: Museu Lasar Segall – rua Afonso Celso, 396

Presidência: Marcelo Mattos Araujo

Total de participantes: 7 sócios

Documento:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia

### 2.10. 9ª Assembleia Geral

Data: 16 dez. 1989

Local: Museu Lasar Segall – rua Afonso Celso, 396

Presidência: Marcelo Mattos Araujo

Total de participantes: 11 sócios

Documento:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia

## 2.11. 10ª Assembleia Geral – convocação extraordinária

Data: 26 abr. 1990

Local: Instituto de Museologia de São Paulo/Fesp – rua do Ouvidor, 63 – 4º andar

Presidência: Marcelo Mattos Araujo

Total de participantes: 17 sócios e 1 aluno de Museologia (não sócio)

Documentos:

- Circular de convocação dos associados para a Assembleia
- Cartão enviado por Marina Zuleika Scalassara (presidente da Associação dos Trabalhadores de Museu – ATM – de Londrina) à Diretoria da Asspam, apresentando apoio à continuidade da Associação (23 abr. 1990)
- Carta-resposta enviada por Elena Maria Baratella de Freitas (museóloga de Presidente Prudente), comunicando a impossibilidade de comparecer à Assembleia

## 3. Comissão de Ética e Admissão

Composição: três membros titulares, sendo um deles o presidente da Asspam, e dois suplentes

Atribuições: admissão de sócios nas categorias de efetivo, temporário e correspondente, por meio de proposta encaminhada à Comissão; conhecer, apreciar e julgar todas as questões referentes à ética profissional. A decisão desta Comissão sempre será tomada pela maioria dos membros

Categorias:

- sócios efetivos: museólogos portadores de diploma de nível superior oficialmente reconhecido; museólogos diplomados por escolas estrangeiras cujos títulos tenham sido revalidados no Brasil; diplomados em outros cursos de nível superior que, na data da filiação à Associação, contassem pelo menos 5 anos consecutivos de exercício de atividades na área da Museologia, devidamente comprovados; e aqueles que, até a data da fundação da Associação, apesar de não diplomados em cursos superiores, contassem com uma longa, ética e significativa carreira dedicada à Museologia
- sócios honorários: aqueles que tivessem se distinguido pela prestação de serviços relevantes à Associação ou à causa museológica
- sócios beneméritos: pessoas ou instituições que fizessem doações em dinheiro, valores, bens móveis ou imóveis à Associação

- sócios temporários: alunos regularmente matriculados nos cursos de Museologia de nível superior, que tivessem cursado pelo menos um semestre – situação que deveria ser comprovada
- sócios correspondentes: aqueles que, caso residissem no estado de São Paulo, poderiam pertencer ao quadro associativo na categoria de sócio efetivo, temporário ou aposentado
- sócios aposentados: sócios efetivos que venham a afastar-se definitivamente das atividades profissionais museológicas

#### Documentos:

- Livro de Ata das Reuniões da Comissão de Ética e Admissão
- Lista de sócios efetivos – 68 pessoas: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (sócio nº 1), Alda Ribeiro (nº 2), Renata Mercadante Becker (nº 3), Elza Maria Vasques La Farina Cabrera (nº 4), Ema Maria Garcia Saez (nº 5), Eunice Moraes Sophia (nº 6), Leda Rejane do Amaral Queiroz (nº 7), Celina Kuniyoshi (nº 8), Albany Armelin (nº 9), Mônica Lúcia Fernandes (nº 10), Maria Cristina Oliveira Bruno (nº 11), Marina Garrido Monteiro (nº 12), Ricardo Nogueira Bogus (nº 13), Elisabeth Paro (nº 15), Brigida Augusta Trombetta (nº 16), Maria Eugênia dos Santos Teixeira Santurni (nº 17), Taís Guilhermina Thut Correa (nº 18), Maria Inês Coutinho (nº 19), Marcelo Mattos Araujo (nº 20), Serafina Traub Borges do Amaral (nº 21), Liliana Di Bello Napolitano (nº 22), Rosa Maria Esteves Migotto Ignatius (nº 23), Ana Maria da Costa Leitão Vieira (nº 24), Sonia Maria Rebouças (nº 25), Eugênia Mônica Beatrice Gorini Esmeraldo (nº 26), Ligia Maria Vaz Rodrigues (nº 27), Beatriz Augusta Correa da Cruz (nº 28), Thereza Regina de Camargo Maia (nº 29), Maurício Segall (nº 30), Elena Josefina Ladron de Guevara Vallejo (nº 31), Wilson Roberto Stanziani de Souza (nº 32), Maria Pierina Ferreira de Camargo (nº 33), Gisele Marques Leite Paixão (nº 34), Maria do Carmo Valente (nº 35), Magaly Sidnei Canedo (nº 36), Wania Maria Ferraz Peixoto Tolovi (nº 37), Clarice Gabriel Machado (nº 38), Leda Maranhão de Figueiredo Ferraz (nº 39), Adrián Gonzales (nº 40), Antonio Carlos Simões (nº 41), Adolfo Frioli (nº 42), Jandira Lopes de Oliveira (nº 43), Maria Isabel D'Agostino Fleming (nº 44), Irany Martins da Silva Pedreira (nº 45), Denyse Lourenço de Alvarenga Peixoto da Motta (nº 46), Marília Cury (nº 47), Sônia Maria Guimarães (nº 48), Ana Sílvia Bloise (nº 49), Laudemia Aparecida Inaimo (nº 50), Cristina Coelho Ro-

cha Monteiro Dias (nº 51), Maria Camila Duprat (nº 52), Pedro Antonio Federsoni Júnior (nº 53), Jonas Soares de Souza (nº 54), Eliane Lily Vieira (nº 55), Lúcia Maria Gomes Correa Ferri (nº 56), Elena Maria Baratello de Freitas (nº 57), Maria Beatriz de Souza Henriques (nº 58), Márcia Ribeiro de Oliveira (nº 59), Luiz Ângelo Mazzaro (nº 60), Edna Maria Armellei Martins, Heloisa Maria Silveira Barbuy, Maria Elisabete Ratto Tempestini, Nélida Maria Lima Rodrigues, Sueli Moraes Cerávolo, Luiza Antonia Bravo, Cláudia Monaci, Sônia Maria Pinheiro Viana, e sócios correspondentes – 3 pessoas: Marina Zuleika Scalassara, Gelci José Coelho, Euler Santos Arruda (sem data)

- Lista de sócios efetivos – 60 pessoas; sócios correspondentes – 3 pessoas; e sócios temporários – 8 pessoas (sem data)
- 22 fichas de inscrição preenchidas com a finalidade de atualização de cadastro (1988)
- 2 fichas de inscrição com a finalidade de atualização de cadastro, em branco (1988)
- 9 fichas-proposta de inscrição preenchidas e com documentos anexados
- 13 fichas-proposta de inscrição em branco
- 23 carteirinhas de sócio em branco
- Documentação de Gisele Marques Leite Paixão
- 5 nomes e endereços de interessados na Asspam
- Carta de Maria Inês Coutinho solicitando transferência para a categoria de membro correspondente da Asspam (25 jul. 1986)
- Carta de Washington Simões solicitando desligamento como membro da Asspam (28 jul. 1986)
- Circular enviada aos interessados em se tornar associados da Asspam que receberam informações errôneas de Ana Maria da Costa Leitão Vieira, com a cópia da resposta dada pela Associação (30 abr. 1986)
- Cartas de informe sobre a aceitação dos pedidos de inscrição de candidatos a sócios da Asspam (1986)

#### 4. Conselho Fiscal

Composição: três membros titulares e três suplentes, eleitos pela Assembleia Geral

Atribuições: dar parecer sobre a prestação de contas da Diretoria e atender as convocações da Diretoria Executiva para pronunciar-se em assuntos que sejam de sua competência

Documentos:

- Carta escrita por Antonio Carlos Simões (Museu de Pesca – Santos) comunicando ausência na reunião do Conselho Fiscal da Asspam (18 nov. 1986)
- Carta de aviso da ausência de membro do Conselho Fiscal da Asspam na reunião de 8 dez. 1983 e indicação de representante para substituição (7 dez. 1983)

## 5. Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM)

Composição: reúne museólogos, pesquisadores, educadores, funcionários técnicos e administrativos, ou seja, desde o diretor até o guarda e o porteiro de museu. Também abriga estudantes de Museologia com um semestre de estudos, os estagiários de outras áreas que realizam seu trabalho em museu e os voluntários, entre outros.

Atribuições: associação de caráter regional representativa dos trabalhadores de museu, considerando-o em sua aceção mais ampla, em que a ele são equiparados centros culturais e organismos oficiais de preservação de patrimônio, entre outros.

Documentos:

- Carta enviada pela ATM a João Pacheco Chaves (Secretário de Estado da Cultura), assinada por seus membros (30 mar. 1983) – 2 cópias
- Listas de presença de reuniões da ATM e Asspam (1983)
- Pedido de licença da presidente Waldisa Rússio (12 jul. 1983)

## 6. Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Documentos:

- Livreto sobre o Curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
- Carta enviada pelo diretor da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais (Fesp/SP), afirmando o funcionamento dos cursos de Museologia mantidos pela instituição (jan. 1982)
- Resolução 01/1985 do Conselho Superior da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, que cria o Instituto de Museologia de São Paulo (9 maio 1985)
- Regimento Interno do Instituto de Museologia de São Paulo (maio 1985)



- Parecer emitido pela Associação Brasileira de Museologia (ABM) sobre o curso de pós-graduação em Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo (16 mar. 1988)
- Carta enviada pela professora Serafina Traub Borges do Amaral (coordenadora geral do Instituto de Museologia de São Paulo) à Asspam (16 jul. 1990)

## 7. Conselho Regional de Museólogos de São Paulo (Corem/SP)

Documentos:

- Carta enviada ao Corem/RJ, informando sobre a eleição para a constituição do Corem/SP (4 jul. 1986)
- Cartão de cumprimentos à Diretoria da Asspam pela eleição para o Corem/SP e pelas cartas enviadas ao Secretário de Cultura e à Direção da Pinacoteca do Estado (2 ago. 1986)
- Cartas de cumprimentos pela instalação e eleição do Corem/SP, enviadas pela presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), pelo diretor do Museu Paranaense e pela responsável do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre (Tupã), além de telegrama enviado pelo diretor do Museu Campos Sales
- Informações gerais sobre o número de registros e de museólogos formados, dentre outras
- Requerimento de registro de pessoa física
- Ofício enviado à Diretoria da Asspam, encaminhando cópia do Ofício no 156/87 recebido do Dema (16 jun. 1987)

## 8. Certificado de créditos de mestrado aos ex-alunos do Curso de Museologia da Fesp

Documentos:

- Cartas enviadas pela diretora da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fesp a Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (diretora do Instituto de Museologia da Fesp), em 15 e 20 jan. 1986
- Carta-resposta de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (diretora do Instituto de Museologia da Fesp) à diretora da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fesp, em 30 jan. 1986
- Carta de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (diretora do Instituto de Museologia da Fesp) à Diretoria Executiva da Fesp, em 30 jan. 1986

- Abaixo-assinado dos ex-alunos do Curso de Museologia pedindo ao professor Dalmo de Abreu Dallari (presidente do Conselho Superior da Fesp) a solução do impasse sobre a entrega dos certificados de conclusão de créditos de Mestrado, visando a comprovação da condição de museólogo perante o Ministério do Trabalho (8 maio 1986)
- Requerimentos dos ex-alunos Cristina Bruno (em dez. 1985) e Euler Santos Arruda (em jan. 1986) pedindo seus respectivos Certificados de Conclusão dos Créditos de Mestrado do Curso de Museologia
- Certificado de Euler Santos Arruda, emitido em fev. 1986
- Carta enviada por Waldisa Rússio Camargo Guarneri à Diretoria Geral da Fesp, apresentando dois modelos/fórmulas para a resolução do impasse acerca dos certificados (ago. 1986)

## 9. Conselho Internacional de Museus (ICOM)

Documentos:

- Estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM), em inglês e espanhol
- *Nouvelles de Terminologie Muséologique* (1984)
- *Nouvelles de Terminologie Muséologique* (1985)
- Código de Ética do ICOM-Brasil
- Regimento Interno do Comitê Nacional Brasileiro do ICOM
- Regimento Interno do Prêmio ICOM-Brasil de Desempenho Museológico 1987
- Circular do Comitê Brasileiro do ICOM, convidando seus membros a participarem de Grupos de Trabalho organizados em âmbito nacional (maio 1989)
- Registro em cartório da Ata da Reunião de Diretoria do ICOM em 11 nov. 1983 (22 nov. 1983)

## 10. Associação Brasileira de Museologia (ABM)

Documentos:

- Estatuto consolidado da ABM
- *Boletim* nº 1 (set.-out.-nov. 1981) da ABM, com o Código de Ética Profissional
- Programa e regimento da 2ª Reunião Brasileira de Museologia – Olinda e Recife, 27-29 jul. 1984

- Ficha de inscrição para a 5ª Reunião Brasileira de Museologia
- Carta-convite e programação do 1º Encontro de Museólogos e Restauradores – Rio de Janeiro, 17-19 out. [?]
- Programa do Curso “História e Técnica da Tapeçaria Ocidental”

## 11. Encontro Paulista de Museologia

### 11.1. I Encontro Paulista de Museologia

“A questão dos museus de História”

(organizado conjuntamente com o Museu Republicano Convenção de Itu)

Data: 25-28 set. 1986

Local: EEPG Regente Feijó – Itu, SP

Participantes: 113 inscritos e 12 convidados, reunindo profissionais de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais

Objetivos: reunir profissionais e estudantes de História e Museologia

Documentos:

- Primeira e segunda propostas e proposta definitiva da programação do Encontro
- Correspondência contendo informações básicas do Encontro
- Correspondência contendo informações, programa e ficha de inscrição do Encontro
- 2 listas do cadastro dos participantes
- Cartaz de divulgação
- Carta-resposta de Solange Godoy (diretora-geral do Museu Histórico Nacional), confirmando presença no debate “A exposição nos museus de História”
- Carta enviada por Solange Godoy (diretora-geral do Museu Hist[orico Nacional, enviando a súmula de sua palestra proferida no Encontro.
- Carta-resposta de Orlando Marques de Paiva (diretor do Museu Paulista), confirmando a participação da professora Miyoko Maki no debate “A exposição nos museus de História”
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (presidente do Conselho de Apoio à administração do Museu Republicano Convenção de Itu), formalizando por escrito os itens de sua cooperação para a realização do Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao diretor do Museu Paulista, pedindo que o mimeógrafo eletrônico com seu respectivo gravador

fossem transferidos temporariamente para o Museu, visando serem utilizados no Encontro

- Ofício enviado por Orlando Marques de Paiva (diretor do Museu Paulista) ao coordenador da Coordenadoria de Atividades Culturais (Codac) da USP, pedindo apoio ao evento por meio da produção dos cartazes de divulgação, certificados e cartões de identificação utilizados nos crachás, conforme modelos anexados
- Carta enviada pela Supervisão do Museu Histórico de Apucarana (Paraná), pedindo maiores informações sobre o Encontro e desejando filiar-se à Asspam
- Carta-resposta de Arnaldo Machado (presidente do Conselho Regional de Museologia do Rio de Janeiro), acusando o recebimento do convite para o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (do Museu Republicano Convenção de Itu), colocando à disposição do Encontro uma casa pertencente à USP
- Carta-resposta da Viação Aérea de São Paulo (Vasp), informando a impossibilidade de patrocinar o Encontro
- Carta-resposta de Lourenço Lacombe (diretor do Museu Imperial), indagando sobre as condições do convite para o Encontro, uma vez que não foi convidado como debatedor
- 2 cartas enviadas por estudantes de História da FFLCH/USP, interessados em participar do Encontro e pedindo maiores informações
- Carta-resposta da Secretaria de Estado da Cultura, informando a impossibilidade da cessão de ônibus para ficar à disposição dos participantes do Encontro
- Carta enviada pelo presidente do Centro de Estudos Históricos “Monsenhor Luiz Gonzaga Pasetto” da Faculdade Auxilium de Lins (FAL), informando o interesse de seus alunos em participar do evento e requisitando informações
- Carta-resposta da Superintendência de Museus da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, confirmando a participação de Antonio Grilo e Inês Coutinho no Encontro
- Carta enviada por Célio Roberto Turino de Miranda (coordenador dos Museus de História, História Natural, Antropologia e Folclore), enviando o texto de sua comunicação no painel “O serviço educativo nos museus de História”
- Carta enviada pelo diretor do Museu Paranaense, enviando o material referente à participação no debate “Projetos Museológicos Regionais”

- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) a Luiz Carlos Bresser Pereira (Secretário de Estado do Governo de São Paulo), pedindo o abono das faltas de servidores públicos e professores interessados em comparecer ao Encontro
- Ofício enviado pelo coordenador de Assuntos Administrativos da Secretaria de Estado da Cultura a Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu), informando que o afastamento de professores e servidores públicos para a participação no Encontro foi aprovado
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Secretário de Estado da Educação, pedindo o abono das faltas dos professores interessados em participar do Encontro
- Relatório escrito por Ângela (Paraná) com reflexões do Encontro
- Ofício enviado pela Supervisão do Museu Histórico de Apucarana (Paraná), cumprimentando Cristina Bruno pelo Encontro e apresentando sugestão para os próximos
- Ofício enviado pelo reitor da Universidade de Londrina, Paraná (UEL), agradecendo a Moção de Louvor dada à universidade no Encontro
- Carta-convite enviada a Maria Beatriz Henriquez, convidando-a para a coordenação dos trabalhos do painel “O serviço educativo nos museus de História”, juntamente com as informações e o programa do Encontro
- Resumo das comunicações:
  - 1) “A história do negro e sua integração na sociedade de classes na Baixada Santista” – Eliete Pythagoras Britto Maximino (Unisantos)
  - 2) “Coleta, avaliação e inventário para a constituição de acervo museológico. A experiência da Eletropaulo – Departamento de Patrimônio Histórico” – Rosane Trevia
  - 3) “A pesquisa no Museu Histórico de Londrina” – Marina Zuleika Scalassara e Maria Aparecida Pedrosa de Oliveira
  - 4) “O setor educativo no Museu Histórico de Londrina” – Marina Zuleika Scalassara e Maria Aparecida Pedrosa de Oliveira
  - 5) “A exposição no Museu Histórico de Londrina” – Marina Zuleika Scalassara e Maria Aparecida Pedrosa de Oliveira
  - 6) “Uma visita duplamente orientada” – Maria Eliza Miranda (EEP-SG Maria Ribeiro Guimarães Bueno – capital) e Ruth Ladeira Prates (EEP-SG Profa. Maria Carolina Casini Cardim – Diadema)

- 7) “O serviço educativo nos museus de História” – Lucia Glória Nogueira Baptista (Museu Histórico e Pedagógico “Cel. Fernando Prestes e Julio Prestes de Albuquerque” – Itapetinga)
  - 8) “História da Ciência e Meio Ambiente: a exposição Meio Ambiente: 100 anos de transformação em debate” – Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa (Instituto Geológico – São Paulo)
  - 9) “Uma circularidade necessária: o historiador, o museu de História e o conhecimento histórico” – Marcos A. da Silva (FFLCH/USP)
  - 10) “Tópicos provocativos para uma discussão sobre Museologia e História: relações e limites” – Waldisa Rússio Camargo Guarneri (Instituto de Museologia de São Paulo)
  - 11) “Reformulação do circuito de exposição permanente do Museu Histórico Nacional” – Solange Godoy
  - 12) “Museu e Legitimidade” – Célio Roberto Turino de Miranda (Museus de História, História Natural, Antropologia e Folclore” – Campinas)
  - 13) “A experiência educativa do Museu Imperial” – Ana Cristina Pereira Vieira
  - 14) Sinopse dos assuntos a serem debatidos no encontro “A questão dos museus de História” – Priscila Freire (Superintendência de Museus da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais)
  - 15) “Museologia: nova proposta educacional” – Luiz Antonio Hungria Cecci (Unesp – *Campus* de Franca)
- Questionário para a montagem de exposição durante o período de 25 a 28 de setembro na cidade de Itu, onde foi realizado o Encontro Paulista de Museólogos (1986)
  - Cópia, enviada por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) a Cristina Bruno, das manifestações dos pesquisadores e docentes das Equipes Técnico-Científicas de História, Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista, em reação à moção aprovada na plenária do Encontro e encaminhada ao reitor da USP (fev. 1987)
  - Recorte do *Boletim Mensal Elo Cultural* sobre o Encontro
  - Recorte do *Jornal da Cidade de Jundiaí* sobre o Encontro (22 ago. 1986)
  - Recorte do *Boletim Informativo da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Itu* sobre o Encontro
  - Recorte de *A Federação* sobre o Encontro (20 set. 1986)
  - Recorte de *Periscópio* sobre o Encontro (1º set. 1986)
  - Recorte do *Boletim Notícia* da UEL/PR sobre o Encontro (23 out. 1986)

- Exemplar do Calendário Cultural da Codac/USP, contendo nota sobre o Encontro (set. 1986)
- Ofício enviado pelo Chefe de Gabinete da Secretaria de Estado da Cultura a Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu), informando a impossibilidade da participação de funcionários da Secretaria no Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Banespa, pedindo patrocínio para os materiais de divulgação, aparelhagem e equipes
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao diretor-presidente das Terras de São José Urbanização e Construção Ltda., formalizando a colaboração da empresa por meio do jantar de confraternização aos participantes do Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao presidente da Sociedade Amigos do Museu Republicano (Samur), pedindo apoio para o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) à presidente da Sociedade Amigos da Cidade de Itu (Saci), pedindo apoio para o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) à diretora do Colégio Agrícola, pedindo a hospedagem de participantes nas dependências da escola
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Secretário Municipal de Esportes e Turismo de Itu, pedindo que a Corporação Musical União dos Artistas realize um concerto em praça pública, como uma das atividades paralelas do Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao diretor do Departamento de Cultura de Itu, pedindo o fornecimento de equipamentos de som e de um ônibus para a realização de visita aos arredores da cidade
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Café Ituano, confirmando o apoio da empresa no Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Café Mercedes, solicitando o apoio da empresa no Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Supervisor da Área Cultural do

- Museu Paulista, solicitando o empréstimo de 1 projetor de *slides*
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Secretário de Educação, Cultura e Esportes, solicitando o empréstimo da exposição “Memória de Paranapiacaba”
  - Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao diretor do Museu Paulista, solicitando o adiantamento de Cr\$ 5.000 para o pagamento de despesas do Encontro
  - Carta-convite enviada ao Supervisor da Área Cultural do Museu Paulista, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao diretor do Museu Paulista, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao Supervisor da Área Administrativa do Museu Paulista, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao dr. Oswaldo Sonsini Júnior (Unicerpa/ Itu), convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao diretor do Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itu, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao juiz da 2ª Vara e diretor do Fórum da Comarca de Itu, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao diretor-presidente das Terras de São José Urbanização e Construção Ltda., convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao presidente da Samur, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada à Secretária de Educação e Cultura de Itu, convidando-a para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada à presidente da Saci, convidando-a para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao presidente da Câmara de Vereadores de Itu, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao prefeito de Itu, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada ao Comandante do 2º Gacap, convidando-o para a solenidade de abertura do Encontro
  - Carta-convite enviada à Delegada de Ensino de Itu, convidando-a para a solenidade de abertura do Encontro



- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Comandante do 2º Gacap, agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao dr. Oswaldo Sonsini Júnior (Unicerpa/Itu), agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao diretor-presidente das Terras de São José Urbanização e Construção Ltda., agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao Café Ituano, agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao reitor do Seminário do Carmo, agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao prior do Convento do Carmo, agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao diretor do Departamento de Cultura de Itu, agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Ofício enviado por Jonas Soares de Souza (supervisor do Museu Republicano Convenção de Itu) ao diretor da EEPG Regente Feijó, agradecendo a colaboração prestada durante o Encontro
- Resumo feito por Maria Beatriz Henriques do debate e painel do primeiro dia do Encontro

## 11.2. II Encontro Paulista de Museologia “Museu e interdisciplinaridade”

Data: 8-11 out. 1987

Local: Salão Vermelho - Palácio dos Jequitibás - Prefeitura de Campinas

Participantes: cerca de cem profissionais de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia e Goiás

Objetivos: discutir as possibilidades do trabalho interdisciplinar nos museus, a partir do posicionamento do trabalho do museólogo; analisar a metodologia adequada para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares; e discutir experiências já realizadas no estado de São Paulo

#### Documentos:

- 2 caixas de fitas cassete com a gravação em áudio e 1 CD com a transposição do material
- Modelo de carta-convite enviada aos convidados do evento
- Carta enviada ao Secretário Municipal de Cultura de Campinas, pedindo colaboração no patrocínio para o evento
- Carta-convite enviada ao diretor do Departamento de Museus e Arquivos (Dema), da Secretaria de Estado da Cultura, convidando para a sessão de abertura do Encontro e para a entrega do Prêmio Paulo Duarte
- Carta-convite enviada à Secretária de Estado da Cultura, Elisabeth Mendes de Oliveira, convidando para a sessão de abertura do Encontro e para a entrega do Prêmio Paulo Duarte
- 9 folhetos com a programação do Encontro
- 7 cartazes de divulgação
- 19 certificados
- 108 fichas de inscrição, em ordem alfabética
- Programação extra
- 6 listas de presença
- Comunicação “As possibilidades de um trabalho regional”, falando sobre a atuação da Asspam (sem autoria)
- Ofício enviado pela secretária da Associação dos Trabalhadores de Museu do Paraná a Alda Ribeiro (tesoureira responsável pelas inscrições), contendo as fichas de inscrição de associados para o Encontro juntamente com os cheques de pagamento dessas inscrições
- “Projeto para o Museu Histórico Municipal de Campinas” – Célio Roberto Turino de Miranda (Secretaria Municipal da Cultura de Campinas)
- Carta enviada por Alda Ribeiro (tesoureira responsável pelas inscrições) ao presidente da ABM, confirmando que o convite para o Encontro foi enviado, assim como para o seu representante em São Paulo
- Carta-convite enviada para a presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, convidando-a para participar do Encontro
- Carta-convite enviada para Célia Corsino (Sistema Nacional de Museus), convidando-a para participar do Encontro
- Carta-convite enviada para a coordenadora do Sistema Nacional de Museus, convidando-a para participar do Encontro
- Carta-convite enviada para o coordenador da Coordenadoria Cultural da USP, convidando-o para participar do Encontro
- Carta-convite enviada para a presidente do Conselho Federal de Museologia, convidando-a para participar do Encontro

- Carta-convite enviada para a coordenadora dos Acervos da Fundação Nacional Pró-Memória, convidando-a para participar do Encontro
- Carta enviada a Carlos Alberto Dêgelo (diretor do Departamento de Museus e Arquivos – Dema – da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo), agradecendo o apoio e a colaboração do órgão na realização do Encontro
- Carta enviada a José Jobson de Andrade Arruda (diretor do Instituto de Pré-História da USP), agradecendo o apoio da instituição na realização do Encontro
- Carta enviada a Orlando Miranda (coordenador da Coordenadoria Cultural da USP), agradecendo o apoio da instituição na realização do Encontro
- Carta enviada a Elisabeth Mendes de Oliveira (Secretária de Estado da Cultura), agradecendo o apoio na realização do Encontro
- Carta enviada ao diretor do Museu Dinâmico de Ciências de Campinas, agradecendo a participação e o apoio da instituição na realização do Encontro
- Carta enviada ao diretor-presidente da Cia. Campineira de Alimentos, agradecendo a colaboração na realização do Encontro
- Carta enviada à diretora do Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp), agradecendo o apoio e a colaboração na realização do Encontro
- Carta enviada ao reitor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp), agradecendo o apoio da universidade na realização do Encontro
- Carta enviada à Secretaria Municipal de Cultura de Campinas, agradecendo o apoio e a colaboração na realização do Encontro
- Carta enviada ao prefeito de Campinas, agradecendo o apoio da Prefeitura na realização do Encontro
- Anotações e materiais pertencentes a Marcelo Araujo
- Listas de presença dos Grupos de Trabalho coordenados por Marcelo Araujo
- Carta-resposta de Vera Alencar (Museu Histórico Nacional), confirmando a participação no Encontro
- Carta-resposta do diretor do Museu de Ciências da PUC/RS, confirmando o recebimento do convite para participar do Encontro
- Lista de hotéis, restaurantes, museus e demais serviços de Campinas
- Carta-resposta do Secretário de Cultura de Santos, informando a impossibilidade de comparecer ao Encontro

- Carta-resposta de Carlos Alberto Dêgelo (diretor técnico do Departamento de Museus e Arquivos da Secretaria de Estado da Cultura), confirmando a participação no Encontro
- Carta-resposta dos diretores e fundadores do Museu do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, informando a dificuldade em comparecer ao Encontro
- Carta-resposta do prefeito municipal de Cajuru, informando a impossibilidade de comparecer ao Encontro
- Telegrama do Museu de Astronomia e Ciências Afins, informando a impossibilidade de comparecer ao Encontro
- Carta-resposta da diretora do Grupo Técnico do Sistema de Museus, confirmando a participação no Encontro, informando sobre a impossibilidade de coordenar o Grupo 4 e indicando a diretora do Museu Municipal de Jaú para tal função
- Carta-resposta da Responsável do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, informando a impossibilidade de comparecer ao Encontro

### 11.3.III Encontro Paulista de Museologia

#### “Museu: comunicação/educação”

Data: 26-30 out. 1988

Local: Unisantos – Fafis

Participantes: cerca de cem profissionais e estudantes de Museologia

Proposta: para este Encontro, a Asspam decidiu adotar uma nova metodologia, visando uma melhor eficiência dos trabalhos. A ideia fundamental foi utilizar comunicações sobre temas trabalhados pela Museologia como ponto de partida para atividades práticas a serem desenvolvidas pelos grupos de trabalho.

Documentos:

- fotografias
- Arte e boneco do folheto com a programação do Encontro
- 16 folhetos com a programação do Encontro
- Modelo do certificado
- 6 certificados na cor cinza e 5 na cor amarelo claro
- Arte do cartaz de divulgação
- 4 cartazes de divulgação
- Folheto da programação de outubro do Museu de Arte Sacra de Santos para o Encontro
- Convite do Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente aos integrantes do Encontro para a solenidade de reabertura do Museu Histórico e Geral da Cidade

- Folheto do Museu Histórico e Geral da Cidade de São Vicente
- Telegramas enviados pelo diretor da Divisão de Iconografia e Museus (DPH/SMC); por Cristina Dias; pela presidente do Conselho Regional de Museologia (Corem/SP); pelo diretor do Museu Campos Sales; pelo Secretário de Cultura; pela coordenadora do Sistema Nacional de Museus; e pelo prefeito municipal de Santos
- Notícia recortada do *Jornal da Orla* sobre o Encontro (23 out.)
- Notícia recortada do jornal *A Tribuna* sobre o Encontro (26 out.) – 2 exemplares
- *Informativo UniSantos* (outubro) – 2 exemplares
- Notícia recortada do jornal *A Tribuna* sobre o Encontro (27 out.) – cópia e original
- Notícia recortada do jornal *A Tribuna* sobre o Encontro (28 out.)
- “Museus de Tecnologia: especificidades e metas” – texto da comunicação de Ana Silvia Bloise (Comgás)
- “Modos de Ver” – texto de Maria de Lourdes Parreiras Horta
- Moção enviada ao prefeito de Santos, deliberada pelos participantes do Encontro e expressando sua preocupação com a preservação do patrimônio cultural da cidade de Santos
- Listagem de hotéis de Santos

#### 11.4. IV Encontro Paulista de Museologia “Museologia em processo”

Data: 12-15 jul. 1989

Local: Oficinas Culturais Três Rios – São Paulo, SP

Participantes: numerosos profissionais de museus do estado de São Paulo e de outras unidades da Federação, especialmente a presença do professor Jean-Bernard Roy, diretor do Museu de Pré-História de Île-de-France (França)

Proposta: o tema deste Encontro foi o resultado dos debates ocorridos no anterior, realizado em Santos (1988). A ideia central foi a noção de “processo”, que é fundamental para a adequada compreensão e consecução das tarefas museológicas. Foi mantida como metodologia de trabalho a apresentação conceitual do tema por grupos de profissionais, seguida de exercícios práticos, a serem realizados por grupos de trabalho.

Documentos:

- Arte e boneco do folheto com a programação do Encontro
- 14 folhetos com a programação do Encontro
- Arte do certificado
- 4 certificados

- 1 etiqueta de identificação
- 1 crachá
- Telegrama enviado pelo professor José Jobson de Arruda (diretor do IPH)
- Bibliografia do Grupo de Avaliação (26 cópias)
- Bibliografia do Grupo de Documentação
- 61 questionários de perfil do participante preenchidos, contendo campos para os dados: nome, instituição, tipologia de acervo, cargo/função, formação e quais as expectativas em relação ao Encontro
- 4 questionários de perfil do participante em branco
- Lista de presença faltando páginas [?]
- Requisição de espaço físico (auditório), equipamentos, materiais e lanchonete para a realização do Encontro
- Ofício do coordenador das Oficinas Culturais Três Rios, solicitando informações sobre o Encontro
- Declaração da decisão, tomada pelos participantes do Encontro, de solicitar ao Secretário de Estado da Cultura medidas urgentes para a implantação e aperfeiçoamento do Sistema Estadual de Museus
- Declaração da decisão, tomada pelos participantes do Encontro, de expressar à diretora do Dema estranheza pelo pequeno número de profissionais da instituição no Encontro

## 12. Prêmio de Museologia Paulo Duarte

Proposta: aberto a qualquer instituição ou profissional da área museológica do estado de São Paulo, o prêmio foi criado pela Asspam como mais um estímulo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da Museologia no estado.

### 12.1. Prêmio de Museologia Paulo Duarte 1986

Data: entregue no dia 10 out. 1987, durante o 2º Encontro

Local: Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc)

Comissão julgadora:

- Cristina Bruno (presidente da Asspam)
- Diná Jobst (Dema – Secretaria de Estado da Cultura)
- Wania Tolovi (Instituto de Museologia de São Paulo – Fesp/SP)
- Maurício Segall (eleito pela Assembleia Geral da Asspam)

Premiados:

- Categoria Exposição: para o Museu da Casa Brasileira, pela exposição “Morada Paulista”; e para a Pinacoteca do Estado, pela exposição “Dezenovevinte: uma virada no século”

- Categoria Serviço Educativo: para Martin Grossmann e Luciana Brito, com o trabalho “O Setor de Arte-Educação do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP)”
- Categoria Preservação: para o Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), com o trabalho “A conservação do mural *A Santa Ceia*”
- Categoria Projeto Museológico: para Célio Turino de Miranda, “Projeto para o Museu Histórico Municipal de Campinas”; Judith Cortesão, Clayton Ferreira Limo, Júlio Abe Wakahara e Maria Ignez Mantovani Franco, “Projeto Museu Terra-Homem”

#### Documentos:

- Boneco do folheto de divulgação do Prêmio e do regulamento
- Boneco do folheto de divulgação dos premiados
- 7 folhetos de divulgação do Prêmio e do regulamento
- 13 folhetos de divulgação dos premiados
- Pasta contendo o regulamento do Prêmio, os folhetos de divulgação do regulamento e dos premiados, a carta-convite para participar do 2º Encontro Paulista de Museologia e seu programa, e as fichas de inscrição dos trabalhos concorrentes
- Circular enviada ao diretor do Dema, encaminhando o projeto de regulamento do Prêmio e verificando outras necessidades (16 jun. 1987)
- Carta-resposta enviada à professora Cecília de Moura Leite Ribeiro, informando que a inscrição de seu trabalho não foi aceita no Prêmio 1986 por ter sido concretizado em 1987 (5 out. 1987)
- Carta enviada ao diretor do Instituto de Pré-História da USP, convidando para a cerimônia de entrega do Prêmio 1986
- Carta enviada à coordenadora dos acervos da Fundação Nacional Pró-Memória, convidando para a cerimônia de entrega do Prêmio 1986
- Carta enviada à presidente do Cofem, convidando para a cerimônia de entrega do Prêmio 1986
- Carta enviada ao coordenador da Coordenadoria Cultural da USP, convidando para a cerimônia de entrega do Prêmio 1986
- Carta enviada a Célia Corsino (Sistema Nacional de Museus), convidando para a cerimônia de entrega do Prêmio 1986
- Carta enviada à coordenadora do Sistema de Museus, convidando para a cerimônia de entrega do Prêmio 1986

### 12.2. Prêmio de Museologia Paulo Duarte 1987

Data: entregue em 29 out. 1988, durante o 3º Encontro

Local: Museu de Arte Sacra de Santos

Comissão julgadora:

- Marcelo Mattos Araujo (presidente da Asspam)
- Diná Jobst (Dema – Secretaria de Estado da Cultura)
- Liliana Napolitano (Instituto de Museologia de São Paulo – Fesp)
- Maria Ignez Mantovani Franco (indicada pela Assembleia Geral da Asspam)
- Célio Turino de Miranda (indicado pela Assembleia Geral da Asspam)

Premiados:

- Categoria Exposição: para o Museu de Arte Contemporânea da USP, pela mostra “As Bienais no acervo do MAC”
- Categoria Documentação: para o Centro de Documentação da Divisão de Iconografia e Museus do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, pelo projeto “Documentação sobre multissuportes”
- Categoria Divulgação: para a Divisão de Preservação do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, pelo catálogo “Obras de arte em logradouros públicos de São Paulo”
- Categoria Projeto Museológico: para o Grupo de Trabalho sobre Museus Universitários do Instituto de Estudos Avançados da USP, pelo projeto “Adornos: um exercício de interpretação”

Documentos:

- fotografias
- Boneco do folheto de divulgação do Prêmio e do regulamento
- 4 folhetos de divulgação do Prêmio e do regulamento
- 2 folhetos de divulgação dos premiados
- Certificado
- Certificado concedido ao Centro de Documentação da Divisão de Iconografia e Museus – DPH, pelo projeto “Documentação sobre multissuportes”
- Projeto “Adornos: um exercício de interpretação”, do Grupo de Trabalho sobre Museus Universitários do Instituto de Estudos Avançados da USP
- Relação dos trabalhos inscritos
- Relação dos trabalhos premiados
- Texto de divulgação do Prêmio



### 12.3. Prêmio de Museologia Paulo Duarte 1988

Data: entregue em 15 jul. 1989, durante o 4º Encontro

Local: Oficinas Culturais Três Rios – São Paulo/SP

Comissão julgadora:

- Marcelo Mattos Araujo (presidente da Asspam)
- Magali Sidnei Canedo (Dema – Secretaria de Estado da Cultura)
- Regina Márcia Moura Tavares (indicada pela Assembleia Geral da Asspam)
- Adolfo Frioli (indicado pela Assembleia Geral da Asspam)

Premiados:

- Categoria Monografia Científica: para Aracy Amaral, pela publicação do livro *MAC: perfil de um acervo*
- Categoria Exposição: para o Museu da Casa Brasileira, pela mostra “Leitura de Fragmentos”, e para o Museu do Instituto Butantã, pela mostra “Animais peçonhentos e o seu papel na natureza”
- Categoria Serviço Educativo: para o Museu Histórico e Pedagógico Marechal Rondon, pelo projeto “História em Quadrinhos de Araçatuba”

Documentos:

- Arte do folheto de divulgação do Prêmio e do regulamento
- Arte do folheto de divulgação dos premiados
- Boneco do folheto de divulgação do Prêmio e do regulamento
- 22 folhetos de divulgação dos premiados
- Folheto de divulgação do Prêmio e do regulamento
- Certificado
- Carta enviada por Marly de Jesus Bonome Vita para a inscrição de trabalho na categoria Serviço Educativo
- Ofício da diretora do Dema para Marcelo Araujo (presidente da Asspam), com a indicação do representante da Secretaria de Estado da Cultura para a Comissão Julgadora do Prêmio Paulo Duarte 1988
- Carta-resposta da diretora do Centro de Cultura e Arte da Puc-camp, aceitando o convite para participar da Comissão Julgadora do Prêmio Paulo Duarte 1988
- Carta enviada por Aracy Amaral para a inscrição do trabalho “Museu de Arte Contemporânea: perfil de um acervo”, na categoria Monografia Científica
- Carta da diretora técnica substituta do Museu da Casa Brasileira encaminhando o relatório e o vídeo da exposição “Leitura de Fragmentos”
- Carta do chefe do Instituto Butantan encaminhando o trabalho do Museu do Instituto Butantan para concorrer ao Prêmio nas

categorias Exposição e Serviço Educativo

- Carta enviada por Marcelo Araujo a Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, apresentando que a ausência do Instituto de Museologia na Comissão de Julgamento do Prêmio Paulo Duarte e na cerimônia de entrega dos prêmios causou problemas delicados para a Asspam, já que o regulamento do prêmio só permite o funcionamento da Comissão com a presença da totalidade de seus membros. Segundo a carta, Waldisa não participou devido a dificuldades relacionadas à doença de seu marido
- Projeto “História em Quadrinhos de Araçatuba”, de Ângela Inês Liberatti Barros, do Museu Histórico e Pedagógico Marechal Rondon (Araçatuba)

### 13. Seminário “O negro e a escravidão nos museus brasileiros”

Data: 8-12 jun. 1988

Local: Congresso Internacional sobre a Escravidão, promovido pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo

Documentos:

- Programa preliminar – 2 cópias
- Arte do folheto de programação
- 4 folhetos de programação
- Listas de presença
- Relação de participantes, com endereço, telefone e instituição à qual pertence
- Circular enviada pelo coordenador do Congresso Internacional, informando sobre as inscrições e a apresentação de comunicações (dez. 1987)
- Formulários de resumo de trabalho do Congresso Internacional
- “O negro no museu brasileiro”, síntese do trabalho a ser apresentado por Rui Mourão (Museu da Inconfidência)
- Carta enviada ao coordenador do Congresso Internacional, encaminhando a previsão de custos e necessidades para a realização do Seminário e modelos de cartas a serem enviadas aos palestrantes
- Carta enviada a José Jobson de Andrade Arruda (diretor de Ciências Humanas e Sociais do CNPq), com o programa do Seminário
- Carta-resposta do diretor da FFLCH/USP, confirmando a participação no debate “O negro no museu brasileiro”
- Carta-resposta do diretor do Instituto de Pré-História, confirmando a participação no debate “O negro no museu brasileiro”

- Carta-resposta da diretora do Museu Histórico Nacional, confirmando a participação na conferência do dia 10 de junho
- Carta-resposta do professor Napoleão Figueiredo (diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi – Pará), confirmando a participação no Seminário
- Carta-resposta de Heloísa Duncan (Fundação Roberto Marinho – Rio de Janeiro), confirmando a participação no debate “O negro no museu brasileiro”
- Carta-resposta do professor Wilson do Nascimento Barbosa (Membro fundador do Núcleo Afro-Brasileiro da Unicamp), confirmando a participação no Seminário, por meio do painel “Preservação da Memória Negra”
- Correspondências trocadas com os palestrantes convidados e os colaboradores do Seminário
- Texto escrito por Waldisa Rússio, sem título (abr. 1988)

## 14. Correspondência

### 14.1. Convites

Documentos:

- Convite da Câmara Municipal de Santo André para o Fórum de Debates “Uma política cultural para Santo André” (24 set.; 1, 8, 15 e 22 out. [?])
- Convite da ABM para o coquetel de lançamento do “Catálogo dos Museus do Brasil”, no Museu Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro (9 nov. [?])
- Convite do Comitê Nacional Brasileiro do ICOM e da Associação de Membros do ICOM (Amicom) para a cerimônia do Dia Internacional de Museus, no Real Gabinete Português de Leitura – Rio de Janeiro (18 maio [?])
- Convite do Museu de Arte Sacra “Padre Jesuíno do Monte Carmelo” e do Museu Republicano Convenção de Itu para a abertura da exposição “Igreja do Carmo de Itu”, no Museu Republicano Convenção de Itu (14 mar. 1986)
- Convite do presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo para a sessão de homenagem ao centenário de criação da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (20 mar. 1986)
- Carta-convite do Instituto Geológico para a solenidade de lançamento do carimbo comemorativo do 1º Centenário de criação da Comissão Geográfica e Geológica (24 mar. 1986)

- Convite do reitor da USP para a cerimônia de doação de duas obras ao acervo do MAC-USP (mar. 1986)
- Carta-convite do Diretório Acadêmico do Instituto de Museologia de São Paulo para a palestra de Cristina Bruno, “O Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica” (17 maio 1986)
- Carta-convite do Instituto de Museologia para a conferência do professor Dalmo Dallari em comemoração ao 1º Aniversário do Instituto e aos 8 anos de funcionamento dos cursos de Museologia em nível de pós-graduação, na sede do Instituto, à rua do Ouvidor, 63, 4º andar (9 maio 1986)
- Carta-convite para o Ato Cultural para alertar as autoridades sobre o atual estado de abandono da Calçada do Lorena (15 ago. 1986)
- Convite para a solenidade de reabertura do Museu de História Natural de Campinas (11 mar. 1987)
- Convite do MAC-USP para a instalação de Gustavo Rezende (6 ago. 1987)
- Convite do MAC-USP para a exposição “Seis Agosto” (6 ago. 1987)
- Carta-convite da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) para um encontro de discussão da proposta curricular da rede de ensino do estado de São Paulo (31 jul. 1987)
- Carta-convite da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas para a abertura da exposição “Abolição: contradições e desafios” (24 mar. 1988)
- Carta-convite da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes (ABPA) para o 2º Seminário da ABPA e o 1º Encontro Nacional das Artes (abr. 1989)
- Carta-convite do diretor-presidente da Companhia Docas de Santos a Marcelo Araujo (presidente da Asspam) para a inauguração do Museu do Porto de Santos (22 ago. 1989)
- Convite para o lançamento e noite de autógrafos da obra *Arte para quê?* (5 dez. [?])

#### 14.2. Cartas, telegramas e ofícios enviados à Asspam

Documentos:

- Aviso enviado para Marcelo Araujo sobre a vaga de um profissional para o Instituto Geológico
- Ofício enviado pela presidente do Corem/SP a Marcelo Araujo (presidente da Asspam), encaminhando cópia da correspondência enviada pelo órgão ao ministro da Cultura, a respeito das ameaças de demissões de funcionários da área museológica (6 mar. 1989)
- Carta enviada por Aracy Amaral com o texto da moção telegrafada ao presidente da República, José Sarney, a respeito da possibilidade

- da demissão de funcionários de museus federais, como uma das medidas para combater o *deficit* público do país (3 jul. 1989)
- Carta da diretora do Grupo de Trabalho do Sistema de Museus da Secretaria de Estado da Cultura, oficializando junto à Asspam o pedido de divulgação da contratação de museólogos para o Projeto de Municipalização dos Museus do Interior
  - Carta enviada por funcionário do Museu Histórico e Pedagógico Zequinha de Abreu (Santa Rita do Passa Quatro, SP) à Diretoria da Asspam (13 fev. 1986)
  - Carta enviada pelo presidente da ABM, enviando o material relativo ao “Encontro Internacional de Museólogos”, em Portugal (24 fev. 1986)
  - Carta enviada por Jonas Soares de Souza à presidente da Asspam, solicitando documentação relativa ao pedido de registro como museólogo (21 fev. 1986)
  - Carta enviada por Eduardo de Arruda Passos à presidente da Asspam, solicitando documentação relativa ao pedido de registro como museólogo (24 fev. 1986)
  - Carta enviada por Jonas Soares de Souza à presidente da Asspam, enviando documentação complementar relativa ao pedido de registro como museólogo (11 mar. 1986)
  - Carta enviada pelo coordenador do Museu de Arte Sacra de Itu, solicitando à Asspam informações sobre a habilitação de museólogo (12 fev. 1986)
  - Telegrama enviado pelo Deputado Antonio Carlos Mesquita (19 mar. 1986)
  - Carta enviada pela Superintendente de Museus de Minas Gerais, pedindo à Asspam que indique 3 museólogos para contratação imediata (26 maio 1986)
  - Carta enviada pela diretora técnica da Pinacoteca do Estado à Presidência da Asspam (4 ago. 1986)
  - Carta do Corem/MG comunicando a eleição de sua primeira Diretoria (12 ago. 1986)
  - Carta-convite enviada pelo Secretário de Estado da Cultura a Cristina Bruno (presidente da Asspam), convidando-a para o Conselho de Orientação do Sistema de Museus do Estado de São Paulo (25 ago. 1986)
  - Carta enviada pela diretora técnica da Pinacoteca do Estado à Presidência da Asspam (9 set. 1986)
  - Carta enviada pela diretora técnica da Pinacoteca do Estado à Presidência da Asspam (1º out. 1986)
  - Telegrama do Corem/BA comunicando a eleição da primeira Diretoria

- Carta enviada por Antonio Carlos Simões a Cristina Bruno (12 ago. 1987)
- Carta enviada pelo MAC-USP solicitando o apoio da Asspam na campanha para a construção de uma nova sede (21 ago. 1987)
- Ofício da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM) do Paraná à Presidência da Asspam (22 fev. 1988)
- Carta-circular da ABM, contendo a “Carta de Ouro Preto”, produzida durante o 10º Congresso Nacional de Museus de Ouro Preto (a Carta de Ouro Preto é de 1987, e a circular é de 15 mar. 1988)
- Ofício da Presidência da ABM, pedindo à Asspam que divulgue a Carta de Ouro Preto entre seus associados (21 mar. 1988)
- Carta solicitando informações sobre os requisitos e documentos para candidatos tornarem-se membros da Asspam (28 mar. 1988)
- Carta pedindo à Asspam que indique um museólogo para a elaboração da proposta museológica do Museu da Escultura Brasileira (25 maio 1988)
- Cartão escrito por Solange Godoy pedindo apoio à gestão de He-loísa Duncan (20 ago. 1989)
- Carta-resposta do Ministério Francês das Relações Exteriores, informando que o projeto de Seminário de Museologia não foi aprovado para o ano de 1989 (1º e 9 mar. 1989)
- Carta do Instituto Biológico, agendando uma reunião com a Asspam para tratar da colaboração técnica e funcional que ela pode oferecer (17 mar. 1989)
- Carta da diretora do Museu de Arte Sacra de Taubaté, pedindo o envio de materiais sobre museus e informações sobre a filiação à Asspam (6 abr. 1989)
- Correspondência enviada por David Guillet, do Musée d’Orsay (21 nov. 1989)
- Carta-resposta do Ministério Francês das Relações Exteriores, informando que o projeto de Seminário de Museologia não foi aprovado para o ano de 1990 (9 mar. 1990)
- *Programme du Cycle de Cours pour l’Asspam*
- Carta da Chefe de Gabinete da Secretaria Municipal de Cultura, informando que a Asspam foi incluída no rol das entidades que poderão participar da escolha da Comissão que analisará os projetos a serem contemplados pela nova Lei de Incentivos Fiscais (18 abr. 1991)
- Carta enviada pela empresa Guimarães & Giacometti, representando uma pessoa interessada em patrocinar ou dar apoio cultural ao Prêmio de Museologia Paulo Duarte (2 dez. 1986)
- Carta-resposta da empresa Guimarães & Giacometti, dizendo que a

- Cia. Suzano de Papel não dispõe dos recursos necessários (21 jan. 1987)
- Carta-convide do Ecomuseu de Itaipu para o Simpósio “O museu em face do impacto ambiental” – Foz do Iguaçu, 4-7 abr. 1989
- Carta-convide do Instituto de Pré-História da USP para Marcelo Araujo (presidente da Asspam), a fim de convidá-lo para uma mesa-redonda do Simpósio “Museus de Arqueologia: problemas e perspectivas” (1º fev. 1989)

### 14.3. Boletins informativos de museus e divulgação de cursos, palestras, encontros e eventos

Documentos:

- Ofício enviado pelo diretor do Departamento de Museus e Arquivos, divulgando o Curso de Especialização “Arte/Educação e o Museu” – ECA/USP (5 fev. 1986) e programa do curso
- *Boletim Informativo* do Museu Republicano Convenção de Itu (21 jul. 1986)
- Programa do 2º Simpósio de Educação Ambiental, no Museu de Pesca de Santos (22-24 ago. 1986)
- Folheto da 1ª Jornada da Cultura Popular do Vale do Paraíba – Taubaté, 6-12 jun. 1988
- Folheto do Museu de História Natural de Campinas
- Folheto do Museu – Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem, no Rio de Janeiro
- Circular da Associação Portuguesa de Museologia (Apom), com o programa provisório e ficha de inscrição para o Encontro Internacional “Aprender com o Passado – *Faro Revisited*. Museus, Comunidade, Animação Cultural” (1986)
- Informe da reunião do Grupo de Trabalho de Cultura do PT sobre o tema “Preservação e o Condephaat” (14 jul. 1986)
- Informe da reunião do Grupo de Trabalho de Cultura do PT sobre os Programas de Biblioteca e Arquivo do Estado (28 jul. 1986)
- *Boletim Informativo* do MAC-USP, informando que Ana Mae Barbosa assumiu a Direção do museu
- Divulgação do Triomus – First International Triennial of Museums of Rio de Janeiro (18-22 maio 1987)
- Programação das atividades de abertura da exposição “Abolição: contradições e desafios” (27 mar. 1988)
- Divulgação do curso “Restauro e Conservação em Madeira”, iniciativa do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (7 ago. 1989)
- Carta de divulgação da publicação *Obras de arte em logradouros*

*públicos de São Paulo – Regional Sé* e convite para o evento “Obras escultóricas nas ruas de São Paulo” (1987)

- 2 cartazes de divulgação do evento “Obras escultóricas nas ruas de São Paulo” (1987)
- Divulgação da comunicação “Obras escultóricas nas ruas de São Paulo”, inserida na programação do 2º Encontro Nacional de Preservação de Bens Culturais, em Belo Horizonte (1987)
- *Boletim Informativo* da Associação de Museólogos da Bahia (ago. 1985)
- Folheto do Curso de Especialização em Administração de Museus
- Carta-convite para o 10º Simpósio de História do Vale do Paraíba “A urbanização no Vale do Paraíba” – Roseira, SP, 18-21 jul. 1990
- Folheto de programação e ficha de inscrição do 1º Encontro de Museólogos e Pesquisadores de Outras Áreas das Ciências Humanas e Sociais – Uni-Rio, Rio de Janeiro, 27-31 ago. [?]
- Folheto do Ciclo de Seminários “Cem anos de República” (1989)
- Folheto do Curso de Museologia Popular – Fesp (1984)
- Folheto do Seminário de Segurança em Museus – Ouro Preto, MG (1984)
- Programa do Seminário “O Estado e o desenvolvimento das artes: oficinas culturais” (1984)
- Folheto do 3º Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História – USP (1989)

## 15. Sistema de Museus do Estado de São Paulo

Documentos:

- Exposição de motivos e projeto de decreto que institui o Sistema de Museus do Estado de São Paulo e considerações escritas por Waldisa Rússio (1985)
- Projeto de decreto que institui o Sistema de Museus do Estado de São Paulo, com anotações escritas por Marcelo Araujo (1985)
- Projeto de decreto dispendo sobre sua instituição – fases de implantação (1985)
- Publicação no *Diário Oficial do Estado* do Decreto 24.634 (13 jan. 1986), que institui o Sistema de Museus do Estado de São Paulo – original
- Decreto 24.634, que institui o Sistema de Museus do Estado de São Paulo
- Pequeno histórico do Grupo Técnico do Sistema de Museus
- Resolução da Secretaria de Estado da Cultura designando os membros do Conselho de Orientação do Sistema de Museus do Estado de São Paulo, no qual Cristina Bruno representa a Asspam



(6 jan. 1986)

- Ofício de Carlos Alberto Dêgelo (presidente do Conselho de Orientação) que informa sobre a necessidade de se alterar o Decreto 24.634, encaminhando a ata da reunião ordinária do C.O. e as propostas de alteração, e marcando uma reunião extraordinária para discussão e votação das mesmas em 9 de abril (18 mar. 1987)
- Ofício de Carlos Alberto Dêgelo (diretor técnico do Dema) que encaminha a ata da reunião extraordinária de 9 de abril e as recomendações e propostas de alteração, convidando para a audiência de entrega de tais documentos no dia 12 de maio (1987)
- Ofício de Carlos Alberto Dêgelo (diretor técnico do Dema) que convida para uma reunião no dia 22 de outubro para a retomada da discussão sobre as propostas de alteração (8 out. 1987)
- Lista de participantes do 1º Encontro do Sistema de Museus do Estado de São Paulo, que ocorreu de 16-18 fev. 1987
- Documento final do 1º Encontro do Sistema de Museus do Estado de São Paulo, uma síntese das conclusões e propostas dos grupos de trabalho
- Cópias de documentos com anotações de Cristina Bruno e Marcelo Araujo
- Minuta de decreto que altera dispositivos do Decreto 24.634 (1988)
- Minuta de decreto que altera dispositivos do Decreto 24.634 (1989)

## 16. Legislação

Documentos:

- Decreto-Lei 9.786 (6 set. 1946), que reconhece a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo
- Lei 8.204 (13 jan. 1975), que dispõe sobre a criação da Secretaria Municipal de Cultura
- Publicação no *Diário Oficial do Município* da Lei 10.032 (27 dez. 1985), que dispõe sobre a criação de um conselho municipal de preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp)
- Minuta de Lei sobre a concessão de uso de área municipal à Sociedade Amigos dos Museus
- Minuta de Lei que institui o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) e Relatório Final do Grupo de Trabalho sobre a legislação do patrimônio histórico (24 nov. 1989)

- Projeto de Lei 239/85, que dispõe sobre tombamento de bens pelo município de São Paulo
- Minuta de Decreto que regulamenta o Decreto 10.742 (14 jul. 1983) – Santo André, SP (1983)
- Decreto 29.684 (17 abr. 1991) que regulamenta a Lei 10.923 (30 dez. 1990) sobre o incentivo fiscal para projetos culturais – 2 cópias
- Projeto de Lei da Câmara nº 75, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Museólogo (1983)
- Projeto de Decreto que regulamenta a Lei 7.287 (18 dez. 1984), que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Museólogo – 2 cópias
- Portaria 13 (24 set. 1986) que estabelece as normas de funcionamento do Comitê da Coordenadoria do Sistema Nacional de Museus
- Projeto de Lei 4.858-A/81, da Câmara dos Deputados, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Museólogo
- Parecer da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados pela aprovação, com substitutivo, dos Projetos de Lei 4.858/81 e 5.654/81, que dispõem sobre a regulamentação da profissão de Museólogo (30 jun. 1982)
- Publicação no *Diário Oficial* da Lei 7.287 (18 dez. 1984), que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Museólogo
- Publicação no *Diário Oficial* do Decreto 91.775 (15 out. 1985), que regulamenta a Lei 7.287 (18 dez. 1984)
- Decreto 20.855 (1º jun. 1983) que reorganiza a Secretaria de Estado da Cultura
- Anteprojeto de Lei que institui a Fundação Estadual de Arte e Cultura (Fundac)

## 17. Projetos

### Documentos:

- Proposta para projeto e implantação de exposição inaugural do Museu do Guarujá (data do pedido de busca do projeto na Junta Comercial de São Paulo: 14 dez. 1983)
- Projeto e conceito do Centro Cultural Espaço Ecológico e de Es-cultura, em São Paulo (1987)
- Proposta museológica do Parque Modernista, em São Paulo (1988[?])
- Proposta de revitalização das unidades museológicas do interior vinculadas ao Dema (1988)
- Projeto de exposição “Casa, café & cortesia”, com a curadoria de Diná T. Camarinha Queiroz Jobst

## 18. Textos avulsos

Documentos:

- “Museu e Sociedade/Museu e público: propósitos sem ilusões”, texto de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses – USP (sem data)
- “A arte e o êxito”, texto de Olavo Drummond – Sociedade de Amigos dos Museus do Brasil (sem data)
- “O museu de arte e a realidade brasileira”, texto de Priscila Freire (sem data)

## 19. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

Documentos:

- “Waldisa Rússio: uma vocação”, texto datilografado em homenagem a Waldisa, por ocasião de sua morte (sem autor), e o script de uma produção audiovisual a partir desse texto [?], com referências a música/cena/tempo/narração
- Xerox do artigo “Waldisa”, escrito por Marcelo Araujo e publicado em jornal [?] (1990)

## 20. Documentos diversos

- Carta enviada por Waldisa Rússio (coordenadora do Curso de Museologia da Fesp), Renata Mercadante Becker (presidente em exercício da Asspam), Rossine Camargo Guarnieri (presidente da Federação das Associações de Escritores do Brasil – Faeb) e pela presidente em exercício da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM), a Mário Covas (prefeito de São Paulo), parabenizando-o por ter mantido Fábio Magalhães na Secretaria Municipal de Cultura (9 jul. 1983) – 2 cópias
- Histórico da Fundação Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente
- Tabela salarial de diferentes cargos de nível estadual, municipal e federal e do MAC-USP (1986-1987)
- *Clipping* com recortes e cópias xerox de reportagens e notas de jornais, referentes a museus, exposições e à profissão de Museólogo, entre outros (1983 a 1988)
- Mapa do estado de São Paulo com cidades destacadas
- Carta enviada pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos comunicando alterações na legislação do Serviço de Caixa Postal
- Livro *Obras de arte em logradouros públicos de São Paulo – Regional Sé*
- Projeto Museu D’Orsay, uma proposta de cursos, palestras e debates sobre esse museu, a serem realizados em abril de 1990 – 2 cópias

- Caderno de anotações pertencente a Marília Xavier Cury
- Relatório de viagem à 10ª Reunião Anual do Icofom (set. 1987)
- Carta de Guarapuava - 1º Encontro de Museus do Paraná (fev. 1988)
- Comunicação dos alunos do curso de Museologia da Fesp no 8º Congresso Nacional de Museus - Brasília, jun. 1983
- Texto sobre a ATM e a Asspam para divulgação no 8º Congresso
- Moções apresentadas e documento final do 1º Encontro Nacional de Dirigentes de Museus de Arte
- Discurso de posse de Marilena Chauí (PT) na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (2 jan. 1989)
- Coleta de subsídios para relatores, propostas de temário por setor, atas de reuniões preparatórias, programa e estrutura do 1º Encontro Internacional de Legislação Cultural - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (3-5 dez. [?])
- Material sobre a função de Museólogo e de Conservador de museu
- Definição de Museologia e da profissão, com a relação das universidades que possuem o curso de graduação - página 111 de *Cursos e Profissões* (São Paulo: Ed. Abril, 1984)
- Listas dos museus vinculados à Secretaria de Estado da Cultura
- Programa para 1984-1985 do Departamento de Atividades Regionais da Cultura - Secretaria de Estado da Cultura
- Manual de cargos da USP - Área de Artes (museu) - mar. 1985
- Dossiê com documentos sobre a relação da Expomus com a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo
- Documentos sobre a Pinacoteca do Estado: relatório de atividades da gestão da diretora técnica Maria Cecília França Lourenço (1983-1987), informações e Decreto 25.489 (11 jul. 1986) que reorganiza a instituição
- Editais de concurso para Monitor de museu (1985) e Museólogo (1984), com a classificação final
- Pontos levantados para iniciar a discussão sobre o decreto que reorganiza a Secretaria de Estado da Cultura





## Parte 3

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri  
Agente da Utopia

---

Marcelo Mattos Araujo





### 3 Waldisa Rússio Camargo Guarnieri Agente da Utopia <sup>1</sup>

*Marcelo Mattos Araujo*

*Neste momento, não se exigirá do Museu apenas a possibilidade de reinterpretar o passado ou de possibilitar a compreensão do presente; nele se irá procurar o agente do processo de “modernização”, o estimulador de uma consciência crítica e de uma visão humanista; o instigador de amortecidas capacidades de indagar, de julgar, de criar; o deflagrador de um processo no qual o Homem se coloque como fruidor e agente de vida cultural; o conscientizador do processo histórico, do Homem como ser histórico. O Museu é, assim, e deve ser cada vez mais, o agente da Utopia.*

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri  
(1977, p.26)

Este ensaio tem por objetivo apresentar uma síntese do pensamento museológico de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, destacando a singularidade dessa produção teórica, contextualizando-a no âmbito das reflexões internacionais sobre Museologia da época em que foi criada e analisando aspectos relativos à sua validade para a prática museal contemporânea brasileira.

#### 1. Uma vida pela Museologia

Waldisa Pinto Rússio Camargo Guarnieri nasce em São Paulo, em 5 de setembro de 1935. Gradua-se pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, em 1959, desenvolvendo, ao longo da década seguinte, múltiplas atividades docentes e funções administrativas junto ao serviço público estadual. No desempenho dessas funções administrativas, acaba por concentrar-se na área cultural, e, mais especificamente, no universo museológico. Formula as estruturas jurídicas e administrativas do Conselho Estadual de Cultura em 1968, do Museu de Arte Sacra de São Paulo em 1969, e do Museu da Casa Brasileira em 1970.<sup>2</sup>

- 1 A primeira versão deste ensaio foi desenvolvida em 2001, como Trabalho Programado para Qualificação de Doutorado junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).
- 2 Grande parte das informações biográficas do início da carreira de Waldisa foi retirada de diversos currículos feitos pela própria autora, os quais hoje fazem parte do Arquivo Waldisa Rússio no IEB-USP.

No final de 1970 é nomeada diretora técnica do Museu da Casa Brasileira (MCB), na época dirigido por seu grande amigo, o historiador Ernani da Silva Bruno. Já ligada à Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, organiza no Museu uma série de atividades denominada “Seminários Permanentes”, visando o “entrosamento entre as diversas áreas do MCB” e “o estímulo ao estudo e à pesquisa em todos os níveis”, na tentativa de “criação de um espírito de modéstia e de receptividade à sugestão e à crítica, sem o que não se constrói um verdadeiro espírito científico, condição essencial ao desempenho de atividades no Museu atual e atualizado”. Evidenciando a permanente articulação entre as áreas de Sociologia e Museologia que irá caracterizar o pensamento da autora, bem como sua constante preocupação com a formação e com as lutas políticas mais gerais, esses Seminários Permanentes são propostos como espaços para uma “discussão de problemas em termos absolutamente democráticos, [em que] conselheiros, diretores, chefes, nivelam-se a funcionários e a colaboradores voluntários; doutores, mestres e licenciados a estudantes” (*Boletim*, 1975, p.3). Só em 1974, para se ter uma ideia da importância desses Seminários Permanentes, são realizadas 48 sessões, em que apresentam comunicações, entre outros, Paulo Duarte (“Uma nova filosofia de museu”), Maria Afonsina Rodrigues (“Museografia, uma ciência em aberto”), Vinícius Stein Campos (“O panorama da Museologia no tempo e no espaço”), Alice Camargo Guarnieri (“Informática e Museu”) e a própria Waldisa, que realiza cinco palestras: “A necessidade da arte – Museus: para quê?”, em 22 mar. 1974; “Uma política cultural para o estado de São Paulo”, em 24 maio 1974; “A profissionalização de nível médio nos museus”, em 12 jul. 1974; “Problemas de monitoria de museu”, em 13 set. 1974, e “Alguns aspectos do museu numa sociedade em transição; burocratização, liderança funcional e relações humanas”, em 25 out. 1974 (*Boletim*, 1975, p.97-101).

Em 1975 Waldisa passa a exercer as funções de assistente técnica para museus da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. Nesse órgão, assume a coordenação do projeto de pesquisa sobre os museus do estado de São Paulo, que por meio do “Grupo Técnico de Museus” (GTMuseus) realiza o levantamento, entre 1976 e 1977, das condições de funcionamento dos museus paulistas, propondo normas para sua reutilização. Em 1977 cria também o projeto museológico da Casa Guilherme de Almeida.

Paralelamente às atividades profissionais, desenvolve sua formação acadêmica. Em 1977 conclui o curso de mestrado na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), com a dissertação *Museu: um aspecto das organizações culturais de um país em vias de desenvolvimento*, que reivindica constituir-se no primeiro trabalho acadêmico de pós-graduação sobre Museologia no Brasil. Três anos depois, em 1980, defende na mesma Instituição tese de doutoramento intitulada *Um Museu de Indústria na cidade de São Paulo*. As duas investigações são realizadas sem orientador responsável, de acordo com a sistemática então adotada pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fesp/SP, que previa a apresentação regular das pesquisas em sessões abertas a alunos e professores, e uma avaliação final por Comissão Examinadora.

A investigação teórica sobre Museologia empreendida por essa formadora de gerações tem prosseguimento na década de 1980, principalmente por meio de ativa participação no International Committee for Museology (Icofom), entre nós denominado de Comitê Internacional de Museologia, um dos diversos comitês internacionais temáticos integrantes do International Council of Museums (ICOM). Ressalte-se que o ICOM congrega profissionais de museus de todo o mundo, propiciando confrontos e consolidação de conceitos e práticas, configurando-se como veículo de afirmação do exercício museológico. Em publicações editadas pelo Icofom nos primeiros anos daquela década, Waldisa formula uma singular conceituação de Museologia, que se constitui em uma das mais instigantes contribuições à sua caracterização enquanto disciplina científica, movimento que norteia grande parte da produção teórica dessa área no período.

A implementação desse ideário museológico é desenvolvida por Waldisa em três vertentes confluentes, que sua personalidade, força de trabalho e dedicação lograram transformar em um compromisso de vida. A primeira é a tentativa de concretização de um Museu de Indústria paulista. Com esse objetivo, em 1979 Waldisa passa a integrar o quadro da assessoria técnica da Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, criada com a extinção da antiga Secretaria da Ciência, Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo (Decreto 13.427, de 16 mar. 1979). É uma opção difícil, que a afasta funcionalmente de todos os museus existentes, os quais permanecem na recém-criada Secretaria de Cultura, mas que a grande idealista vê como o caminho possível para a implantação do projeto de sua autoria visando a criação de um Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo (MICT/SP).

Esse projeto, fruto de vários anos de pesquisa da autora, no Brasil e no exterior, e objeto de sua tese de doutoramento, configurava uma proposta inovadora para a realidade do estado de São Paulo, por meio de um “museu-processo e obra-aberta” (Guarnieri, 1980b, p.3). Nele, Waldisa propõe a constituição de uma instituição de múltipla sede, abarcando três diferentes níveis de organização:

1. Museus de sítio industrial: “áreas de produção musealizada nas fábricas e empresas, preservando a memória de cada uma e contribuindo para o registro da memória local ou regional”, configurando museus filiados e assistidos pelo Museu da Indústria.
2. Museus setoriais de indústria e/ou comércio: registros da “contribuição de áreas específicas, como a tecelagem, a alimentação, a siderurgia” e outras, configurando organismos conveniados com o Museu da Indústria e assumindo, eventualmente, o aspecto de museus regionais.
3. Sede central, abrigando “exposições de longa duração e temporárias, temáticas; um serviço educativo com ênfase no trabalho com crianças (oficinas infantis), um banco de dados da memória industrial e comercial (arquivo de multimeios) e um centro de estímulo à criação industrial”. (Guarnieri, 1980b, p.3)

A implantação do projeto é sugerida por Waldisa “da periferia para o centro”, ou seja, dos museus de sítio para os setoriais, e destes para a sede central. Seguindo esse roteiro, e na qualidade de coordenadora do Projeto do MICT/SP, participa, entre 1979 a 1981, de diversas ações de preservação de antigos polos industriais por todo o estado, como a da Tecelagem Santa Helena, em Jacareí. São fábricas detentoras de processos tecnológicos de natureza quase artesanal, que se encontravam superados pelo desenvolvimento industrial, e cuja preservação a inteligência de Waldisa via não só como vital para a construção de uma história da industrialização no Brasil, mas também como um caminho para o desenvolvimento autossustentável das comunidades operárias envolvidas.

Nesses anos, Waldisa coordena, na Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado, diversas atividades preparatórias para a instalação do MICT/SP, entre elas a publicação da Coleção “Museu & Técnicas” e a organização de oficinas infantis que contam com a colaboração de técnicos da Secretaria, do Senai, e de alunos da Faculdade de Belas Artes de São Paulo e da Fundação Escola de Sociologia e Política

de São Paulo. A Coleção “Museu & Técnicas” apresenta “textos básicos para a formação ou informação dos técnicos e dos estudiosos em geral”, partindo da premissa de que a Museologia, “ciência nova e ainda em construção”, “se ressentida de uma bibliografia não suficientemente rica em nível internacional, e particularmente pobre entre nós, brasileiros” (Guichen, 1980, p.15). Atingiu seis números, que guardam ainda vigorosa atualidade:

1. *Museus: adequados a abrigar coleções?*, de Gaël de Guichen, mar.-abr. 1980.
2. *Projeto Museu [Mobral: uma experiência]*, de Eunice Arruda Marcondes César, maio-jun. 1980.
3. *Notas sobre o mofo nos livros e papéis*, de Alice Camargo Guarnieri, jul.-ago. 1980.
4. *A fotografia como fonte histórica*, de Boris Kossoy, set.-out. 1980.
5. *Manual prático de preservação fotográfica*, de João Sócrates de Oliveira, nov.-dez. 1980.
6. *Um Museu de Indústria em São Paulo*, de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, nov.-dez. 1981.

Em 1981, o MICT/SP é oficialmente criado, mas, a exemplo de inúmeras outras iniciativas culturais no país, suas atividades são suspensas logo a seguir, em 1982, por razões de natureza política, e todo o investimento de trabalho e reflexão é reduzido à documentação apenas administrativa nos arquivos da Secretaria responsável.<sup>3</sup>

Em 1986, atendendo convite de Crodowaldo Pavan, então presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Waldisa participa do projeto de criação da Estação Ciência, em São Paulo. Desenvolve um inovador projeto museológico que articula múltiplas atividades das mais diferentes áreas científicas, envolvendo a participação de jovens pesquisadores e profissionais recém-egressos do Curso de Museologia. Inaugurada em junho de 1987, a Estação Ciência – localizada em antigos galpões industriais da década de 1930, construídos ao longo do leito da antiga ferrovia *São Paulo Railway* – volta-se prioritariamente, nos seus primeiros anos de atividade, para o público escolar e infantil carente, constituindo-se em iniciativa pioneira no Brasil no campo da divulgação científica.

<sup>3</sup> A existência de outra instituição museológica com objetivos similares em São Paulo, a Fundação Museu da Tecnologia, cuja direção possuía estreitos contatos com o então governador Paulo Maluf, acabou provocando um conflito de interesses com o Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo.

Em 1998, a Estação Ciência e a Editora Saraiva publicam a coletânea “Centros e Museus de Ciência: visões e experiências. Subsídios para um programa nacional de popularização da ciência”, organizada por Silvério Crestana, Miriam Goldman de Castro e Gilson R. de M. Pereira. Da publicação, constam seis artigos que discutem a experiência e a história da Estação Ciência em seus dez primeiros anos de atividade, sob o ponto de vista de seus dirigentes, dos arquitetos responsáveis pelo projeto de adaptação do imóvel e de alguns pesquisadores associados na época de sua criação. Desses textos, o único a resgatar a fundamental presença de Waldisa na idealização da instituição é o de seu antigo aluno Pedro Antônio Federsoni Júnior, ex-diretor do Museu do Instituto Butantan, ao ressaltar a importância da proposta museológica inicial, a qual propunha como percurso ao visitante uma visão integral do Universo para se chegar à realidade da cidade de São Paulo. Uma lamentável, mas simbólica omissão, que bem ilustra a incompreensão e a subvalorização do papel dos projetos museológicos – ainda hoje recorrentes no cenário científico brasileiro – e contra as quais Waldisa tanto combateu.

O segundo campo de atuação de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri é o do engajamento nos movimentos políticos, sociais e culturais de seu tempo. Das lutas pelo restabelecimento do Estado Democrático nas décadas de 1970 e 1980, principalmente nas campanhas pela Anistia e pelas Diretas-Já, à defesa da Museologia e do patrimônio cultural, passando pela ecologia e pela literatura, Waldisa destaca-se como uma participante ativa e constante em todos os fóruns. Oradora brilhante e debatedora incansável, sua presença em reuniões, associações, congressos e simpósios, nacionais e internacionais, sempre se constituía em liderança e orientação construtivas, que marcam a memória de todos que a conheceram.

Pioneira da luta pela regulamentação da profissão de museólogo, que levou à edição da Lei 7.287 de 18 dez. 1984, é membro fundador do Conselho Regional de Museologia de São Paulo, em 1986, e membro da primeira diretoria do Conselho Federal de Museologia, entre 1987 e 1988. E também membro fundador e primeira presidente da Associação Paulista de Museólogos (Asspam), de 1983 a 1985, e da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM), de 1983 a 1984. A partir de 1976, na qualidade de membro do Comitê Brasileiro do ICOM, luta arduamente pela democratização do órgão, por meio da ampliação do direito de acesso aos profissionais e estudantes de Museologia. Internacionalmente, é membro da Associação Norte-Americana de Museus (AAM) a

partir de 1979, e do Comitê Internacional de Museologia (Icofom) do ICOM,<sup>4</sup> para cujo Conselho foi eleita nos triênios 1981-1983 e 1984-1986. Participa como responsável pela definição da terminologia em português do Brasil do Comitê Internacional Consultivo de Redação do *Dictionarium Museologicum*, publicado em Budapeste, em 1986, pelo Comitê Internacional de Documentação (Cidoc) do ICOM. É, ainda, membro atuante da União Brasileira de Escritores (UBE), a partir de 1980, e presidente do Centro Cultural e de Amizade Brasil-China, em 1987.

Finalmente, a terceira vertente de atuação de Waldisa, e, sem dúvida alguma, a grande obra a que dedica seus últimos anos, é a criação de um Curso de Museologia no nível de pós-graduação. A carreira docente de Waldisa remonta a 1954, quando começa a lecionar português e história do Brasil. Já a partir de 1974, dá aulas e conferências sobre diversos aspectos do universo museológico por todo o país. Em 1978, passa a coordenar o Curso de Museologia da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), a partir de projeto de sua autoria. O Curso, o primeiro em nível de pós-graduação no Brasil, funciona nos dois primeiros anos no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), cujo diretor, Pietro Maria Bardi, empresta à nascente iniciativa valioso apoio. O Curso percorre nos anos seguintes um tortuoso roteiro de sedes, determinado pela instabilidade institucional da Fesp/SP.

Indica-se, como objetivo básico para o Curso, a “a formação de pessoal em nível pós-graduado, atendendo à Recomendação adotada pela 8<sup>a</sup> Assembleia Geral do ICOM, a 2 de outubro de 1965”, uma “formação que há de encontrar seu embasamento nas técnicas museográficas e sua filosofia de trabalho na visão do museu como processo social” (Folheto do Curso de Museologia, 1979). Organizava-se em três módulos anuais, que funcionam como Cursos de Especialização independentes (“Pequenos museus”, “Museus de arte e de história”, “Museus de ciência, indústria e técnica”) e que, no conjunto, constituíam os créditos necessários para a apresentação de dissertação de mestrado junto à Fesp/SP, conforme metodologia então adotada pela escola. Cada módulo “explora monograficamente um tema, procurando sempre objetivar situações temáticas vinculadas à realidade brasileira, ao mesmo tempo em que, em função do tema, estrategicamente coloca os fundamentos da formação museográfica e museológica” (Folheto do Curso de Museologia, 1979).

4 International Council of Museums (ICOM), órgão da Unesco relativo aos museus.

Em 1984, o Curso de Museologia dá origem ao Instituto de Museologia da Fesp/SP, do qual Waldisa assume a Diretoria, cargo este que manteria até falecer. Na qualidade de sua idealizadora, ganha destaque internacional, que a leva a ministrar cursos e palestras em Lima, Peru (1980), em Monterey, México (1980), no Creusot, França (1984), em Barquisimeto e Caracas, Venezuela (1985), e em Guadalajara e na Cidade do México, no México (1987), entre outros. O Curso e, posteriormente, o Instituto de Museologia são responsáveis pela formação de toda uma geração de museólogos, com expressiva atuação não só em São Paulo mas em todo o Brasil e mesmo no exterior. Para lembrar apenas alguns nomes, dentre os inúmeros profissionais que tiveram sua formação museológica sob a orientação de Waldisa e que continuam atuantes nas mais diferentes instituições até os dias de hoje, poderiam ser lembrados Alda Ribeiro, Albany Armelin, Ana Maria Leitão Vieira, Ana Silvia Bloise, Beatriz Cruz, Eugenia Gorini Esmeraldo, Eunice Sofia, Gisele Marques Paixão, Heloísa Barbuy, Márcia Ribeiro, Maria Antonieta Oliveira Costa, Maria Cristina Oliveira Bruno, Maria Eugenia Saturni, Maria Inês Coutinho, Maria Pierina Ferreira de Camargo, Marília Xavier Cury, Marilucia Bottalo, Pedro Antônio Federsoni Júnior, Ricardo Nogueira Bógus, Rosa Esteves, Teresa Toledo de Paula, Wilson Stanziani de Souza e o autor deste ensaio.

Waldisa Rússio tem na figura do marido, o poeta Rossine Camargo Guarnieri (18 fev. 1911 – 2 out. 1989), um grande incentivador – “pela compreensão e pela ajuda, o melhor companheiro” (Guarnieri, 1980a, p.5) –, e com ele forma um casal de destacada presença no cenário cultural paulista da época. Falece prematuramente em São Paulo, aos 55 anos de idade, em 11 de junho de 1990, vítima de moléstia cardíaca. Sua biblioteca e o arquivo são doados por sua mãe, Isa Simões Pinto Rússio, ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) em 1992.



## 2. A construção do pensamento museológico de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

### 2.1. Primeiras formulações: o museu-processo

A reflexão teórica sobre Museologia de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri desenvolve-se ao longo de um período de quinze anos, que se inicia por volta de 1975 e se encerra em 1990, com seu brusco e precoce falecimento. Intimamente conectada com sua atuação profissional, essa produção intelectual vai se construindo sempre a partir de um confronto entre a análise da realidade concreta do universo museológico em seus múltiplos aspectos (histórico, sociológico, político) e a elaboração de modelos referenciais epistemológicos. “Todo estudo que se pretende fazer sobre museus girará sempre entre o ser e o dever ser”, adverte a autora já em 1977 (Guarnieri, 1977, p.60).

Seu pensamento se exterioriza por meio de uma série de textos de diferente natureza (artigos de divulgação para jornais, teses acadêmicas, apresentações em seminários e congressos), publicados nos mais diversos veículos. Esses textos não foram em nenhum momento objeto de uma sistematização por parte da autora que, pressionada por uma multiplicidade de compromissos profissionais, não logra produzir obra mais ordenada sobre suas formulações, ainda hoje dispersas por uma longa bibliografia muitas vezes de difícil acesso, fato este que se constitui em considerável desafio para sua análise e extroversão.

Os primeiros textos de Waldisa Rússio sobre Museologia são produzidos entre 1974 e 1980, englobando duas séries de artigos, a primeira publicada no *Boletim* do Museu da Casa Brasileira e a segunda, no Suplemento Cultural do jornal *O Estado de S. Paulo*, além de sua dissertação de mestrado. Nesse primeiro momento do histórico de formulação de seu pensamento, é possível identificar uma preocupação básica com a compreensão do Museu, enquanto modelo institucional, no âmbito da realidade brasileira, e, mais especificamente, paulista. E um esforço para a “formulação de uma proposta de ação” para os museus, a partir de um “diagnóstico sobre [sua] ação ... numa estrutura em mudança”, e que leve em consideração todas as “novas necessidades que pode engendrar o museu numa sociedade em transição” (Guarnieri, 1977, p.59).

Utilizando um vasto arcabouço intelectual, Waldisa Rússio sintetiza, nesse conjunto de textos, um histórico das transformações da instituição museu desde a Antiguidade até o século XX, como pano de fundo para uma discussão sobre o caráter dos museus brasileiros, da especificidade de sua evolução histórica ao confronto com outros modelos de organizações sociais. Assim, para Waldisa, se é correto invocarmos a existência de “um passado museológico no Brasil”, derivado da presença da instituição no país desde o início do século XIX, com a criação do Museu Real por D. João VI em 1818, seria incorreto falarmos de um “passado museológico brasileiro” (Guarnieri, 1977, p.44), uma vez que o Museu é, em nosso país, cronologicamente, anterior à própria Independência, “carregando, assim, consigo, muito de uma mentalidade colonial ou colonizada” (Guarnieri, 1979b) e refletindo “padrões culturais, valores e modelos de sociedades mais adiantadas” (Guarnieri, 1977, p.58).

Como herança dessa origem colonial, Waldisa destaca uma série de fatores que, em plena vigência da “sociedade industrial”, funcionariam como elementos impeditivos para a plena efetivação dos museus como “agentes de modernização”:

excessivo apego à departamentalização apenas das exposições, de acordo com categorias museológicas, sem um correspondente apoio nas atividades educacionais e culturais e na infraestrutura administrativa ... recursos financeiros pouco numerosos ou pouco flexíveis ... recursos humanos sem formação adequada. (Guarnieri, 1977, p.131)

Dentro desta análise, o elemento que talvez seja o mais interessante a ser destacado é a conclusão da autora de que o conjunto de fatores acima elencados configuraria um quadro indicativo da “falta de uma imaginação sociológica capaz de entender o museu como um processo” (Guarnieri, 1977, p.131). Segundo Waldisa, o Museu seria sempre uma instituição voltada para um público, inserida, como todas as outras organizações culturais, em estruturas sociais complexas, e a compreensão dos mecanismos de funcionamento dessas estruturas seria condição inicial para o eventual cumprimento de qualquer função socialmente válida. Na atualidade, “tempo de tentativas racionais, de divisão do trabalho, de formalismo e especialização ... dos grupos multiprofissionais, da reflexão conjunta de muitas inteligências sobre um mesmo projeto”, a condição de eficiência do Museu seria a perspectiva de um trabalho em que os aspectos “da preservação, conservação e da comunicação museológica” (Guarnieri, 1977, p.133) fossem compreendidos dentro de uma visão única e sistêmica, que não exclui porém a criatividade, “a imaginação e a sensibilidade humanas”.

Essa visão do “museu-processo” permitiria ainda, segundo Waldisa, “a construção de uma política museológica calcada na realidade nacional e nas várias realidades regionais, para que os museus possam se viabilizar como preservadores da memória e inspiradores da mudança” (Guarnieri, 1977, p.146).

Essa proposta de uma “política museológica” de âmbito nacional, fruto da vasta experiência de Waldisa no campo da administração pública, deveria se processar, segundo a autora, a partir da sistematização de uma rede de museus, tema ainda hoje presente em todas as discussões sobre política museológica. Para cumprir aquele objetivo, a referida rede deveria ser o “resultado natural do seu fortalecimento e de sua expressão individual”, posição que se constituiu em visão inovadora para sua época, e mesmo premonitória, a advertir que “não se constroem redes sistemáticas duráveis e atuantes se os seus componentes não forem saudáveis e dinâmicos” (Guarnieri, 1977, p.147).<sup>5</sup>

É essa contextualização do universo museológico brasileiro que serve a Waldisa Rússio como ponto de partida para a formulação de algumas propostas de modelos institucionais. As três mais significativas são a de um Museu da Criança, desenvolvida em sua dissertação de mestrado, em 1977, a de um Museu de Indústria, tema central de sua tese de doutorado, em 1980, e a da Estação Ciência, em São Paulo, em 1986. Nesses modelos, Waldisa busca uma concretização, no contexto da realidade brasileira, de sua hipótese sobre a relação museológica, em distintos campos do saber. Paralelamente, a partir de 1981, até sua morte, ela irá tratar em seus textos do aprimoramento dessa formulação, concentrando-se na análise e na discussão teóricas acerca do objeto de estudo da Museologia.

Já em 1977, ao discutir as diferentes conceituações de Museu, Waldisa aponta um elemento comum entre elas: a existência de “um acervo de objetos, coletados e expostos para fins de preservação, documentação, estudo, comunicação ao público, e para o prazer desse mesmo público”. Esse fato implicaria, segundo ela, a necessidade de adequação do “cenário”, tomado em seu sentido sociológico, ou seja, o espaço “onde a relação ‘homem/objeto’ se torna viável em plenitude”,

<sup>5</sup> Waldisa chegou a propor no final da década de 1970 a criação de uma Fundação de Museus para o Estado de São Paulo, com o objetivo de “utilização mais rápida e de forma mais flexível dos recursos financeiros”, e que “seria, antes de mais nada, um novo processo de atualização e dinâmica no respectivo museológico” (Guarnieri, 1977, p.131).

“onde o Homem não apenas ‘olhe’ os objetos, mas possa ‘vê-los’, senti-los, dir-se-ia mesmo dialogar com eles” (Guarnieri, 1977, p.137).

Em 1979, já propõe uma conceituação de Museologia, a seu ver uma ciência em construção. Museologia seria “a ciência do Museu e das suas relações com a sociedade; é também a ciência que estuda a relação entre o Homem e o Objeto, ou o Artefato, tendo o Museu como cenário desse relacionamento” (Guarnieri, 1979a). Será em 1981, no entanto, que Waldisa formulará de maneira mais elaborada sua conceituação de Museologia. Nesse ano, atendendo convite dos editores, ela publica no segundo número do *Museological Working Papers - MuWoP* (Textos de reflexão sobre Museologia), uma coletânea editada pelo Icofom/ICOM, um ensaio intitulado “A interdisciplinaridade em Museologia”.

É importante, neste momento, apresentarmos um breve panorama do contexto internacional em que se desenvolve essa discussão, para fundamentar e sublinhar a dimensão e a importância da contribuição teórica de Waldisa.

## 2.2. O cenário internacional: Museologia como disciplina científica

É a partir da década de 1950 que o conceito de Museologia passa a ser sistematicamente debatido. Esse processo vai desenvolver-se concomitantemente com, e em grande parte graças à atuação do ICOM, fundado em Paris em 1946. Ambos poderiam ser vistos, em uma análise genérica, como a tentativa de construção de respostas para os desafios então enfrentados pelos museus, sintetizados por Jan Jelinek, presidente do órgão de 1971 a 1977, desta maneira: “Como os museus deveriam desenvolver sua profissão e sua atividade para responder às necessidades culturais da sociedade contemporânea?” (*MuWoP*, 1980, p.2).

No primeiro período, como explica Peter van Mensch, professor de Museologia da Rewardt Academie de Amsterdã (van Mensch, 1994, p.4), as discussões giram em torno da conceituação de Museologia como ciência, que tem por objeto o “estudo da finalidade e da organização dos museus”, de acordo com as conclusões gerais do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, ocorrido no Rio de Janeiro em 1958 (Araujo; Bruno, 1995, p.11).

Esse Seminário se inseria em um Programa de Ação da Unesco destinado a contribuir para o desenvolvimento dos museus, o qual se constituía, basicamente, na promoção de seminários internacionais e regionais para a discussão das experiências museológicas, com auxílio e orientação do ICOM. A série de seminários promovidos ao longo das décadas de 1950 e 1960 (Nova York, 1952; Atenas, 1954; Rio de Janeiro, 1958; Tóquio, 1960; Cidade do México, 1962; Jos, 1964; Nova Déli, 1966) acabou por consolidar essa visão de Museologia como estudo da história e estruturação dos museus, seus métodos específicos de trabalho e diferentes classificações. Essa visão, por sua vez, foi responsável pela orientação de grande parte dos cursos de formação e treinamento em Museologia, sintomaticamente denominados nos países de língua inglesa de *Museum Studies*.

A insuficiência desse tipo de formação e a precariedade da conceituação que o sustentava ficaram logo evidentes em face da enormidade dos desafios enfrentados pelas instituições museológicas. A realização em 1972 da Mesa-Redonda de Santiago do Chile sobre o papel dos museus na América Latina, na sequência de seminários promovidos pela Unesco e pelo ICOM, sinalizou de forma incisiva a necessidade de se estruturar o museu como instrumento de ação integral, ou seja, elemento dinâmico de mudança que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade. Em 1975, uma iniciativa dinamarquesa visando esclarecer questões conceituais para o estabelecimento de centros de formação em Museologia deu origem a uma grande enquete na Europa, que apresentou a profissionais selecionados uma pergunta direta: “O que é a Museologia?”.

Defendemos que essa preocupação com a função social dos museus foi assim gradativamente consolidando uma consciência de que a Museologia deveria ser pensada em dupla perspectiva: instituída como atividade profissional específica e como disciplina autônoma. A inter-relação entre essas questões marcou, de várias maneiras, as discussões teóricas sobre o universo museológico, inclusive na determinação dos fóruns em que ocorreram e ocorrem essas discussões, geralmente ligados aos centros de formação em Museologia ou aos movimentos para sua instalação.

O movimento mais significativo desse processo pode ser localizado nos últimos anos da década de 1970 e no início dos anos 80. Em 1977, durante a 12ª Conferência Internacional do ICOM em Moscou, cria-se o

Comitê Internacional de Museologia (Icofom), com o objetivo de debater as questões teóricas e metodológicas da Museologia, evidenciando, assim, a importância dessas questões no meio profissional.

Em 1978, a partir de debates internos, esse Comitê iniciou um projeto de publicação reunindo colaborações de diversos autores, reconhecendo que “a Museologia tem necessidade de possuir um jornal teórico, que se constitua em espaço para o intercâmbio de visões, de ideias e em instrumento para a correta compreensão de nossa situação, de nossas possibilidades e de nossos deveres no desenvolvimento de nossos serviços” (*MuWoP*, 1980, p.1). Essa publicação, denominada em sua versão inglesa *Museological Working Papers – MuWoP*, ou na francesa *Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM*, reuniu em seu primeiro número, de 1980, quinze artigos de profissionais de museus, muitos deles professores ou responsáveis por cursos de Museologia na França, Inglaterra, Tchecoslováquia, Dinamarca, Suécia, União Soviética, República Democrática da Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Japão e Síria, além de uma introdução de seu redator chefe, o museólogo sueco de origem tcheca Vinos Sofka, o qual, tomando como ponto de partida as questões identificadas na enquete europeia de 1975, apresentava a mesma pergunta anteriormente colocada – “O que é a Museologia?” – mas circunscrevia a hipótese que dá origem ao título da publicação: “A Museologia é ciência ou somente trabalho prático de museu?”.

Procedia-se, pela primeira vez em nível internacional, a uma sistematização e a um balanço crítico da problemática teórica da Museologia, iniciando-se um diálogo que logo se revelaria dos mais profícuos. Na diversidade de posições assumidas pelos autores nesse primeiro número do *MuWoP* é possível identificar uma abordagem que, apesar das diferenças entre seus defensores, acabaria por se difundir e impor no processo de caracterização da Museologia como disciplina autônoma: a visão de Museologia como estudo da relação específica do homem com a realidade.

Dois nomes se destacam na formulação dessa conceituação: a filósofa Anna Gregorová, pesquisadora do Instituto Central de Museus e Galerias de Arte de Bratislava, e Zbynek Stránský, diretor do Departamento de Museologia do Museu da Morávia e diretor do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia da Universidade Jan Purkyne, em Brno, ambos da então Tchecoslováquia, país onde se desenvolveu um importante espaço de reflexão museológica.

Anna Gregorová é radical em sua defesa do caráter científico da Museologia, que conceitua como

uma disciplina científica em formação que examina a relação específica do homem com a realidade e consiste na coleção e conservação conscientes e sistemáticas e na utilização científica, cultural e educacional de objetos inanimados, materiais, móveis (sobretudo tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade. (*MuWoP*, 1980, p.19)

Ela inicia seu raciocínio a partir do exame de três grupos de problemas fundamentais no que denomina “relação museológica do homem com a realidade”: o museu e a realidade, o museu e a sociedade, e problemas terminológicos em conexão com a análise das funções do museu.

No primeiro tema, a autora identifica alguns aspectos constitutivos dessa relação: o aspecto cronológico tridimensional da realidade, ou seja, a consciência humana da continuidade da evolução histórica (sentido histórico) e o aspecto de estruturação e diferenciação da realidade, vale dizer, a percepção humana das diferenças. Esses dois aspectos seriam os impulsionadores da constituição das coleções, entendidas como “atitudes museológicas” resultantes da capacidade humana, a partir de determinado estágio de evolução cultural, de conceber e apreciar valores da realidade (cultural ou natural) e adotar medidas para sua proteção, e que, portanto, estariam na gênese do processo institucionalizador que dá origem ao museu.

Gregorová aponta ainda no mesmo texto que a relação museológica do homem com a realidade se desenvolve de maneira cada vez mais complexa e sob múltiplas formas, ressaltando que nos museus o processo de conhecimento se opera de duas maneiras: a pesquisa de novos aspectos da realidade (pesquisa científica de base) e a transmissão dos conhecimentos assim adquiridos (pesquisa aplicada), realizada pelas exposições e pelas atividades culturais e educativas.

Em relação ao segundo tema – museu e sociedade –, Gregorová indica, sempre no ensaio em questão, que o objeto da Museologia é também o estudo de todas as relações do museu, como instituição, com a sociedade, em seu conjunto ou com seus diferentes membros. E o aspecto da função social do museu ela divide em três: cultural, educativo e sociopsicológica. Finalmente, em relação aos problemas de terminologia e conceituação, Gregorová ressalta a necessidade

de uma definição exata para Museologia que possa exprimir sua essência e que, portanto, não pode ter como base uma instituição. Salienta assim que nem o museu, nem as coleções, podem se constituir no objeto da Museologia, defendendo a visão já exposta. Ressalta que aquela definição “exclui a possibilidade de confusão do objeto de estudo com outra ciência”, implica um caráter interdisciplinar para a Museologia e que, acima de tudo, a torna “uma disciplina independente, com objeto de estudo próprio, específico e particular” (*MuWoP*, 1980, p.20).

Zbynek Stránský estrutura suas reflexões a partir da constatação de não ser mais possível resolver os problemas dos museus somente no nível da prática, havendo a “necessidade de um instrumento específico que nos permita tomar consciência deste aspecto objetivo da realidade, aprender suas leis, encontrar as soluções otimizadoras das suas tarefas cotidianas e identificar os caminhos a seguir”. Ele prossegue apontando que “a concepção intuitiva de museu”, que ainda predomina como objeto de certa teoria museológica, identifica essa problemática com as questões de organização e de ordem técnica dos museus, levando à identificação dessa teoria com a prática institucional. “O ensino da teoria de museu ou da Museologia já se realiza hoje em escolas superiores”, afirma Stránský, mas

este ensino repousa principalmente – como o demonstram os programas de ensino publicados – sobre uma base teórica relativamente frágil: trata-se, geralmente, da transmissão de experiências positivas, de instruções relativas à prática, aos diferentes métodos e técnicas. Certamente não é insignificante, mas se permanecerem neste nível, a teoria de museu ou a Museologia dificilmente se transformarão em uma disciplina igual aos outros ramos de estudo universitários. (*MuWoP*, 1980, p.42)

O estágio da Museologia naquele momento, concluía Stránský, poderia ser caracterizado como de “indeterminação teórica” e, portanto, a questão do objeto da disciplina museológica seria a questão chave para sua configuração, juntamente com a solução da problemática da terminologia aplicável.

### 2.3. A Museologia como relação entre o homem, o objeto e o museu

O desafio estava lançado e a comunidade museológica internacional não tardou em responder. Já no ano seguinte, em 1981, lançava-se o segundo número do *MuWoP*, abordando a questão da interdisciplinaridade em Museologia. O ensaio de Waldisa – única



colaboradora da América Latina – recebe o mesmo título da publicação, *A interdisciplinaridade em Museologia*, e é apresentado como “um resumo de um seminário proferido no curso de Museologia da Fesp, a mais jovem das quatro escolas de Museologia existentes no país e responsável pelo primeiro curso de Museologia em nível de pós-graduação do Brasil” (Guarnieri, 1981).

O posicionamento de Waldisa apresenta-se, como sempre, firme e direto:

a Museologia é uma ciência nova e em formação, que faz parte das ciências humanas e sociais. Ela possui um objeto específico, um método especial e já tenta a formulação de algumas leis fundamentais. O objeto da Museologia é o fato museal. O fato museal é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual ele tem o poder de agir.

Segundo a autora, essa relação comportaria diferentes níveis de consciência, na medida em que o homem pode apreender o objeto por meio de todos os seus sentidos, e deveria ser considerada sob quatro perspectivas: a *relação* em si mesma, significando “percepção” (emoção, razão), registro (sensação, imagem, ideia) e memória (sistematização de ideias e de imagens e estabelecimento de ligações); o *homem* em si mesmo (filosoficamente, eticamente, no plano da teoria do conhecimento, da psicologia, em sua relação com outros grupos humanos e sociais); o *objeto* em si mesmo, a exigir uma identificação, uma classificação em um sistema e a supor uma conservação; e finalmente o *museu*, visto como condição para a efetivação da comunicação das evidências materiais. A utilidade dessa base institucional é ressaltada por Waldisa na medida em que ela abrange desde “o pequeno museu até o grande museu tradicional, passando pelo ecomuseu, sem dúvida uma das maiores conquistas e descobertas da Museologia contemporânea”, e se caracteriza pela intenção de sua criação e pelo reconhecimento público de sua natureza” (Guarnieri, 1981).

Essa relação profunda entre o homem e o objeto que se desenvolve no museu é visualizada pela autora como um processo de comunicação no qual “o homem toma consciência do objeto enquanto parte do mundo natural e o transforma em imagem, em ideia-conceito, ou seja, o incorpora ao mundo intelectual por meio da sua internalização no sentido sociológico do termo”. E, portanto, um processo que comporta diferentes níveis (consciência, internalização, conceitualização, alimentação da memória, ativação do sentido crítico, realização de comparações) e pelo qual o homem passa da contemplação passiva a um “comportamento ativo e

criativo”. Esse é um dos pontos-chaves do pensamento de Waldisa, cuja grandeza intelectual – outra marca ímpar de seu caráter – a levou sempre a debitar aos ensinamentos de Paulo Freire, e que já em 1981 é ressaltado como a possibilidade de o homem “não só passar a ser capaz de formular julgamentos, mas realizar transformações ... compreender e aceitar a novidade, as mudanças de uma sociedade em contínua evolução, em resumo, todo o processo científico, histórico e social” (Guarnieri, 1981).

Nos 9 anos que se estenderão da publicação de *A interdisciplinaridade em Museologia* até sua morte, em 1990, Waldisa se dedica a aprimorar o conceito de Museologia por meio de uma reflexão permanente. A formulação se expressa em suas atividades docentes frente ao Curso de Museologia da Fesp/SP, nos projetos museológicos em que esteve envolvida e, principalmente, nos textos teóricos produzidos para seminários no Brasil e no exterior.

Assim é que, já em 1983, está presente no primeiro número do *Icofom Studies Series – ISS*, publicação editada pelo Comitê Internacional de Museologia (Icofom) do ICOM, que sucede o MuWoP como fórum internacional para discussão, no campo teórico e metodológico, das questões de Museologia. Nesse primeiro número, dedicado à questão da metodologia da Museologia e da formação profissional, Waldisa publica um texto no qual recoloca sua visão de que “o objeto da Museologia é o fato museal ou fato museológico ... relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual também pertence o homem e sobre a qual ele tem o poder de agir”, lembrando que outras ciências, usando métodos específicos, também se preocupam com a relação homem-realidade, como a filosofia, e mesmo com a relação homem-objeto, como a antropologia cultural, mas que só a Museologia

se preocupa com esta relação existindo num contexto musealizado, seja no cenário tradicional do museu, seja no cenário do museu de sítio ou do ecomuseu, para citar apenas alguns dos muitos “cenários” em que se processa a relação que constitui o fato museal. (Guarnieri, 1983)

A partir dessa definição do objeto da Museologia, Waldisa prossegue indagando-se a respeito do melhor método para a “articulação lógica, sistemática, dos conhecimentos universais e necessários sem a qual [a Museologia] não seria, em si, uma ciência”. Sua conclusão é, como sempre, taxativa: “esse método é a interdisciplinaridade ... que permite a constante interação, o processo que leva a um caminho próprio para a

investigação e a operação do raciocínio, assim como da ação museológica, considerados como um todo sistêmico” (Guarnieri, 1983).

E continua a autora: “assim [como] a ciência museológica tem como método a interdisciplinaridade, o ensino e a formação hão de ser, conseqüentemente, interdisciplinares, como interdisciplinar há de ser o trabalho nos museus”, para concluir com uma última defesa de sua posição: “e finalmente ... a interdisciplinaridade e seus corolários possibilitam uma maior consciência da necessidade de uma reflexão crítica contínua sobre a própria Museologia e o desempenho do museólogo como trabalhador social” (Guarnieri, 1983). Dessa forma, Waldisa insere o museólogo, sua práxis e a própria Museologia enquanto disciplina aplicada em uma perspectiva política, um dos *leitmotivos* recorrentes desse pensamento marcado pela defesa do compromisso social e pela luta em prol da construção de uma sociedade justa.

Os volumes do *Icofom Studies Series – ISS*, editados, como vimos, pelo Comitê Internacional de Museologia (Icofom) do ICOM a partir de 1983, englobam comunicações dirigidas aos Encontros anuais daquele Comitê – abordando cada ano um tema específico –, bem como análises de grupos dessas comunicações, realizadas por especialistas convidados. Se a seqüência desses temas ilustra a trajetória das discussões teóricas sobre Museologia no período, a presença ativa de Waldisa nesse fórum, seja pelo comparecimento a diversos Encontros (México, 1980; Londres, 1983; Buenos Aires, 1986), seja pela participação por meio de comunicações e análises (Londres, 1983; Leiden, 1984; Buenos Aires, 1986; Haia, 1989), revela não só uma profunda inserção de sua reflexão nos debates internacionais, mas acima de tudo a extrema contemporaneidade e consonância de seu pensamento com as tendências mais inovadoras e atuantes até a atualidade.<sup>6</sup>

### 3. A permanência do pensamento

Em uma arguta análise da obra do mestre Antonio Candido, Celso Lafer utiliza-se de um modelo lógico do pensador italiano Norberto Bobbio para a identificação de um estudo clássico: a ocorrência de três atributos de persistência, a saber: (1) consistir em uma interpretação

6 É nesse sentido que afirma Peter van Mensch: “Na história da disciplina [museológica], a transição da fase empírica para a fase teórica é muito interessante, especialmente do ponto de vista sociológico. Como ainda não existe um cânone estabelecido e aceito, o papel dos personagens e suas redes de relacionamento não podem ser subestimados. É minha firme convicção que futuros pesquisadores da história da museologia encontrarão muitos indícios úteis nas relações pessoais entre as figuras chaves dos anos 80” (VAN MENSCH, 1989, p.43).

autêntica de seu tempo histórico; (2) manter uma atualidade que instiga sua constante releitura; e (3) conter conceitos, categorias e interpretações que guardam validade e aplicabilidade no presente (Lafer, 2000).

A aplicação desse modelo na análise do pensamento museológico de Waldisa resulta em constatações significativas. Em primeiro lugar, a sua completa e total inserção nas preocupações conceituais dominantes à época de sua produção, como verificamos há pouco. Em segundo lugar, sua extraordinária atualidade como instrumento de compreensão e ferramenta de trabalho para aqueles que se propõem a atuar, a partir de uma perspectiva crítica, no contexto da realidade museológica brasileira.

O reconhecimento do papel desempenhado por Waldisa e por sua produção teórica nesse cenário é recente, mas vem logrando consolidar-se. Maria Cristina Oliveira Bruno teve sua formação em Museologia junto ao Curso de Museologia da Fesp/SP, dirigido por Waldisa. Assim como sua antiga mestra, vem desenvolvendo um exercício profissional em Museologia que articula a reflexão teórica com a docência e o trabalho prático em inúmeros projetos por todo o país. Na produção acadêmica de Bruno – hoje, a primeira professora titular em Museologia pela Universidade de São Paulo – o pensamento de Waldisa tem ocupado lugar de destaque como ponto de referência no processo de constituição da Museologia como disciplina científica no contexto internacional:

Cabe sublinhar que essas propostas, para o encaminhamento teórico desta área de conhecimento, receberam uma contribuição fundamental com a ideia de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri sobre a identificação do fato museal, como a relação entre o homem e o objeto em um cenário. (Bruno, 2000, p.35)

No Brasil, a mesma autora destaca a importância das contribuições de Waldisa, afirmando que “no plano teórico e crítico o nome de Waldisa Rússio C. Guarnieri desponta na vanguarda solitária das necessárias abordagens conceituais”, e que “sua produção intelectual, fugaz e profunda, deixou um legado fundamental para a definição da Museologia, para a decodificação do universo da formação profissional e para a compreensão do compromisso público da ação museológica” (Bruno, 2000, p.61).

É também relevante para nossa análise sublinhar que o Curso de Museologia da Fesp/SP, concebido por Waldisa, se constituiu, em sua formulação conceitual, na matriz inspiracional do Curso de

Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Criado em 1999, com projeto e sob a coordenação da mesma Maria Cristina Oliveira Bruno e com um corpo docente formado por antigos alunos do Curso de Museologia da Fesp/SP, o Curso funcionou até 2006 e formou quatro turmas de alunos, os quais vêm, igualmente, desempenhando significativo papel profissional no cenário museológico paulista.

No total, essas quatro turmas totalizaram 112 formados, os quais, para obtenção do certificado final, apresentaram, dentre outras exigências, uma monografia de conclusão. O universo desses trabalhos constitui-se em privilegiado cenário para a análise das principais questões e referências teóricas que configuram aquele momento. Nesta perspectiva, é altamente indicativo registrar que 67 monografias – em todas as linhas de pesquisa previstas – indicam, em suas bibliografias, textos de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri como fontes para suas reflexões, revelando assim o imenso impacto de sua formulação teórica para as gerações que lhe sucederam.<sup>7</sup>

Cabe destacar, nesse conjunto, a monografia de Maria Manuelina Duarte Cândido, aluna da primeira turma desse Curso, que em 2000 produziu um dos mais consistentes estudos já realizados sobre o pensamento museológico brasileiro recente.<sup>8</sup> Nas palavras dessa representante da mais jovem geração da Museologia brasileira, o balanço final da análise das contribuições de Waldisa é indicativo: “influência notória na Museologia brasileira, reconhecida internacionalmente ... esta autora muito rapidamente produziu, formulou, formou”. Decorridos vinte anos do falecimento de Waldisa, seu pensamento recebeu, enfim, o reconhecimento merecido: “pela representatividade dessa análise e recorrência na bibliografia da conceituação gerada a partir da definição de fato museal por Rússio, consideramos que esta tenha sido até o momento a mais proeminente contribuição brasileira para a construção epistemológica da Museologia” (Cândido, 2000, p.167 e 170).

---

7 O levantamento das citações de textos de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, nas monografias de conclusão dos alunos das quatro turmas do Curso de Especialização em Museologia do MAE-USP, foi realizado, em 2010, por uma de suas ex-alunas, Francisca Figols, na Biblioteca daquela instituição. Deixo aqui registrados meus calorosos agradecimentos por essa importante contribuição para este ensaio.

8 A monografia, cujo extrato está publicado a seguir, analisa a produção teórica de profissionais brasileiros que aliam a reflexão sobre a museologia ao exercício da docência universitária nas últimas duas décadas.

Assim é que se nos parece pertinente afirmar que a conceituação teórica de Museologia desenvolvida por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri e aprimorada ao longo de sua trajetória profissional pode adequadamente receber o título de um “estudo clássico” daquela área no Brasil. Uma lição, de vida e pensamento, a merecer repetição exaustiva, qual litania de orientação técnica e sinalização ética: Museologia – ciência em formação – tem por objeto o fato museal, entendido em sua tríplice articulação como “a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o Museu” (Guarnieri, 1990).

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BOLETIM do Museu da Casa Brasileira, n.2, fev. 1975. Seminários do Museu da Casa Brasileira (Solar Fábio Prado). São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Governo do Estado de São Paulo.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia: a luta pela perseguição ao abandono*. Tese (Livre-docência) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). São Paulo, 2000.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Ondas do pensamento museológico brasileiro*. Monografia (Curso de Especialização em Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). São Paulo, 2000.

CURSO de Museologia 1979. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand” (Masp). São Paulo: Fesp/SP; Masp, 1979. Folheto impresso (cópia xerográfica). Arquivo do autor.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação (Mestrado) □ Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP). São Paulo, 1977.

\_\_\_\_\_. *Museologia e Museu. O Estado de S. Paulo*, 1º jul. 1979a, Suplemento Cultural, p.6-7.

\_\_\_\_\_. *Existe um passado museológico brasileiro? O Estado de S. Paulo*, 29 jul. 1979b, Suplemento Cultural, p.6-8.

\_\_\_\_\_. *Um Museu de Indústria para São Paulo*. Tese (Doutorado) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP). São Paulo, 1980a.

\_\_\_\_\_. *Um Museu de Indústria em São Paulo*. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo – SICCT, 1980b. (Coleção Museu & Técnicas, 6).

\_\_\_\_\_. *L'interdisciplinarité en muséologie. Museological Working Papers – MuWoP, Stockholm, n.2, p.58-59, 1981.*

\_\_\_\_\_. *Methodologie de la muséologie et de la formation. Icofom Studies Series, Stockholm, n.1, p.114-125, 1983.* [Comunicação apresentada ao Colóquio Metodologia da Museologia e Formação Profissional, organizado conjuntamente pelos Comitês Internacionais de Museologia (Icofom) e de Formação de Pessoal (Ictop), do Conselho Internacional de Museus (ICOM), e realizado em jul. 1983 em Londres]

\_\_\_\_\_. *Conceito de Cultura e sua inter-relação com o Patrimônio Cultural e a Preservação. Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n.3, p.7-12, 1990.

GUICHEN, Gaël de. *Museus: adequados a abrigar coleções?* São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo – SICCT, 1980. (Coleção Museu & Técnicas, 1).

LAFER, Celso. *Antonio Candido: a presença de um mestre*. D.O. Leitura, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, ano 18, n.2, fev. 2000.

VAN MENSCH, Peter. *Icofom 1977-1983 and 1983-1989: some tendencies*. *Museological News (Bulletin of the International Committee of ICOM for Museology)*, n.12. Stockholm, 1989.

\_\_\_\_\_. *O objeto de estudo da Museologia*. Rio de Janeiro: Uni-Rio/UGF, 1994. (Pretextos Museológicos, 1).

## Dissertações e Monografias na área de Museologia (CEMMAE)

### Linhas de pesquisa:

**PSC:** Projetos de Salvaguarda e Comunicação

**HFM:** Análise sobre a Historicidade do Fenômeno e do Pensamento Museológico, a partir de fundos arquivísticos

**ETM:** Estudos Teórico-Metodológicos

nº	Autoria	Título	CEMMAE	Publicações Citadas de Waldisa Rússio C. Guarnieri	Linha
1	AGOSTINHO, Júlia Marino	Museu Comunidade Cafundó MCC: Só Deus Sabe	2004	não cita	PSC
2	AIDAR, Gabriela	Proposta de uma atividade educativa para a Coleção Brasileira – Fundação Rank-Packard / Fundação Educar	2000	não cita	PSC
3	ALCÁNTARA, Aureli Alves	Taunay e a iconografia cafeeira: discurso e recurso	2000	<i>Um museu de indústria em São Paulo</i> , 1980; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	HFM
4	ALONSO, Ana Carla	Perspectiva de Inclusão do Público Infantil em Museus: Brincando de Arqueólogo	2000	A interdisciplinaridade em museologia, 1981; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
5	ALTMAN, Ana Paula	Paulo Portella Filho: a trajetória de um educador em museus	2002	não cita	PSC
6	ARRUDA, Beatriz Cavalcanti de	Diagnóstico do Serviço Educativo. Casas e Espaços da Memória da Divisão de Iconografia e Museus do DPH/SMC/PMSP: bases para uma programação educativa em sistema	2004	Museu de Rua, 1979; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	ETM
7	AZEVEDO, Flávia do Val Marques de	Sobre o Acervo Vera Pentecado Coelho	2006	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Museologia e Museu, 1979; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC



8	AZEVEDO, Leonardo Bruno de	A vida abaixo d'água: a musealização do ambiente aquático na Estação Ciência	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
9	AZEVEDO, Maria Carolina Tiengo de	Iluminação em museus: a luz da conservação e a luz da comunicação	2006	não cita	PSC
10	BALDIN, Renato de Freitas	Sustentabilidade Museal: exposição temporária Aids.br como estratégia na formação do "Museu da Aids"	2006	—	(2)
11	BARATA, Maria Augusta Barradas	Pinacoteca Municipal de São Paulo: uma ilustração desconhecida	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museologia e Museu, 1979; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989.	PSC
12	BAZANELLI, Claudia Gobbi	Museologia e Turismo: as possibilidades de parceria em uma proposta integrada para a cidade de Itu, São Paulo	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; <i>O desafio museológico</i> , 1992.	ETM
13	BÓAS, Carolina Vasconcelos Vilas	Educação em Museus: uma leitura crítica	2004	não cita	ETM
14	BOAVENTURA, Ana Carolina Cunha	Sistema de tratamento da informação e gerenciamento de acervo: uma proposta para o Museu Universitário de Arte (Muna)	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
15	BOLOGNINI, Dalva Soares	Museu da Memória Agropecuária no Brasil – Musagro: um modelo de gestão museológica no âmbito do terceiro setor	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; A interdisciplinaridade em museologia, 1981.	PSC
16	BONAS, Marília	A musealização dos objetos remanescentes da Igreja do Bom Jesus do Pateo do Collegio em São Paulo	2006	não cita	PSC
17	BRUNO, Débora Regina	Estudos para um Museu Comunitário em Ermelino Matarazzo	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
18	CAMARGO, Mariestela de	A revitalização do Museu do Café de Campinas	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC/ HFM

19	CÂNDIDO, Manuclina Maria Duarte	Ondas do pensamento museológico brasileiro	2000	<i>Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento</i> , 1977; <i>Um museu de indústria em São Paulo</i> , 1980; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	ETM
20	CARMO, Sonia Maria do	Hospital Umberto Primo: memória institucional e qualificação do espaço	2004	Cultura, Patrimônio e Preservação, 1984.	PSC
21	CARNEIRO, Fernanda Gilbertoni	Da relação arquitetura e museologia nos museus	2006	não cita	PSC
22	CARPIO, Manuel Julio Vera Del	A musealização da Arte Sacra: uma proposta museológica para o Museu da Fundação Pierre Chailita	2000	não cita	PSC
23	CARVALHO, Denise Ortiz de	Atendimento a público espontâneo em exposições de arte: três experiências na cidade de São Paulo entre 1998 e 2001	2002	não cita	PSC
24	CERQUEIRA, Vera Lúcia Cardim	Centro Cultural São Paulo: também um espaço da memória	2004	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; <i>Museus de São Paulo</i> : tentativa de resumo histórico, s.d.; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989.	HFM
25	CHAVES, Mara Rodrigues	Peças ritualísticas de cultos afro-brasileiros – dispersão e reunião: proposta de musealização	2006	não cita	PSC
26	CHEN, Luciana	Ação Educativa no Museu de Arte Brasileira da Fundação Álvares Penteado – 1999-2001	2002	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
27	COSTA, Luiz Tadeu da	Utopia e posteridade: uma (re)constituição museológica da <i>belle époque</i> de Belém nas iconografias do MIPPEG e do MABE	2000	não cita	HFM
28	COUTINHO, Roberta Saraiva	José Leonilson: sistemática e poética	2002	não cita	PSC
29	CRISTINO, Camila Mantovani Ruggiero	Avaliação de exposições em museus paulistanos: desafio para uma prática	2002	<i>Methodologie de la muséologie et de la formation</i> , 1983.	(3)
30	CRUZ, Livia Lara da Cruz	O museu e a escola: construindo monólogos ou diálogos?	2006	não cita	PSC

31	D'AGOSTINI, Silvana	Organização da Coleção de Fotografias em suporte sobre papel para formação do acervo do Instituto Biológico	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
32	DETTINO, Bianca Maria Abade	O museu e seus espaços	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
33	EMERICH, Denyse	Atendimento a Público de Exposições: uma profissão em transformação	2002	não cita	PSC
34	FAUSTINO, Maria Cristina dos Santos	Museu de Anatomia Humana "Alfonso Bovero": estudos sobre a implementação de políticas de ações educativas, em consonância com o seu papel social	2006	não cita	PSC
35	FAUSTINO, Maria Elena	Imigração Italiana em São Paulo: um Museu Vivo	2006	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
36	FERREIRA, Ana Maria Napolitano e	Processo de formação do Museu Comunitário Monte Azul, Município de São Paulo	2006	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
37	FERREIRA, Mauro Renzi	<i>Iexus Hominum Salvator</i> : o Museu Anchieta num olhar museológico	2004	não cita	ETM
38	FIGOLS, Francisca Aida Barboza	A contribuição dos antropólogos e dos museus de antropologia ao pensamento museológico	2004	não cita	HFM
39	FRADE, Ana Maria Duarte	Um propósito, uma proposta: um museu para a arte de Brasília	2006	não cita	ETM
40	FREITAS, Maria Marta van Langendonck Teixeira de	<i>Marketing</i> : uma realidade dentro dos museus	2004	—	(1)
41	FONSECA, Andrea Matos da	Quem visita museus? A historicidade do público no pensamento museológico	2006	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	HFM
42	GAURPE, Luiz Fernando Pereira	Cartografia da memória: o cemitério enquanto espaço musealizado	2002	não cita	HFM
43	GIRALDEZ, Demize Cavalli	A joia nos museus brasileiros	2004	não cita	ETM

44	GIRÃO, Tatiane Ferreira	Projeto para a Exposição de Longa Duração "A redescoberta de um lugar conhecido", a ser realizada no Museu de Anatomia Humana "Professor Alfonso Bovero" do Instituto de Ciências Biomédicas da USP	2000	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Museologia e Identidade, 1989; A interdisciplinaridade em museologia, 1981.	PSC
45	GOMES, Maria de Fátima Figueiredo Faria	Mário de Andrade e a inclusão social: um ponto de vista museológico	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	HFM
46	HUERTAS, Katia Gonzalez	Genealogia do projeto expográfico: coleções etnográficas e o uso de novas tecnologias	2006	não cita	PSC
47	IAPRATÉ, Monica	Documentando o patrimônio integral: o desafio da nova museologia	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
48	IUDICE, Patricia Ferraretto	Formalização de procedimentos para intercâmbio de obras de arte	2002	não cita	PSC
49	JANINI, Rubens José Macuco	Novas Tecnologias nas Exposições Museológicas: o computador como elemento expográfico	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
50	KASINSKY, Ana Luiza Borges	A importância do colecionismo: o caso Fundação Maria Luísa e Oscar Americano	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	HFM
51	LAS, Cristina Ofélia	Acervos Indígenas do Brasil: conservando bonecas Karajá	2006	não cita	PSC
52	LAVRATTI, Isabel	Encontros e desencontros: ações educativas museológicas, público espontâneo e procedimentos de investigação/avaliação museológica	2004	não cita	ETM
53	LIEM, hácia	Análise do pré-projeto para o Centro Cultural de Brotas	2002	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	ETM
54	LIMA, Ana Paula Felicissimo de Camargo	Matrizes vivas: a edição póstuma como possibilidade de salvaguarda e divulgação de acervos gráficos	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Cultura, Patrimônio e Preservação, 1984; Museologia e Museu, 1979; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989.	(1)

55	LIMA, Amny Christina da Silva	Preservação pela comunidade: a relação entre a exposição e a ação educativa	2002	não cita	HFHM
56	LORUSSO, Ester Ingrid Christmann	Museu está aberto para quem quer vir? Políticas de inclusão de público de periferia	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
57	MACHADO JUNIOR, Laerte	Educação em museus: o fenômeno educacional nas exposições temporárias	2004	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
58	MACHADO, Roselaine Barros	Proposta de Política Cultural para o Museu Florestal "Octávio Vecchi"	2002	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
59	MAGYAR, Jorge Joaquim	Espaço museológico e Ação Cultural: o Museu Lasar Segall	2000	<i>Um museu de indústria em São Paulo</i> , 1980; <i>Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento</i> , 1977; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	(1)
60	MARCHI, Marília Malzoni	Bustos e manequins: uma discussão sobre a utilização destes elementos expográficos no Museu Paulista da USP	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
61	MARQUES, Helena Leopardi Mariano	A poética de Nuno Ramos: uma nova preservação patrimonial	2006	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Museologia e Museu, 1979.	PSC
62	MARTINS, Luciana Conrado	A arqueologia de contrato e os desafios dos processos de musealização	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; <i>Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento</i> , 1977.	ETM
63	MATTOS, Juliana Braga de	A Revolução de 1932 na Coleção Mário de Andrade: duas séries, um catálogo	2000	A interdisciplinaridade em museologia, 1981; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
64	MEDEIROS, Marjorie de Carvalho Fontenelle de	Preservação fotográfica: Fundação Arquivo e Memória de Santos	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
65	MEDEIROS, Nalu Maria de	Museus Virtuais no Brasil: uma análise do ambiente virtual	2004	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989; Museologia e Museu, 1979.	PSC

66	MEIRELLES, Heloisa Maria Pinheiro de Abreu	Um porto seguro para a Coleção Missão de Pesquisas Folclóricas – 1938	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
67	MICHELOTTI, Denise Serra	Os vitrais nos museus da cidade de São Paulo: uma proposta de musealização	2006	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	ETM
68	MIRANDA, Denise	A indumentária infantil nos Museus Brasileiros	2006	não cita	HFM
69	MIRANDA, Graziela Carbonari de Almeida	Vidros, vitrais e espelhos: noções de conservação para acervos museológicos	2004	não cita	PSC
70	MİYATAKE, Adriana	Organização e estruturação da Reserva Técnica do Memorial do Imigrante	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
71	MOLINA, Paula Regina Buonaducci	Marketing Cultural e Museus: dois estudos de caso de museus de arte de São Paulo	2000	<i>O desafio museológico</i> , 1992.	(4)
72	MONTANARO, Juarez Oscar	Sobre a possibilidade de musealização de técnicas de conservação em peças orgânicas biodegradáveis: contribuição à guarda, conservação e manuseio	2000	não cita	(1)
73	MORAES, Maria Luiza	Pinacoteca do Estado de São Paulo: uma paixão de XX anos	2000	não cita	HFM
74	MÖSKEN, Telma Cristina	Lazer, Museu e Cultura: o caso do Museu de Arte Moderna de São Paulo	2000	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; A interdisciplinaridade em museologia, 1981.	PSC
75	MOURAD, Tamima Orta	Método Museológico: um estudo de caso para a musealização da arqueologia e etnologia – aproximando o passado do presente	2000	não cita	PSC
76	NAKIRI, Mariana Kazumi	Coleção Brasileira: um sistema de documentação museológica	2004	não cita	PSC
77	NEVES, Kátia Regina Felipini	Programas Museológicos e Museologia Aplicada: o Centro de Memória do Samba de São Paulo como estudo de caso	2002	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	ETM

78	OLIVEIRA, Ana Célia dos Santos	Museu da Cidade de São Paulo: sua história	2006	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	HFM
79	OLIVEIRA, Gilberto Habib	O espólio Bernardelli no Museu Paulista e o pensamento museológico de Afonso d'Esragnonle Taunay	2000	<i>Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento</i> , 1977; A interdisciplinaridade em museologia, 1981.	ETM/ HFM
80	OLIVEIRA, Helder	Conservação preventiva em arte contemporânea: desafios teóricos e práticos	2002	não cita	(1)
81	PONCIANO, Leda Maria do Nascimento	Aldemir Martins: a cor do Brasil – Projeto de Pesquisa para montagem de exposição	2000	não cita	PSC
82	RESTREPO, Michelle Evans	Cadeia Operatória Museológica da VI JAC no MAC/USP: um estudo de caso	2002	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	HFM
83	ROCCO, Maria José	Coleção Alfredo Rocco: levantamento, pesquisa, catalogação	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
84	ROCHA, Izabel Muamis do Amaral	Victor Brecheret: a obra de um escultor	2006	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	PSC
85	RODRIGUES, Rafael Celidônio Musto Rodrigues	A transmissão de conhecimentos científicos referentes à conservação de objetos têxteis para o público infanto-juvenil do Museu Paulista da USP	2002	não cita	PSC
6	SABINO, Paulo Roberto	Ações museológicas em Centros Culturais: um estudo do acervo de artes visuais do Sesc São Paulo	2006	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	(1)
87	SAIKI, Nilza Barboza do Nascimento	Conservação de encadernações em couro	2000	não cita	PSC
88	SANT'ANNA, Patrícia	Moda e Arte no Masp: um breve estudo sobre o tema e a formação do acervo de vestuário do Museu de Arte de São Paulo – 1947-1972	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	(1)
89	SANTOS, Alvaro Guimarães	A criação do Museu da Polícia Militar: um contexto histórico-museológico – São Paulo	2000	não cita	HFM

90	SARACINO, Elzir dos Santos Almeida	O pensamento motiva a ação: a relação comunidade/patrimônio vista através do Museu Barão de Mauá	2002	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museologia e Museu, 1979.	PSC
91	SARRAF, Viviane Panelli	A inclusão das Pessoas com Deficiências Visuais nos Museus: uma análise realizada com base em avaliações sobre acessibilidade	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museologia e Museu, 1979; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Depoimento como Coordenadora do projeto Museu da Indústria e da Exposição Percepção e Criação, 1980.	ETM
92	SEAGE, Anna Paola Teixeira	Documentos da Memória	2002	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; <i>Museologische Society</i> , Brno, v.9, 1983; Museologia e Identidade, 1989; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
93	SILVA, Andreia Aparecida da	O acervo de Arte Postal da Pimacoteca Municipal: uma proposta de catalogação	2006	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
94	SILVA, Fabiana Cavalcante Lima da	Inclusão e Exclusão Social em Museus de Artes: um estudo de caso em instituições paulistas	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. <i>Cadernos Museológicos</i> , Rio de Janeiro: IBPC, n.3, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação. <i>Revista Museologia</i> , 2 <sup>o</sup> sem. 1989.	PSC
95	SILVA, Maurício Candido da	Exposição museológica e o objeto consagrado	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	HFM
96	SOARES, Ida Caramico	Avaliação das potencialidades museológicas do acervo do “Museu da Farmácia” da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP	2004	não cita	(1)
97	SOARES, Maria Cecília Batista	Museus em mutação: o desafio digital	2006	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	(1)



98	SOUZA, Maria José	Identities and alteridades em mútuo reconhecimento: uma proposta ética para os museus contemporâneos	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	HFM
99	STRADJOTTO, Tariana Marci de Souza	Museu Histórico e Museu do Café de Ribeirão Preto: uma proposta de documentação	2004	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989.	PSC
100	TABOADA, Cynthia Elias	A criação e gestão de centros culturais por iniciativa de instituições financeiras como novo fenômeno museológico	2006	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.	HFM
101	TANDAYA, Ana Cristina	Ismael Nery: inventário, perfil e referencial bibliográfico	2000	não cita	PSC
102	TEIXEIRA, Karina Alves	A Fotografia e(m) sua Dimensão Patrimonial: possibilidades de musealização – o Acervo Deops/SP como estudo de caso	2006	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	PSC
103	TRONCA, Lêda Maria Marques dos Santos	Museu da Cidade de São Paulo: materializando uma virtualidade	2000	não cita	PSC
104	TUTTOILMONDO, Joana Vieira	Como está nos museus a Geração 80? Estudo da musealização de algumas produções brasileiras da década de 1980 em três instituições museológicas paulistanas	2004	não cita	(1)
105	UEHARA, Erika Litsumt	A arte de embalar arte: técnica	2006	—	(2)
106	VASCONCELLOS, Mirna Renata	Museu da Imagem e do Som de Campinas: em cena a ação	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; A interdisciplinaridade em museologia, 1981; <i>Quem e o que são os museólogos</i> , s.d.	PSC
107	VERGOLINO, Paulo Leonel Gomes	Museu virtuais: uma análise sobre o histórico pertencente ao site do espaço cultural Casa das Rosas, sob o prisma da preservação da informação	2000	Conceitos e limites da preservação: uma visão museológica, 1986.	PSC

108	VIAL, Andréa Dias	Sala de Concertos São Paulo: compondo uma Ação Educativa	2000	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; <i>O desafio museológico</i> , 1992.	PSC
109	WILHEM, Vera Regina Barbuy	Conservação preventiva: uma análise do uso de vitrines na exposição das obras de um acervo	2000	não cita	PSC
110	WINTER, Maria Cecília	Os usos do patrimônio: três fazendas cafeeiras paulistas do século XIX	2004	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museologia e Museu, 1979; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Presença dos museus no panorama político-científico-cultural, 1989.	HFM
111	XAVIER, Luciana Nemes	A instalação artística: um desafio para a prática museológica contemporânea	2006	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.	ETM
112	XAVIER, Marco Antonio	Uma história em quadinhos explica os museus? Uma estratégia de comunicação do discurso museal	2000	não cita	(1)

(1) sem informação; (2) não foi possível averiguar (não disponível na biblioteca); (3) consta linha de pesquisa “Projeto de Avaliação”; (4) consta linha “Marketing Cultural”.

## Dissertações e Monografias na área de Museologia, produzidas por outras instituições

N	Autoria	Título	Instituição	Publicações Citadas de Waldisa Rússio C. Guarnieri
1	AMÂNCIO, Hélio	O uso de recursos na natureza como instrumento pedagógico da Educação Ambiental	Universidade Federal de Santa Catarina / Itaipu Binacional. Trabalho de conclusão de curso de Extensão em Educação Ambiental. Foz do Iguaçu, PR, 1998.	não cita
2	ALENCASTRO, Jane de	Projeto Museológico: proposta de musealização de acervos arqueológicos na cidade de Goiás, GO	Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Depto. Ciências Sociais. Museu Antropológico. Cursos de Especialização em Museologia. Goiânia, GO, 2002.	Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989; Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.

3	BRUHNS, Katianne	Um museu e o território: desconstruindo conceitos – o caso do Museu da Universidade do Extremo Sul Catarinense	Monografia de conclusão de curso para obtenção do título de Especialista em Museologia, Modalidade Mercado de Trabalho, Depto. Metodologia do Ensino, Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museologia e Identidade, 1989.
4	CARVALHO, Cristina Lara Corrêa Macedo de	Museu e cidadania, novas dinâmicas de compartilhamento e proteção do patrimônio cultural	Monografia de conclusão de curso de Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> , Gestão de Políticas Públicas de Cultura da Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, obtenção do título de Especialista. Brasília, 2008.	não cita
5	CASADO, Cacilda N.; ALMEIDA, Eliana da C.; SILVEIRA, Eliane A.; WADA, Elizabeth K.; OSHIRO, Sueli S.	Museu de Arte Sacra e Museu Paulista: estudo comparativo	Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Depto. Relações Públicas e Propaganda, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Bacharel em Comunicações, habilitação em Relações Públicas. São Paulo, 1980.	<i>Bem e Patrimônio</i> , s.d.; Museologia e Museu, 1979.
6	CURTIS, Marlene Maria Osowski	Educação ambiental em museus	Universidade Federal de Santa Catarina / Itaipu Binacional. Trabalho de conclusão de curso de Extensão em Educação Ambiental. Foz do Iguaçu, PR, 1998	não cita
7	FRADINHO, Luis Alberto Gens de Azevedo	Projecto museológico dos transportes municipais de Lisboa	Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Depto. Arquitetura, Urbanismo e Geografia. Curso de Mestrado em Museologia. Lisboa, 2006.	não cita
8	HÖLLER, Eici	Eventos tradicionais do Ecomuseu de Itaipu: uma experiência de práticas educativas ambientais	Universidade Federal de Santa Catarina / Itaipu Binacional. Trabalho de conclusão de curso de Extensão em Educação Ambiental. Foz do Iguaçu, PR, 1998.	não cita
9	KAMASE, Miwa	Distribuição das estacas de madeira no Sítio Arqueológico Santa Elina (MT)	Trabalho de Graduação Individual. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Depto. Geografia. São Paulo, 1999.	não cita

10	LUCAS, Cássio W.; TUDDA, Vanessa F.; GUIMARÃES, Delmância P.; SILVA, Fabiana A. R. da; LEITE, Renata P.; COSTA, Delcimara V. da	Uma proposta de monitoria no Museu Paulista: um despertar para o Turismo Cultural	Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Turismo, para obtenção parcial de grau de Bacharel em Turismo. Universidade Cruzeiro do Sul. Centro de Ciências Administrativas e de Negócios. Curso de Turismo. São Paulo, 2003.	não cita
11	MENDONÇA, Tânia	Museu da Imagem e do Som de Goiás	Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Depto. Ciências Sociais. Museu Antropológico. Curso de Especialização em Museologia. Goiânia, 2001	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990; Museu, Museologia, Museólogos e Formação, 1989.
12	MORAES, Bruno Marcos	A estaria dos Asurini do Xingu	Relatório de Iniciação Científica. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. MAE-USP. São Paulo, 2006.	não cita
13	PLANET, Elisabeth A. Pasin	Restauração: uma fazenda do século XIX no Vale do Paraíba Paulista – estudo para integração do Projeto Museológico	Trabalho de conclusão do curso para obtenção do título de Especialização e Aperfeiçoamento em Museologia. Curso de Museologia Avançada. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Instituto de Museologia de São Paulo. São Paulo, 1998.	não cita
14	SBARDELINI, Elisabeth Carlucci	A experiência do Ceai no contexto da Agenda 21 e da Política Nacional de Educação Ambiental	Universidade Federal de Santa Catarina / Itaipu Binacional. Trabalho de conclusão de curso de Extensão em Educação Ambiental. Foz do Iguaçu, PR, 1998.	não cita
15	SILVA, Rosângela Barbosa	Diagnóstico da Documentação Museológica do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Goiás (Diagnóstico)	Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Depto. Ciências Sociais. Museu Antropológico. Curso de Especialização em Museologia. Goiânia, nov. 2001.	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.
16	SILVA, Shirley Carmen	Projeto para criação de um Museu Universitário no Campus Avançado de Jataí, UFG	Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Depto. Ciências Sociais. Museu Antropológico. Curso de Especialização em Museologia. Jataí, Goiás, out. 2001.	não cita

17	SOUZA, Maria Emilia Medeiros de	Percepção da questão ambiental pelo corpo funcional da Itaipu Binacional (Margem esquerda)	Universidade Federal de Santa Catarina / Itaipu Binacional. Trabalho de conclusão de curso de Extensão em Educação Ambiental. Foz do Iguaçu, PR, 1998.	não cita
18	TURMINA, Rosana Lemos	Ecomuseu de Itaipu: uma história de integração regional	Universidade Federal de Santa Catarina / Itaipu Binacional. Trabalho de conclusão de curso de Extensão em Educação Ambiental. Foz do Iguaçu, PR, 1998.	não cita
19	VEDANA, Vicente Roque	Arqueologia Brasileira: o passado também devora – a construção e a comunicação de um patrimônio	Universidade Federal de Goiás. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Depto. Ciências Sociais. Museu Antropológico. Curso de Especialização em Museologia. Goiânia, jan. 2002.	Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990.
20	VITOR, Vera Lúcia Queiroz	A aplicabilidade da educação ambiental na Escola Municipal Arnaldo Isidoro de Lima, em Foz do Iguaçu, PR	Universidade Federal de Santa Catarina / Itaipu Binacional. Trabalho de conclusão de curso de Extensão em Educação Ambiental. Foz do Iguaçu, PR, 1998.	não cita

## Referências bibliográficas

- A interdisciplinaridade em museologia. *Mit/Wop*, Stockholm: ICOM, n.2, 1981.
- Bem e patrimônio*. Apostila, s.d.
- Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: IBPC, n.3, 1990.
- Conceitos e limites da preservação: uma visão museológica. In: Simpósio sobre Memória e Patrimônio Cultural. Mogi das Cruzes, 1986. *Atais...* s.n.t.
- Cultura, patrimônio e preservação (Texto III). In: Arantes, A. A. (Org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Depoimento como Coordenadora do projeto Museu da Indústria e da Exposição Percepção e Criação. São Paulo: Arquivo IEB/USP, 1980.
- Methodologie de la muséologie et de la formation*. Stockholm: Icoform Studies Series – ISS, n.1, 1983.
- Museologia e Identidade. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: IBPC, n.2, 1989.
- Museologia e Museu. *O Estado de S. Paulo*, 1º jul. 1979. Suplemento Cultural.
- Museologie Sesiřty*, Brno, v.9, 1983.
- Museu de Rua. In: *Museu Histórico da Imagem Fotográfica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: DPH, 1979.
- Museu, Museologia, Museólogos e Formação. *Revista Museologia*, 2º sem. 1989.
- Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação (Mestrado) – Fundação Escola de Sociologia e Política. São Paulo, 1977.
- Museus de São Paulo*: tentativa de resumo histórico. São Paulo, 13f., s.d. (datilogr.).
- O desafio museológico*. Salvador: Fórum de Museologia do Nordeste, 1992.
- Presença dos museus no panorama político-científico-cultural. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: Sphan/Pró-Memória, n.2, 1989.
- Quem e o que são os museólogos*. Palestra, s.d. (datilogr.).
- Um museu de indústria em São Paulo*. São Paulo, 1980. (Coleção Museu & Técnicas).







## Parte 4

Teoria museológica:  
Waldisa Rússio e as correntes internacionais

---

Manuelina Maria Duarte Cândido



## 4 Teoria museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais <sup>1</sup>

*Manuelina Maria Duarte Cândido*<sup>2</sup>

O século XX revolucionou o universo dos museus no mundo. Se o século XIX foi considerado a era dos museus,<sup>3</sup> podemos considerar o seguinte a era da Museologia. De acordo com Peter van Mensch,<sup>4</sup> o mundo dos museus passou por duas revoluções. A primeira, no final do século XIX, trouxe, entre outros elementos, a organização profissional, os códigos de ética e notáveis transformações nas exposições, entre outros elementos, com a primazia da quantidade dando lugar à oportunização do diálogo do público com os objetos expostos. Essa revolução, ocorrida na passagem do século XIX para o XX, chegou à América Latina no século XX. O primeiro curso de Museologia surgiu no Brasil em 1932; a participação mais efetiva da América Latina na Museologia internacional se consolidou na segunda metade do século XX e, na Europa, um marco notável foi a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 1946 e do Icofom, seu Comitê de Museologia, algum tempo depois.

A segunda revolução na Museologia, ainda segundo van Mensch, na década de 1970, foi chamada *New Museology*, quando a base da organização das instituições museológicas passou das coleções para as funções e houve a introdução de um novo aparato conceitual, do qual destaca o museu integrado. Esta chamada Nova Museologia, conceitualmente ampliada e socialmente engajada, é hoje compreendida mais como um movimento renovador que como outra Museologia, e já tem, no mínimo, 30 anos.

Vários momentos podem ser considerados fundadores dessas novas ondas na Museologia, mas aquele apontado como o mais importante, especialmente na América Latina, embora não tenha restringido a ela

---

1 Este artigo tem por base a monografia do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (CEMMAE-USP), concluído em 2000. A autora contou com bolsa da Fundação Vitae durante a especialização.

2 Historiadora, especialista em Museologia e Mestre em Arqueologia, é professora do Curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

3 SCHAER, Roland. *L'invention des musées*. Evreux: Gallimard, 1993. (Découvertes Gallimard, 187).

4 Seminário sobre Teoria Museológica no Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), 2-6 out. 2000.

seu raio de influência, foi a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, de 1972. A realidade latino-americana serviu de base para a reflexão sobre “O papel do Museu na América Latina”, que acabou por ressaltar seu poder de intervenção social.

Waldisa Rússio não esteve nessa mesa-redonda, seu avizinhamento com a Museologia vai acontecendo no final da década, com a realização da dissertação de mestrado na Fundação Escola de Sociologia Política, *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento* (1977). A autora vinha do campo do Direito e, por caminhos que ainda estão a merecer estudos mais aprofundados, faz sua aproximação a partir de uma compreensão da Museologia como campo dos estudos da sociedade e não dos objetos ou das instituições, como era corrente até então. Nisso compartilhava os pontos de vista majoritários na reunião de Santiago.

Na dissertação, Rússio recorre a uma revisão de pontos fundamentais da trajetória dos museus no mundo para afirmar que “o Museu pode e deve ser o deflagrador das utopias” (Rússio, 1977, p.26). Um capítulo é dedicado à investigação sobre a existência ou não de um passado museológico brasileiro. Com base na ideia de Varine-Bohan de que os museus não devam existir para os objetos, mas para os homens, conclui que “Já não basta guardar, preservar, conservar ... É preciso que a mensagem contida no objeto transite para o seu receptor natural, o Homem...” (ibidem, p.46). E ampara-se na citação – que vai se repetir constantemente nesse trabalho – de Varine-Bohan: “Muito mais do que existirem para os objetos, os museus devem existir para as pessoas”.

A autora se detém também em uma avaliação crítica dos museus paulistas. Conclui que a autoridade se realiza de maneira autocrática, personalista e centralizadora, tanto nos museus universitários como nos particulares. O perfil dos diretores de museu é identificado como de autocratas e burocratas: “Recrutados num estrato social privilegiado, raramente por suas qualificações técnicas, os dirigentes de museu estão condicionados pelos padrões de comportamento do segmento de classe a que se ligam” (ibidem, p.127).

Identifica uma especialização dos museus do estado de São Paulo, no que diz respeito à sua distinção jurídica diante de outras instituições culturais, que não corresponderia à prática. Além disso, os museus

monográficos da capital não possuiriam ainda um “*corpus* normativo”, menos ainda os do interior. Sua pesquisa estabelece relações entre a não profissionalização na área dos museus e sua consequente elitização, a “ação restritiva dos museus nas comunidades”, a ausência de racionalização permitindo uma política de privilégios.

Sobre o personalismo na administração dos museus, sua interpretação é de que o diretor de museu, gerindo o patrimônio de um “senhor abstrato e longínquo”, o Estado, sente-se dono do patrimônio sob sua guarda. As relações nos museus são pessoais e não baseadas em atribuições profissionais definidas por normas formais. Como consequências, aparecem os conflitos de relacionamento entre seus profissionais e o descompasso em relação a outras instituições.

A preocupação com a formação profissional aparece na análise sobre os recursos humanos na área, com a identificação de uma única escola de nível superior no Brasil de então, cujo curso sofrera poucas alterações desde sua criação,<sup>5</sup> além da inexistência de formação para o nível médio e para auxiliares. Critica o fato de que na graduação existente a formação incluía somente 45 horas de aula de Administração Museológica e dois anos de História Militar e Naval. Com o estudo dos programas e do currículo daquele curso, a autora prepara terreno para a proposta do que viria a ser o Curso de Especialização em Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), onde a questão da formação profissional é agravada pela ausência de cursos regulares.

Em outro momento da análise Rússio aborda a ineficácia dos modelos de formação em Museologia no que diz respeito ao preparo para o trabalho interdisciplinar requerido pelos museus, que exigem “reflexão conjunta de muitas inteligências sobre um mesmo projeto” (ibidem, p.133). Sua reflexão sobre a conjuntura profissional da área no Brasil conclui que: “Defasados em relação às novas técnicas de comunicação e as novas conquistas da Museologia, nossos profissionais escudam-se no elemento de autoridade e firmam-se mais por serem *avis rara* do que por uma notória competência” (ibidem, p.123).

5 O Curso de Museologia criado por Gustavo Barroso no Museu Histórico Nacional foi transferido para a Uni-Rio em 1979. Teve reformulação curricular em 1985, mais voltada para a compatibilização do profissional com o mercado, e em 1996, esta com cunho mais voltado para uma revisão das referências conceituais. (Fonte: [www.unirio.br/museologia/historico.htm](http://www.unirio.br/museologia/historico.htm); acesso em 12 mar. 2007).

A respeito da autonomia orçamentária dos museus Waldisa Rússio discorre com argumentos que ainda hoje são bastante contemporâneos, propondo estratégias de autossustentação ao menos parcial, como a comercialização de publicações e catálogos e a prestação de serviços (como laudos ou restaurações), além de concessão de espaços para lanchonete ou restaurante. Refere-se ainda à constituição de modelos organizacionais e jurídicos mais flexíveis, como as fundações.

Seu diagnóstico dos museus paulistas percebe descompassos na gestão de exposições, da ação educativa e do museu como um todo, inadequação das estruturas, falta de recursos financeiros e despreparo do pessoal, uso inadequado de materiais e equipamentos, tudo isto, a seu ver, sintoma de um mesmo problema, “a falta de imaginação sociológica, capaz de entender o museu como *processo*” (ibidem, p.131, grifo da autora).

O sentido da existência dos museus é expresso nas afirmações:

o homem tem sentido e demonstrado, tão nítida e sofridamente, a consciência da sua finitude e o seu desejo de transcendência... (ibidem, p.142)

Uma só emoção pode reconfortá-lo: a contemplação da perenidade do seu trabalho, que permanece mesmo depois dele. (ibidem, p.144)

Outra preocupação marcante é com a participação do museu na formação do cidadão, criticando a vinculação estrita com o ensino formal e a inserção tardia no programa de educação infantil, já que é na infância que se adquire o hábito de visitar museus e a criança em idade pré-escolar já tem condições de fruí-lo.

É importante observar a distância entre a bibliografia utilizada por Waldisa Rússio e a que está hoje disponível aos profissionais e estudiosos da Museologia. Dos títulos diretamente ligados aos museus, boa parte pertence a uma Enciclopédia dos Museus. Escrevendo sua dissertação em 1977, Waldisa Rússio estava ainda entre os que abriam caminhos para a produção acadêmica em Museologia no Brasil. Ressalte-se como, numa época em que identificava a inexistência de cursos regulares em São Paulo e um único curso de Museologia (nível de graduação), no Rio de Janeiro, ela consegue encontrar os canais que lhe permitem escrever e defender trabalhos de pós-graduação de Museologia (dissertação de mestrado em 1977 e tese de doutorado em 1980).

Ligando-se à Fesp, seu trabalho consegue transitar entre as duas áreas do conhecimento em questão, Sociologia e Museologia, realizando, por um lado, uma análise sobre as relações entre cultura e desenvolvimento, por outro, uma reflexão e uma proposição calcadas no aporte conceitual da Museologia, que ela estava a um só tempo manejando e ajudando a construir. Essa opção sobressai quando a comparamos com outras produções mais recentes, realizadas em áreas acadêmicas afins mas ainda não propriamente da Museologia – pois até hoje a formação em nível de pós-graduação no Brasil só se concretizou em cursos de especialização e em um curso de mestrado.<sup>6</sup> O museólogo, não raro, resvala para a produção de um trabalho acadêmico que contempla apenas a área do conhecimento na qual realiza a pós-graduação, mas não participa, nessa ocasião, da construção do conhecimento em Museologia.

Em sua tese de doutorado, *Um Museu da Indústria na cidade de São Paulo*, Waldisa Rússio desenvolve, além do trabalho acadêmico, a argumentação para uma proposta de aplicação. Na formatação do projeto museológico alinhava conceitos e ideias que amadureceu no âmbito da pesquisa em Museologia: uma instituição pensada como museu-processo e com múltiplas sedes; um sistema de aquisições não baseado em apropriações de objetos; o caráter interdisciplinar e o recrutamento de pessoal técnico de diversos níveis escolares (Rússio, 1980, p.12-13). Esse museu, mais que o registro do processo de industrialização no Brasil, seria questionador, crítico, indagador, avaliador, ético e transformador. Para pensá-lo a pesquisadora estudou casos como o Museu de Técnicas do Conservatório de Artes e Ofícios de Paris, o Museu de Ciências de Londres, o Museu Politécnico de Moscou, o Museu Húngaro da Agricultura, o Deutsches Museum (Munique), o Museu Nacional da Técnica (Praga), o Museu Municipal de Ciência e Indústria (Birmingham) e o Museu de Ciências (Cairo), entre outros. É significativo observar que não se trata somente de museus da Europa ocidental, mas de países do então chamado bloco socialista e mesmo de países pobres como a Índia e o Egito. Outro caso bem específico estudado é o Evoluon, de Eindhoven, Holanda. Fundado em 1966 como museu de empresa, por M. Frederick Philips, é de onde a autora depreende o princípio processual na instituição. O levantamento não se pretende exaustivo, mas baseia uma ampla identificação de características museológicas a merecerem reflexão e retomada em sua proposta. Assim, por

6 Mestrado em Museologia e Patrimônio da Uni-Rio, aberto em 2006.

exemplo, destaca no Museu Tecnológico do México o aproveitamento de um complexo de edifícios já construído e o uso dos espaços ao ar livre; e do Ecomuseu de Le Creusot-Montceau les Mines a participação comunitária e sua inserção no processo social.

O estudo inclui museus de ciências e tecnologia no Brasil, com ênfase em projetos implantados a partir da década de 1970, enfocando objetivos, metodologia e adequação à realidade brasileira. Ao final sua proposta pretende um museu *participativo* e *dinâmico*, crítico da oposição entre ciência e arte, duplamente processual por não registrar um fato, mas o processo de industrialização e por ser, ele mesmo, não acabado e em construção. A autora revela mesmo tratar-se de uma metodologia do “museu-processo”, e a noção de patrimônio empregada na seleção dos “testemunhos” é notavelmente ampla:

Os museus de fábrica atendem ao velho axioma de que vivemos num mundo de Museografia sem, entretanto, nos darmos conta disso; assim a fábrica é, naquilo em que pode ser visitada e naquilo em que é suscetível de comunicação ao público, um *Museu*. Um novo tipo de museu de sítio, um museu de sítio industrial.

Dependendo do aglomerado que, eventualmente, se possa formar incluindo fábrica, núcleo de habitação operária e seu centro de lazer (quando existente), poder-se-á chegar, mesmo, ao *Ecomuseu*, na medida em que, para o projeto, venham a confluir o meio urbano, os artefatos criados pelo Homem, as relações de produção e as demais relações sociais, em sua dinâmica. (ibidem, p.125)

Em suas conclusões, a autora retoma a discussão sobre desenvolvimento, tirando-o da esfera exclusivamente econômica. Caracteriza sua proposta de museu como uma memória de lutas e argumenta pela absoluta adequação da linguagem tridimensional dos objetos para narrar o processo de industrialização. Adverte, entretanto, que este não seja um museu de máquinas, mas de homens. A proposta aponta os elementos que a Museologia estava desenvolvendo e iria aprofundar nas décadas seguintes: museu-processo; patrimônio material e imaterial (representativo, não total); público participante; discurso questionador / formação de consciências críticas; interdisciplinaridade.

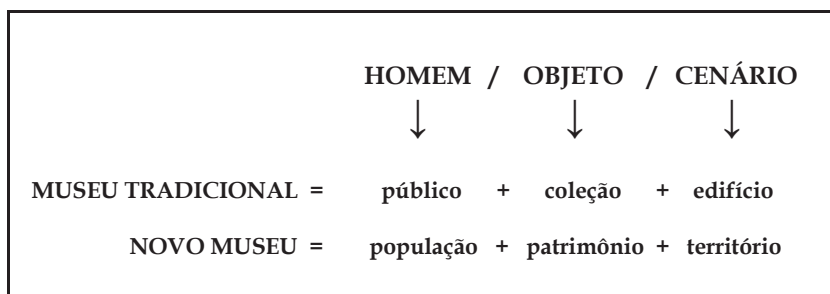
Mas é no que diz respeito ao objeto de estudo da Museologia que Waldisa Rússio fez suas mais substanciais contribuições, ao defini-lo como o fato museal, uma relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, testemunho da realidade, em um cenário institucionalizado, o museu (Rússio, 1984, p.60). No mesmo texto a autora afirma que dessa realidade o homem também participa com o poder de



agir e de modificá-la, e que a institucionalização à qual se refere não é necessariamente um reconhecimento oficial, mas um reconhecimento pela comunidade.

Essa inserção social dos museus, cerne da Carta de Santiago, foi reforçada na Declaração de Quebec (1984) e na de Caracas (1992). Teve também como pontos altos a 9ª Conferência Geral do ICOM (1971), realizada entre Paris, Dijon e Grenoble, com o tema “Museu a serviço do homem, hoje e amanhã” e o primeiro anúncio público do termo *ecomuseu*, criado por Hugues de Varine, por Robert Poujade,<sup>7</sup> em Dijon, em 1971.

Pela força do conceito de fato museal, Varine reconhece no ecomuseu uma ampliação, mas não uma ruptura com a relação já existente no museu tradicional. Esse novo modelo pode ser sintetizado em um quadro<sup>8</sup> que expomos a seguir:



Em seu mestrado Ana Cristina Evres fez um apanhado da teoria museológica na qual discutiu essa triangulação (Evres, 2000, p.52). Segundo ela, qualquer que seja a Museologia, vem sempre se baseando na definição de vértices correspondentes ao homem, ao objeto e ao espaço, de onde partem as relações.

Percebe-se, portanto, toda uma tendência do pensamento museológico que recorre à ideia da Museologia como estudo da relação específica do homem com a realidade, representada internacionalmente por Stránský, Gregorová, Gluzinski, Sola e Rússio, de acordo com a síntese de Peter van Mensch apresentada por Bruno (1996, p.16).

7 Prefeito de Dijon e primeiro ministro francês a ser encarregado do meio ambiente.

8 Baseado em: VARINE, citado em DESVALLÉES, 1994, p.91.

Para van Mensch existem quatro tendências do pensamento museológico internacional a partir do exame da produção do Icofom, a saber:

- estudo da finalidade e organização dos museus;
- estudo da implementação e integração das atividades dos museus com vistas à preservação e ao uso da herança cultural e natural;
- estudo dos objetos museológicos (cultura material) e da musealidade como a definiu Stránský, associada à informação contida nos objetos museológicos e em seu processo de emissão;
- estudo de uma relação específica entre homem e realidade (em cuja vertente aparece Waldisa Rússio, com o fato museal, e uma série de museólogos brasileiros por ela influenciados).

A terceira tendência aqui apresentada desdobrava-se anteriormente em outras duas, segundo van Mensch: estudos dos objetos de museu e estudos da musealidade. A rearticulação em quatro níveis das tendências é a opção atual desse museólogo.<sup>9</sup> Pela representatividade dessa análise e recorrência na bibliografia da conceituação gerada a partir da definição de fato museal por Rússio, consideramos que essa tenha sido até o momento a mais proeminente contribuição brasileira para a construção epistemológica da Museologia.

Porém, muitos obstáculos se interpuseram ao aprofundamento e também à ampliação do conhecimento produzido no âmbito da Museologia por Waldisa Rússio. O mais contundente, sua morte em meados de 1990. Mas não se pode deixar de mencionar a própria barreira linguística que van Mensch também alega, pois, apesar de Waldisa ter publicado textos no *MuWoP*,<sup>10</sup> parte de sua produção está apenas em português e isso significa ser inacessível para grande parte da comunidade internacional de museólogos.

Outro fator expressivo é o fato de a Museologia não ter naquela época uma linha editorial consolidada no Brasil. Mesmo internamente, o acesso aos textos de Rússio não costuma ser simples, e esta publicação vem ao encontro dos anseios dos profissionais e estudiosos da área.

<sup>9</sup> Comunicação pessoal durante o CEMMAE-USP.

<sup>10</sup> Séries de documentos publicados pelo Icofom sob o título de *Museological Working Papers (MuWoP)* ou *Documents de travail sur la muséologie (DoTraM)*.

No trabalho intitulado “Ondas do pensamento museológico brasileiro” (Cândido, 2000 e 2003), já lamentávamos o problema da falta de publicações sistemáticas na área, suprida muito parcialmente pela publicação de textos avulsos em anais de congressos e revistas de museus.<sup>11</sup> De lá para cá surgiu uma série de Roteiros Práticos publicados pela Fundação Vitae e pela Edusp, que se encerrou em nove números, mas neste caso eram traduções de textos estrangeiros. Depois, a revista *Musas*, do então Departamento de Museus do Iphan, hoje Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que está em seu quarto número, e a série “Museu, memória e cidadania”, também do Ibram. Alguns livros foram publicados, mas permanece a avaliação de que a grande oportunidade de sistematização do pensamento museológico brasileiro tem sido a produção acadêmica, embora esses trabalhos dificilmente cheguem a uma divulgação mais ampla em termos editoriais, quadro que esperamos que se altere cada vez mais positivamente.

---

<sup>11</sup> Algumas delas rapidamente extintas, como é o caso da revista *Ciência em Museus*, do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém, Pará), e dos *Cadernos Museológicos*, publicados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) somente até o 3º número.

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (Org.). *A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e comunicação*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, 9).
- \_\_\_\_\_. *Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998a.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Conceitos e proposições presentes em *Vagues*, a antologia da Nova Museologia. *Ciências & Letras*, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n.31, p.63-75, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ondas do pensamento museológico brasileiro*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20).
- CHAGAS, Mario. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13).
- DESVALLEÉS, André. A Museologia e os museus: mudanças de conceitos. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Sphan/Pró-Memória, n.1, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. v.1. Paris: WMNES, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. v.2. Paris: WMNES, 1994.
- EVRES, Ana Cristina Léo Barcellos. *A Musealização da natureza: patrimônio e memória na Museologia*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Uni-Rio. Rio de Janeiro, 2000.
- FATTOUH, Nadine; SIMEON, Nadia. *Icofom: orientations muséologiques et origines géographiques des auteurs*. Paris: École du Louvre, 1997.
- PRIMO, Judite (Org.). *Museologia e patrimônio: documentos fundamentais*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 15).
- RÚSSIO, Waldisa. *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação (Mestrado) – Fesp/SP. São Paulo, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Um Museu da Indústria na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado) – Fesp/SP. São Paulo, 1980.
- \_\_\_\_\_. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: IBPC, n.3, 1990.
- \_\_\_\_\_. Museologia, Museu, museólogos e formação. *Revista de Museologia*, São Paulo, n.1, p.7-11, 2º sem. 1989.
- \_\_\_\_\_. Cultura, patrimônio e preservação (Texto 3). In: ARANTES, A. A. (Org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.59-78.
- VAN MENSCH, Peter. *O objeto de estudo da Museologia*. Rio de Janeiro: Uni-Rio/UGF, 1994. (Pretextos Museológicos, 1).





## Parte 5

Mudança social e desenvolvimento no pensamento  
da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri:  
textos e contextos

---

Maria Cristina Oliveira Bruno  
Andrea Matos da Fonseca  
Kátia Regina Felipini Neves

- \* Professora titular em museologia - MAE/USP.
- \*\* Especialista em museologia - SESC/SP.
- \*\*\* Museóloga e especialista em museologia - Memorial da Resistência de São Paulo.



## 5 Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos <sup>1</sup>

*Maria Cristina Oliveira Bruno \**

*Andrea Matos da Fonseca \*\**

*Kátia Regina Felipini Neves \*\*\**

As análises aqui apresentadas estão inseridas em um contexto programático de pesquisa, o “Sistema de Gerenciamento de Referências Patrimoniais da Museologia Paulista – SIG.RP.MUSP”, iniciado em 2005, orientado para as perspectivas de construção, estudo, preservação e socialização da memória sobre a ação museológica implementada por profissionais do estado de São Paulo que, embora silenciada no cenário da Museologia brasileira, se faz notar desde o início do século XX, a partir da produção acadêmica, dos vetores de ensino especializado e da atuação junto às instituições museológicas e associativas.

O conjunto dessas pesquisas tem a intenção de identificar e sistematizar as fontes documentais e orais relativas às matrizes desse pensamento, com vistas a responder a questões sobre o perfil dessa regionalidade, como também pretende entender as características e o alcance da diáspora dessas ideias e das ações museológicas paulistas. Dessa forma, esses estudos, com distintas características, estão organizados em torno da hipótese de que há um pensamento museológico paulista, que tem sido desenvolvido ao longo das últimas décadas e tem contribuído para a consolidação de processos de formação profissional e institucionalização dos processos museológicos e, ainda, tem influenciado a constituição do cenário – nacional e internacional – da Museologia como campo de conhecimento. Trata-se de programa de pesquisa comprometido com estudos sobre mentalidades, a partir do cotejamento entre a trajetória biográfica e a produção profissional, com vistas à identificação do tratamento de quatro questões:

<sup>1</sup> Este texto foi publicado, originalmente, em BRUNO, M. C. O.; NEVES, K. F. (Coord.) *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento; propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão (SE): Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

- 1) como as delimitações do campo de ação museológica se estruturaram a partir da elaboração das noções de fenômeno, processo e sistema museológicos;
- 2) como a construção do quadro referencial da disciplina Museologia se organiza em sua dimensão teórica e aplicada;
- 3) como o pensamento museológico paulista reflete a realidade histórico-patrimonial do Estado; e
- 4) como a produção museológica paulista contextualiza o pensamento acadêmico e as ações associativas.

Pretende-se que, a partir do processo investigativo mencionado e da identificação das quatro questões elencadas, os estudos inseridos nesse programa de pesquisa desvelem as interlocuções entre os processos de desenvolvimento sócio-econômico-cultural e os procedimentos preservacionistas e a respectiva função dos campos de ação museológica neste contexto. É propósito, também, desvendar as influências recebidas e projetadas neste contexto de ação museológica.

O artigo ora apresentado foi elaborado como um ensaio, parte desse programa e está orientado especificamente para os estudos sobre o pensamento e a ação institucional de Waldisa Rússio Camargo Guarneri (1935-1990), considerando a relevância da sua produção acadêmica, do seu papel no ensino e de sua atuação profissional junto aos museus paulistas e suas respectivas projeções em cenários mais amplos, mas, sobretudo, este artigo busca desvelar o seu pioneirismo ao vincular os museus aos movimentos sociais, ao articular essas instituições com as estruturas de poder político e econômico, ao propor conceitos museológicos não circunscritos aos acervos e coleções e, em especial, ao contribuir com a organização epistemológica da disciplina aplicada Museologia.

Deve-se ressaltar que o programa de pesquisas SIG.RP.MUSP é constituído por um conjunto de estudos monográficos e/ou biográficos, com o propósito de dar sequência à organização e divulgação desse pensamento e das ações museológicas desenvolvidas no estado de São Paulo. Cabe registrar, ainda, que esse programa de estudos sobre mentalidades está delimitado em análises sobre a ação museológica a partir da segunda metade do século XX, considerando, entretanto, a influência fundante e a herança intelectual do pensamento e das ações de Affonso de Taunay junto ao Museu Paulista e de Mário de Andrade junto ao Departamento

de Cultura da Cidade de São Paulo, uma vez que ambos desenvolveram relevantes trabalhos nas primeiras décadas do século passado, legando importante patrimônio de ideias e realizações que contribuíram com a delimitação de uma ação museológica regional e delinearam as características patrimoniais a serem ressignificadas por ações museológicas nas décadas posteriores. A segunda metade do século passado, foco central do mencionado programa de pesquisa, registrou iniciativas direcionadas à formação especializada, à implantação de processos museológicos sistêmicos e à expressiva produção acadêmica, consolidando os campos de ação museológica no estado de São Paulo.

A partir das realizações de Vinícius Stein Campos, desenvolvidas ao longo da década de 1950 e ligadas ao governo do estado, teve início uma trajetória de profissionalização que pode ser identificada em distintos vetores de análise, e, nesse contexto, a museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, personagem central deste artigo, desempenhou papel referencial, cujo legado ainda carece de estudo, sistematização e socialização de suas ideias e realizações. A sua trajetória, no âmbito desse programa de pesquisas, está embasando a elaboração de um livro específico, que deverá entrelaçar a divulgação de textos inéditos com artigos escritos por diferentes especialistas.

Neste artigo, a intenção é recuperar de alguns dos textos elaborados por Waldisa as marcas que registram as suas ideias em torno da problemática museológica, sinalizam para a sua sensibilidade em relação à percepção sobre os diferentes contextos em que atuou e, ainda, apontam para caminhos inéditos para a sua época que a colocam como uma das precursoras, no Brasil, dos postulados da Sociomuseologia. Os textos de Waldisa, relativos a trabalhos acadêmicos (dissertação e tese), a artigos publicados em periódicos e a conferências apresentadas em eventos científico-culturais, são sempre argumentativos e permeados por expressões de convicção inerentes à realidade sociocultural.

O seu estilo, tanto na escrita quanto na fala, revela um olhar sensível voltado às reciprocidades entre as elites e os marginais, entre o poder e os despossuídos, e entre a necessidade de estabelecer museus comprometidos com as mudanças sociais e as críticas contundentes aos museus que abandonaram a noção de processo. A sua biografia é permeada por ações militantes a favor das liberdades democráticas e da igualdade social e econômica.

## 1. Os primeiros percursos: o encontro com os contextos museológicos

A construção da memória da Museologia é uma tarefa que raramente pode ser realizada sem o estudo biográfico e a análise da produção de seus principais protagonistas. E não seria diferente em relação à Museologia paulista, uma vez que São Paulo conta com importantes personagens para a historicidade da Museologia brasileira, como Affonso Taunay, Mário de Andrade, Paulo Duarte, Vinicius Stein Campos, Pietro Maria Bardi, Maurício Segall, Aracy Amaral, Ernani da Silva Bruno, Walter Zanini e Ulpiano Bezerra de Meneses, entre outros, e, sem dúvida nenhuma, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, personagem principal deste artigo. Waldisa Rússio nasceu em 5 de setembro de 1935, em São Paulo, e a sua produção acadêmica e profissional – sua identidade profissional – encontra-se bastante relacionada com as questões sociais, políticas e culturais que permearam as décadas de sua existência, até a sua morte prematura em junho de 1990. Suas primeiras publicações coincidem com sua juventude e têm caráter literário, incluindo crítica e ficção, em jornais secundaristas e universitários, além de revistas especializadas.

No ano de 1957 Waldisa torna-se funcionária pública estadual, exercendo inicialmente funções de Técnica de Documentação, secretária do diretor do Departamento da Receita da Secretaria da Fazenda e, posteriormente, Assistente Técnica. A sua carreira como funcionária pública estadual prossegue e, mediante diferentes concursos, entre as décadas de 1960 e 1990, alcança outros patamares e responsabilidades, junto à Secretaria de Cultura e à Secretaria de Ciência e Tecnologia. Liderou mudanças administrativas, coordenou grupos de trabalho e implantou programas culturais. A sua projeção profissional alcançou, ainda, a elaboração de diversos projetos museológicos como, por exemplo, o projeto para a Casa-Museu dedicada a Guilherme de Almeida, em São Paulo, e a proposta da Estação Ciência, também na capital, a convite do CNPq.

Em 1959, Waldisa gradua-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Em paralelo, leciona português, história do Brasil e francês, e profere palestras. No mesmo ano ela passa a exercer também a advocacia com escritório próprio, voltando, posteriormente, a exercer funções em órgãos públicos.

A sua inserção na área museológica dá-se no final da década de 1960, quando participa do Grupo Executivo da Reforma Administrativa do Estado de São Paulo (Gera), como responsável pelos projetos técnico-administrativos do Museu de Arte Sacra, do Museu da Casa Brasileira e de reorganização da Pinacoteca do Estado, todos localizados na cidade de São Paulo. Como desdobramento desse trabalho, no início da década de 1970 torna-se responsável pela estruturação e implantação do Museu da Casa Brasileira, assumindo a sua direção entre os anos de 1970 e 1975. Ainda nessa década, coordena o Grupo Técnico de Museus da Secretaria de Estado da Cultura, para o qual realiza um inventário sobre a situação dos museus do Estado, com vistas à readequação da política cultural e museológica paulista. A partir desse momento, passa a dedicar expressiva atenção para os problemas que envolviam os museus e identifica a carência de capacitação profissional, mas, ao mesmo tempo, descobre a potencialidade dessas instituições para o tratamento da herança cultural e o respectivo papel político que poderiam desempenhar.

Nesse período, simultaneamente com os trabalhos relativos à reforma administrativa do estado de São Paulo, Waldisa dá início aos estudos de pós-graduação em Ciências Sociais, na Escola Pós-Graduada da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), concentrando as suas pesquisas nas reciprocidades entre a história político-administrativa do estado de São Paulo e a criação e desenvolvimento dos museus, refletindo o perfil que sempre marcou a Fesp/SP, desde o seu surgimento na década de 1930, no que tange aos compromissos com as análises e proposições relativas ao quadro sócio-histórico circundante. É possível considerar que se delineou, em torno de suas pesquisas, um cenário muito estimulante para a elaboração de sua dissertação de mestrado. Por um lado, os conteúdos tratados na Escola Pós-Graduada sempre tiveram o compromisso com pressupostos socialistas; por outro lado, a oportunidade de conhecer a fundo a realidade das estruturas do Estado permitiu a elaboração de um trabalho acadêmico comprometido com a mudança e com a transformação da realidade. É nesse momento que Waldisa dá início aos seus percursos pelas rotas delineadas pela Museologia e marcadas pela realidade dos museus.

Esses percursos são realizados, cabe registrar, a partir de olhares e percepções construídos com referenciais teórico-metodológicos provenientes das Ciências Sociais. Já em 1977, Waldisa é convidada pela então presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, Fernanda de Camargo Moro,

a ingressar nesse Conselho Internacional de Museus da Unesco. Além disso, nesse mesmo ano defende na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo a primeira dissertação de mestrado que aborda a Museologia no Brasil, denominada *Museus: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*.<sup>2</sup>

Nesse contexto, o trabalho é pioneiro nos cenários acadêmicos e, ao mesmo tempo, reflete a sua percepção vanguardista ao nomear os museus como agentes de desenvolvimento.

O museu deve ser compreendido como um processo em si mesmo, como uma realidade dinâmica ... O museu não existe isoladamente, mas dinamicamente, na sociedade.<sup>3</sup>

A organização do museu não pode alienar-se do processo social, como um todo; é esta atitude esquiva de alheamento que o vem condenando, sistematicamente, ao esquecimento.<sup>4</sup>

Experiência vital para o homem contemporâneo, o museu permanece inacessível a parcelas significativas da população. Num país como o nosso, em que a pirâmide demográfica repousa sobre larga base de crianças e jovens, é imperdoável que os museus não tenham sido despertados para a necessidade de serem algo mais que meros “complementos” da educação formal...<sup>5</sup>

Em sua dissertação, Waldisa Rússio faz um recorte da história dos museus, aborda o histórico dessas instituições no Brasil e escolhe os museus do estado de São Paulo como amostragem para seu estudo, evidenciando uma singular capacidade para análise de contextos conjunturais. Para estes últimos, apresenta avaliações de sua situação geral, um estudo contextual e, também, uma análise do conceito sociológico de burocracia em relação a instituições museológicas. Dados que a levarão a dissertar a respeito da relação entre os recursos humanos e financeiros no museu, sua não profissionalização, seu elitismo e a necessidade de sua inserção nos processos sociais, desenvolvendo, assim, a ideia de inclusão, especialmente, do público infantil em museus. Esse trabalho é, portanto, um divisor de águas nas ondas que têm permitido a emergência de uma Museologia paulista, pois a partir dele, fica evidente a necessidade de compreender o museu como um fenômeno social inserido em contextos mais amplos.

2 RÚSSIO, Waldisa. “Cultura, Patrimônio e Preservação” (Texto 3). In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). *Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

3 RÚSSIO, Waldisa. *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação (Mestrado) – Fesp. São Paulo, 1977. p.132.

4 *Ibidem*, p.133.

5 *Ibidem*, p.147.

Lembraríamos ainda, muito modestamente, mas sem falsos constrangimentos, que foi na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, da Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo, que se apresentou, pela primeira vez, em nosso país, uma memória sobre a Museologia (12 out. 1977; memória apresentada pela atual coordenadora dos cursos).<sup>6</sup>

Essa dissertação permitiu, também, a constatação da profunda carência profissional na qual os museus do estado estavam mergulhados e, evidentemente, a necessidade de alterar essa realidade para que os museus pudessem corresponder às expectativas no que diz respeito às potencialidades sociais e culturais identificadas pelo mesmo trabalho acadêmico. Um resultado imediato dessa constatação está na origem da criação do Curso de Especialização em Museologia na Fesp/SP em parceria com o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), uma vez que tanto o professor Pietro Maria Bardi, diretor do museu, como o professor Antonio Rubbo Müller, coordenador da Escola Pós-Graduada, presentes na banca de avaliação da dissertação, ficaram sensibilizados pela causa e apoiaram a implantação do mencionado curso. Essa singular iniciativa permitiu a Waldisa a concepção e liderança de um processo de ensino, de 1978 até a sua morte, que causou outra ruptura em contextos mais amplos. Para a realidade museológica paulista, esse curso dá início às possibilidades de formação especializada para aqueles que se interessavam pelas questões dos museus. Entretanto, é possível verificar que esse programa de ensino causa um profundo impacto nos circuitos museológicos de outras regiões do Brasil, marcando para sempre o perfil da formação profissional em nosso país.

Essa complementaridade de caráter acadêmico entre a Fesp/SP e o programa da especialização idealizado por Waldisa Rússio foi importante para a escolha dessa instituição para abrigar o curso, em 1978. Cabe fazer algumas considerações referentes à formação profissional almejada pela autora e a escolha da Fesp/SP para instalação do curso de pós-graduação em Museologia. Embora enfatizasse que o estudo da Museologia exigia um trato interdisciplinar e lhe parecesse viável que fosse em nível de pós-graduação, pois os estudantes já possuem o domínio de uma disciplina, Waldisa Rússio propunha a formação em vários níveis, por acreditar que esta seria uma atitude mais aberta e propícia à realidade brasileira, considerando a diversidade política, econômica e sociocultural, além da coexistência de tempos sociológicos diferentes.

6 RÚSSIO, Waldisa. *Museologia e Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo, s.d. Fundo Waldisa Rússio - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Há que se cogitar de uma hierarquia de cargos e funções museológicas, contemplando não apenas as direções e chefias, mas lembrando a multiplicidade dos tempos sociológicos brasileiros e as profundas diferenças regionais, para que não se perca o patrimônio cultural e a herança do povo brasileiro, onde apenas for possível a curto e médio prazo profissionais de nível médio e, mesmo, apenas pessoas treinadas ou que tenham recebido a “capacitação profissional” supletiva da formação adequada ideal.<sup>7</sup>

Assim, o fato de ter escolhido a Fesp/SP e o curso em nível de pós-graduação em Museologia deve-se também a pelo menos, segundo a museóloga, duas razões de fato e uma de fato e de direito:

A primeira diz respeito à instituição em que foi instalado o Curso; a segunda (ainda de fato), diz respeito ao momento em que surgiu o curso; a terceira (de fato e de direito) tem a ver com novos regulamentos expedidos pelo MEC, em 1977.<sup>8</sup>

Em relação à instituição, considerava a Fesp/SP uma instituição pioneira na formação de pesquisadores e cientistas sociais, o que lhe dava uma reciprocidade com os ideais da autora:

Convém lembrar que quando sobreveio o Decreto-lei de 1946, que reconheceu e autorizou o funcionamento da Fesp/SP, esta já possuía, desde 1941, a Escola Pós-Graduada, e, desde 1933, a Escola Livre de Sociologia e Política, posteriormente transformada em bacharelado sob o nome de Escola de Sociologia e Política de São Paulo.<sup>9</sup>

Além disso, a autora também destaca, em relação à origem do curso de Museologia na Fesp/SP, a intrínseca relação com a sua proposta pedagógica e a metodologia:

O fato de o curso ter surgido junto a esta Escola beneficiou sua estrutura e forma pedagógica desde o início, pois seguiu a trilha da Escola Pós-Graduada, estabelecendo não apenas a multiprofissionalidade, como essencial ao desenvolvimento do programa pedagógico, mas, também, a interdisciplinaridade como método.<sup>10</sup>

Ainda em relação à criação de cursos de Museologia, a autora apresenta a visão do MEC naquele contexto em relação ao bacharelado e discute a situação dos cursos já existentes:

7 RÚSSIO, Waldisa. “O mercado de trabalho do museólogo na área da Museologia”. 1º Encontro de Museólogos do Norte e Nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco - Departamento de Museologia, 1982. Fundo Waldisa Rússio - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Grifos da autora.

8 RÚSSIO, Waldisa. “Formação do Museólogo: por que em nível de Pós-Graduação?”. São Paulo, s.d. Fundo Waldisa Rússio - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Grifos da autora.

9 Ibidem.

10 Ibidem.



O momento em que surgiu o curso é outro dado importante. Em 1977, o MEC se manifestava contrariamente à abertura de outros cursos de Museologia em nível de bacharelado. O curso da UFBA se encontrava praticamente bloqueado, sem nenhuma manifestação de protesto, exceto a solitária e solidária atitude do professor Mário Barata que enviou uma carta ao reitor daquela instituição, manifestando-se contra o fechamento do curso.<sup>11</sup>

Também vale ressaltar, conforme textos de Waldisa Rússio, que São Paulo encontrava-se fora do eixo de discussão e de criação de centros para formação na área de Museologia, considerando que, em sua dissertação de mestrado, fica registrado que a realidade profissional de São Paulo não tinha sido tocada pela formação profissional já existente no país desde a década de 1930, no Rio de Janeiro, e o quanto essa questão interferia na qualidade dos trabalhos museológicos existentes na cidade de São Paulo e por todo o interior do estado.

Encontros de cultura, realizado em Brasília e Salvador, propunham um Sistema Nacional de Museus: este previa alguns Polos Regionais de Formação, situando-os no Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Porto Alegre e Curitiba, ou seja, São Paulo não teria nenhum centro de formação de pessoal para museu. Foi nesse momento que surgiu a Resolução 14/77 do CFE/MEC. Ela nos proporcionava um duplo e útil instrumento de trabalho: em primeiro lugar, um artifício legal, válido, ético e eficaz juridicamente, pelo qual poderíamos, enfim, criar cursos de especialização que, feitos sequencialmente, se somariam, perfazendo os créditos necessários a um Mestrado dentro da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais.<sup>12</sup>

## 2. A difusão de suas ideias: projetos, aulas, conferências e publicações

Em 1980, Waldisa Rússio prossegue sua trajetória acadêmica e defende seu doutoramento com o título *Um Museu de Indústria para a cidade de São Paulo*. Sua tese caracteriza-se não só como um estudo acadêmico, mas também como um projeto museológico para instalação de um Museu de Indústria em São Paulo. As proposições de Waldisa Rússio fundamentam-se, principalmente, no caráter processual da instituição museológica com diferentes sedes, na consideração do patrimônio material e imaterial desse segmento e na interdisciplinaridade da equipe de trabalho. Além de documentar e revalorizar o patrimônio industrial, o museu atuaria, segundo a autora, no estímulo à consciência crítica em relação à industrialização no Brasil e na valorização do trabalho como fruto da ação humana. Aponta como elementos estruturadores da tese:

---

11 Ibidem.

12 Ibidem.

Partindo da análise de alguns dos principais museus genericamente denominados de ciência, indústria e técnica no mundo, e dos projetos existentes no Brasil, formula-se a proposta de um Museu Industrial em São Paulo, com base no desenvolvimento histórico-social da região, na realidade brasileira, trazendo no bojo do projeto algumas contribuições novas no que diz respeito a: a) apresentação de tese quanto aos elementos formais; trata-se de um projeto museológico e seu embasamento científico; b) quanto ao museu proposto em si, como museu-processo, na medida em que é de múltipla sede (novidade no Brasil): núcleo central, museus setoriais e museus de fábrica (este, o ponto nodal do museu-processo); c) quanto à ética de aquisições: não se apropriar de objetos pertencentes à história local ou regional (ética expressamente mencionada e enfatizada); quanto ao caráter interdisciplinar e recrutamento de pessoal técnico em vários graus de escolaridade e de *status*; exemplo mais típico: monitores-operários (atores); monitores-alunos do Senai ou operários aposentados (intérpretes e monitores universitários (monitores *stricto sensu*); e) não se restringe a ser um trabalho acadêmico, mas formula uma proposta concreta de museu, exequível e adequado à nossa realidade, exatamente porque emerge dessa mesma realidade.<sup>13</sup>

Esse trabalho que, mais uma vez, abre alas para o museu ser considerado um fenômeno passível de análise acadêmica, avança em muitas direções que enraízam, ainda mais, as ideias de Waldisa em uma estratigrafia de ações e ideias que possibilitarão um novo desenho para o surgimento de uma Nova Museologia e da Sociomuseologia. Trata-se de uma tese que inaugura a noção de processo como método museológico para a implantação de museus, surpreende pela ênfase que é dada às ideias de redes e sistemas patrimoniais, confirma a necessidade de uma postura ética frente às desenfreadas espoliações das referências culturais e reitera a refinada percepção da autora em relação às potencialidades museológicas para o tratamento da herança patrimonial, pois em suas próprias palavras

É tempo de repensar os valores, para poder projetar novos fins e cogitar novos meios para atingi-los, legitimados numa esperança de preservação das raízes humanísticas e ecológicas; é tempo de se documentar a memória de um processo que se está perdendo mais rapidamente do que as demais facetas da civilização e da cultura por ele engendrado.<sup>14</sup>

Os museus são filhos da sociedade que os engendra ... e, como todos os filhos, servem para ajudar os “pais” no seu processo de atualização, de reciclagem do mundo.<sup>15</sup>

Ainda se referindo ao Museu da Indústria proposto nessa tese, a autora informa:

13 RÚSSIO, Waldisa. *Um museu da indústria na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado) – Fesp. São Paulo, 1980. p.240.

14 *Ibidem*, p.240.

15 *Ibidem*, p.240.

É um museu dinâmico pelas próprias tensões sociais que registra: talvez seja dos poucos museus em que não se tenha a impressão de que a Vida parou. A vida e suas angústias; a vida e suas alegrias; a vida e suas contradições; a vida pulsando, latejando como sangue nos corações dos Homens.<sup>16</sup>

A práxis museológica proposta por Waldisa Rússio rompe com uma possível dicotomia entre o homem e o mundo, ou ainda, com uma separação objetiva entre o homem e sua realidade, tornando-se uma teoria e uma prática que entendem que o homem, o objeto e o cenário desse encontro são constituídos pelo mesmo estofamento social, histórico e político.

Podemos dizer que é através da musealização de objetos, cenários e paisagens que constituam sinais, imagens e símbolos, que o Museu permite ao Homem a leitura do Mundo. A grande tarefa do museu contemporâneo é, pois, a de permitir esta clara leitura de modo a aguçá-la e possibilitar a emergência (onde ela não existir) de uma consciência crítica de tal sorte que a informação passada pelo museu facilite a ação-transformadora do Homem.<sup>17</sup>

Verifica-se, assim, uma interface de suas visões, explicitadas em seus trabalhos acadêmicos, com o contexto político e social de uma sociedade brasileira em transição. Nesse sentido, é possível perceber inter cruzamentos de suas propostas com as ideias e ideais do educador brasileiro Paulo Freire, do urbanista argentino Jorge Enrique Hardoy e do animador de desenvolvimento comunitário francês Hughes de Varine-Bohan, por exemplo, no que concerne ao reconhecimento da relação entre a apropriação de conhecimentos e a capacidade de decisão; da permanente visão crítica como vocação natural do ser humano; da necessidade de uma conscientização para que o ser humano renuncie a um papel de espectador, rompendo com a acomodação diante do mundo, e assumindo uma responsabilidade existencial como sujeito na ação-transformadora diante da vida.

Ao longo de sua trajetória, mas com maior ênfase no início da década de 1980, evidencia-se uma correlação entre suas práticas profissionais e a busca de explicações e teorizações contextualizadas nas Ciências Sociais, possibilitando seu aperfeiçoamento, ao mesmo tempo em que difundia seus conhecimentos e experiências, através dos cursos e palestras que proferia, os quais contemplavam temas como educação em museus, formação e capacitação profissional, gestão museológica, a função dos museus na contemporaneidade e a questão do museu e do turismo, entre outros. *A formação de pessoal é:*

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> RÚSSIO, Waldisa. "Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial". São Paulo, 1983-1985. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

Uma das mais sérias questões referentes à preservação e comunicação do patrimônio cultural, pois o trabalho de museu é de fundamental importância para a manutenção do trinômio orientador do processo cultural: esse trinômio consiste em três atividades distintas e interligadas, a saber, *preservar, informar e agir*.

No processo cultural, a ação de preservar implica criar uma *memória* cujo repertório serve à *informação*, que por ser conscientizadora precede toda a *ação modificadora*, geradora de novos fatos culturais.

Este circuito exige, pela sua própria dinâmica, a intervenção de agentes culturais extremamente participantes, conscientes e críticos.

É aí que se interligam as palavras: *museologia, museu, museólogo*.<sup>18</sup>

Sendo assim, nas proposições de Waldisa Rússio a Museologia também guarda um espaço de reflexão no qual o ser humano pode reverter, ver o outro, o seu tempo e suas responsabilidades, caracterizando-se também como uma especificidade dessa área permitir uma ambivalência dialógica entre o instituído e o porvir.

Essa historicidade do Homem, de que ele se faz cada vez mais consciente ao mesmo tempo em que conhece sua finitude, leva-o a aspirar a sua transcendência; essa transcendência que ele só irá encontrar no sonho que arquitetou, na ciência que produziu, no artefato que logrou construir, na compreensão que deu aos objetos do mundo ao seu redor, naturais ou modificados pelo seu trabalho; esse registro e esse trabalho que irão agasalhar-se nos museus, sob a forma de objetos e artefatos, marcando a perenidade da ação e da inteligência compreensiva e modificadora do Homem, aquilo que marca a sua transcendência e redime a sua finitude.<sup>19</sup>

Envolvida pelos desafios de implantar um curso de especialização que atraia fortes reações no cenário acadêmico vinculado à Museologia no país e de desenvolver um projeto pioneiro no que diz respeito ao perfil museológico do Museu da Indústria em São Paulo, Waldisa passa a desempenhar um papel referencial em debates públicos, inseridos nos mais variados eventos relativos aos processos de redemocratização que o Brasil passa a vivenciar no final da década de 1970.

Vale lembrar, também, que Waldisa Rússio foi testemunha dos anos de repressão e censura, além de ter vivido a expectativa pela abertura política do país. Sua produção, dessa forma, também se vê permeada pela inquietação de ideais de democratização de conhecimentos e igualdade

18 RÚSSIO, Waldisa. "Formação do Museólogo: por que em nível de Pós-Graduação?". São Paulo, s.d. Fundo Waldisa Rússio – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Crifos da autora.

19 RÚSSIO, Waldisa. "Museologia e Museu". *O Estado de S. Paulo*, 1º jul. 1979, p.6-7. Suplemento Cultural. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

social. Para ela, então, a instituição museológica não pode estar separada da vida e da realidade, devendo também engajar-se nesses processos, tendo como um de seus papéis fundamentais difundir conhecimentos e instigar a capacidade de reflexão e questionamento.

Ora, nós, brasileiros, vivemos ainda a tentativa de superação de entraves à nossa independência econômica, política, cultural, a qual necessariamente passa pela superação da dominação científica e tecnológica. Essa independência está íntima e essencialmente ligada à comunicação do conhecimento científico e tecnológico e à formação de novas, mais numerosas e mais intensas vocações na área. Daí o projeto museológico estar vinculado, também, a esse compromisso, dentro de uma metodologia clara de “pesquisa/conhecimento/ação”.<sup>20</sup>

Essa necessidade de relacionar o contexto museológico ao momento histórico brasileiro, fundamentando-se continuamente neste binômio museu-sociedade, reafirmando a função político-social da instituição museológica, também transparece em sua preocupação na escrita de uma memória para a Museologia brasileira e, especialmente, para uma Museologia paulista.

Em países como o nosso e como grande parte dos latino-americanos, caça de reserva do capitalismo internacional, e que forças poderosas e retrógradas pretendem manter como quintais do mundo dito “subdesenvolvido”, e que são, lamentavelmente, importadores de todo um lixo cultural distribuído intensamente através de embalagens mais, ou menos, atraentes pelos veículos de comunicação de massa, *os museus nacionais são uma necessidade e uma urgência*. Testemunhos de nossa identidade cultural, repertórios organizados de nossa memória, os museus nacionais cumprem, ou devem cumprir, cada vez mais, seu *destino de resistência* a uma invasão que tenta, desde seus inícios, anular as nacionalidades.

Não se fala, aqui, de um nacionalismo infantil: fala-se de uma nacionalidade suficientemente fortalecida para dialogar com outras, fala-se de uma identidade que se afirma através das *alteridades*.<sup>21</sup>

Se no início de suas análises museológicas, ainda na década de 1960, o contexto sociocultural expressava as amarguras de uma convivência com os regimes políticos autoritários e os respectivos reflexos nas instituições da cultura e do patrimônio, já no final da década de 1980 o seu olhar vai se dirigir para a importância do engajamento dos museus e da Museologia nas frentes que a sociedade civil abria, delineando novos contextos socioculturais.

20 RÚSSIO, Waldisa. “Estação Ciência, um projeto comprometido com a vida – O Projeto Museológico”. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

21 RÚSSIO, Waldisa. “Museus Nacionais: o Museu da República”. São Paulo, 1989. Acervo SIG. RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

A historicidade do fenômeno museológico paulista e brasileiro destaca-se ao longo dos escritos ou de palestras proferidas por Waldisa Rússio, dos quais podem ser citados, como exemplos, “Existe um passado museológico brasileiro?” (1979), “Museus de São Paulo” (1980), “O mercado de trabalho do museólogo na área da Museologia” (1982), “Museus Nacionais: O Museu da República” (1989). Nessas, ela reitera a necessidade de formação profissional em Museologia e da capacitação continuada dos profissionais de museus; diagnostica a situação dos museus brasileiros e procura identificar suas influências e características; denuncia a permanência de uma elitização tanto do ambiente, quanto da ocupação das funções, além de reconhecer algumas renovações, tendências e seu potencial institucional.

São Paulo, apesar de tudo, passa por um renascimento na área de museus: discute-se (ao menos, na falta de uma ação efetiva e mais dinâmica, a discussão existe) a dessacralização dos museus, a ampliação dos públicos, o serviço educativo e a ação cultural. É verdade que a discussão não sensibiliza a todos; não é extensa, embora, em certos setores, se faça já em nível profundo. Mas existe, ainda, a proliferação caótica e, em vários níveis, a institucionalização demagógica e o ranço colonial lutando contra a especialização e a profissionalização.

Uma terrível luta entre a valorização do profissional e o filhotismo, que vê nas escolas, na formação específica, o seu maior inimigo. Enfim, há grandes antagonismos e grandes contradições na paisagem museológica paulista. Mas essa contradição mesma não seria, em si, um sinal de vitalidade, um sintoma de mudança? Esperemos que sim. Esperemos que, do mero crescimento numérico (expressão, talvez, na área cultural, do nosso próprio caótico e desordenado crescimento) passemos agora a uma outra fase, mais feliz porque mais racional; uma fase em que, nos museus, se verifique o esforço construtor a que, até por necessidade de sobrevivência, está se dirigindo o movimento nosso de industrialização, mola mestra do desenvolvimento, processo gestáltico, distêmico, globalizante e interativo.<sup>22</sup>

Ao longo dos anos, Waldisa também consolida sua atuação no ICOM, sendo designada a representar o Brasil em diferentes ocasiões, tanto como participante de congressos, quanto como ministrante de palestras e cursos. Entre essas atividades, destaca-se sua participação no Comitê Internacional de Redação do Dicionário Internacional de Museologia, atividade para a qual viaja anualmente à Hungria e a Portugal entre 1983 e 1987. Nessa mesma direção, também é importante destacar que o trabalho e as propostas de Waldisa Rússio têm caráter instituinte no contexto brasileiro. Dessa forma, a construção de um vocabulário ou de um léxico que colabore para a melhor compreensão

22 RÚSSIO, Waldisa. “Museus de São Paulo”. *O Estado de S. Paulo*, 13 jan. 1980, p.11-13. Suplemento Cultural. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

do fenômeno museológico e delimite uma área de atuação também é recorrente em seus escritos, como se percebe no uso de termos como *museografia*, *projeto museográfico*, *curadoria*, *comunicação museológica*, *conservação* e *ação educativa e cultural*:

No projeto museográfico consideraremos toda a ação prática proposta para viabilizar o projeto museológico em termos de curadoria (identificação, documentação e, obviamente, coleta de acervo e seu acompanhamento), conservação (incluindo os aspectos de segurança, conservação preventiva e eventual restauro, abrigo em reservas etc.), comunicação museológica (exposição, publicações de museu) e ação educativa e cultural, obviamente uma forma de comunicação museológica que por sua especificidade e interações com a Educação (não formal, num sentido mais alto e mais amplo, envolvendo não só Educação continuada mas preparação para a vida) já se constitui em subdomínio da Museografia.<sup>23</sup>

Na realidade, a Museologia nasce com a Museografia para, aos poucos, vencer a gradação que separa o *grapho* do *logos*. Assim, de início temos efetivamente a Museografia, mera descrição do fato museológico e soma de conhecimentos práticos servindo à finalidade de montagem de exposições e apresentação de objetos. Porém, gradativamente, e à medida que se desenvolvem os próprios museus, a Museografia vai se constituindo em aspecto de uma ciência em construção, a Museologia. E esta se faz, cada vez mais, sistema de conhecimento, resultante de observação e experimento com método próprio, partindo para a formulação de leis e o reconhecimento do fato museológico, definido em categorias e hierarquizado.<sup>24</sup>

Além disso, na produção de Waldisa Rússio, estimulada pela dinâmica do Comitê de Teoria Museológica do Conselho Internacional de Museus (Icofom/ICOM), transparece a tentativa de não só constituir uma epistemologia museológica fundamentada em parâmetros técnicos, mas também de construir uma epistemologia relacionada ao social.

E me pergunto se a formação dada aos museólogos tem sido adequada às necessidades não apenas de acompanhar as mudanças tecnológicas, mas, sobretudo, de viver e compreender os problemas e as questões da nossa sociedade e do nosso tempo. Estamos formando técnicos ou cientistas e trabalhadores sociais? Sei que algumas destas questões não se referem ao MinC, mas são fundamentais para o aperfeiçoamento dos nossos museus.<sup>25</sup>

Não são parte das preocupações de Waldisa Rússio somente a formação e a capacitação profissional dos museólogos e dos profissionais que atuavam em museus, mas ela também sentiu uma inquietação relativa

23 RÚSSIO, Waldisa. "Museus Nacionais: o Museu da República". São Paulo, 1989. Acervo SIG. RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

24 RÚSSIO, Waldisa. "Museologia e Museu". *O Estado de S. Paulo*, 1º jul. 1979, p.6-7. Suplemento Cultural. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

25 RÚSSIO, Waldisa. "Museus Nacionais: o Museu da República". São Paulo, 1989. Acervo SIG.RP. MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

à necessidade da sua organização como categoria profissional. Em 1983, lidera a organização da Associação Paulista de Museólogos (Asspam), da qual foi a primeira presidente, e da Associação dos Trabalhadores de Museu (ATM).

Waldisa Rússio enxerga a atuação profissional do museólogo como a de um trabalhador social, o qual tem seu trabalho estritamente ligado não somente ao cumprimento de uma função social, mas trabalha de forma consciente com o social, colaborando para incutir ações de mudança. Esse trabalho associativo trouxe outras possibilidades de articulação com os ex-alunos, já formados pelo mencionado curso de especialização, com profissionais de outros campos que também militavam pelo reconhecimento profissional, mas serviu, sobretudo, para difundir em escala nacional que em São Paulo criava-se uma forma diferenciada de atuar em relação aos museus. Essa marca vai permear o desenho do cenário da Museologia paulista a partir da década de 1980, com reflexos até os dias de hoje. Ainda nesse contexto, Waldisa liderou a organização de vários encontros, seminários e viagens culturais que se embrenharam na realidade museológica paulista. A Asspam teve, também, participação decisiva na regulamentação da profissão de Museólogo (1984) embora as suas reflexões não tenham sido devidamente consideradas na versão final da Lei 7287, de 18 dez. 1984.

Portanto, é claro que a preservação do patrimônio cultural é um ato e um fato político e temos de assumi-lo como tal, mesmo nas nossas áreas específicas de atuação profissional. No caso do museólogo, trabalhador social, significa não recusar a dimensão e o risco político social do seu trabalho.<sup>26</sup>

No ano de 1984, Waldisa Rússio organiza o Instituto de Museologia de São Paulo, que tem sua origem no Curso de Especialização em Museologia da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), e é sua primeira diretora. Nesse novo programa de ensino, procura vincular a perspectiva de pesquisa às propostas de formação especializada.

Além disso, também é a primeira latino-americana a ministrar aula no Seminário Internacional de Formação de Pessoal, a convite do Ecomuseu da Comunidade Urbana do Creusot, na França, sobre o projeto Museu da Indústria e de suas propostas de caráter inclusivo para diferentes públicos, incluindo crianças e pessoas com deficiência.

26 RÚSSIO, Waldisa. "Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial. São Paulo, 1983-1985". Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.



As questões que vão embasar os grandes debates museológicos no final da década de 1990, relativos às formas como os museus podem enfrentar desafios de inclusão cultural e social, já aparecem muito tempo antes nos textos de Waldisa e, de forma reiterada, ela organiza o seu pensamento com vistas a refletir sobre novos métodos de trabalho.

É durante suas palestras e visitas nacionais e internacionais que Waldisa tem contato com as múltiplas experiências nos distintos cenários da Museologia. Assim, ela procura refletir sobre essas possibilidades de atuação no âmbito brasileiro. É o que se evidencia na análise da Exposição “Tropa, Tropeiros e Tropeirismo”, apresentada no Masp no final de 1979 e concebida pela primeira turma dos alunos do Curso de Especialização em Museologia, que contava em seu roteiro expositivo com um local específico para crianças, no qual a terceira idade e outros visitantes participavam das atividades.

Nos últimos dois anos, percorri, em estudos, alguns países: Inglaterra, Portugal, França, Itália, Israel, Estados Unidos, México. Fiquei aturdida com o número de crianças – não somente escolares – que pude ver nos museus desses países. Do pequenino Portugal ao novíssimo Israel e aos superpoderosos Estados Unidos, é inacreditável o número de crianças que não apenas visitam, mas participam de atividades especiais dos museus.<sup>27</sup>

Liberta, participante e ativa, respeitada, a criança passa a amar e respeitar o espaço que a recebe e a abriga, no qual convive com os objetos; não os danifica, convive com eles. Depois de tantos anos de proibições, de equívocos e de desinformação, é tempo de os dirigentes e o pessoal de museu passarem a ver na criança o seu público de hoje e de amanhã, o seu agente polarizador de outros públicos (como a Propaganda já o descobrira, anteriormente). Sobretudo, é preciso que os museus repensem a sua função como efetivamente humanizadora e, dentro dessa função, programem seus métodos voltando-se também, e principalmente, para as crianças.<sup>28</sup>

Nos estudos sobre Waldisa Rússio, percebe-se a interlocução da teoria com a prática museológica e a aguda percepção em relação ao seu entorno sociocultural. Nesse sentido, busca não só a organização de saberes no campo empírico, mas também o enriquecimento conceitual e a tentativa de elaboração de alguns princípios que concedam à Museologia um aprofundamento e um arcabouço acadêmico.<sup>29</sup>

27 RÚSSIO, Waldisa. “Os museus e a criança brasileira”. *O Estado de S. Paulo*, 16 dez. 1979, p.11-13.

Suplemento Cultural. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

28 *Ibidem*.

29 RÚSSIO, Waldisa. “Museologia e Museu”. *O Estado de S. Paulo*, 1º jul. 1979, p.6-7. Suplemento Cultural. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

Vinculada à prática museal, a Museologia teve seu desenvolvimento científico retardado pela estreita ligação de sua base institucional, o museu, com o Poder (Político e Econômico). É com essa subordinação nítida que se formam as coleções e a ênfase que a elas é dada, enquanto quantidade e valor de raridade, antiguidade ou autenticidade. As coleções refletem o poder ou o saber, que é também uma modalidade do Poder. Sem perderem essa conotação, as contradições de nossa época possibilitam uma reflexão crítica que ultrapassa o Museu para preocupar-se com o fato que nele (museu) acontece. É assim que a Museologia, em suas origens uma mera descrição do museu e de suas coleções, vai se alçar à posição de estudo das relações entre o Museu e a Sociedade e, finalmente (estágio atual), à Ciência das relações entre o Homem e a Realidade, segundo Gregorová; ou, das relações entre o Homem e sua Herança Cultural, segundo van Mensch, ou, segundo o nosso próprio conceito, a Ciência do fato museológico, entendido sempre em um processo, e constituído pela relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade, da qual o Homem também participa, num cenário institucionalizado, o museu.<sup>30</sup>

Ainda nessa construção do valor epistemológico da Museologia, Waldisa Rússio identificará a especificidade dessa área de estudos tanto no seu caráter interdisciplinar como método de pesquisa e ação, quanto na reflexão sobre a relação homem-objeto-sociedade, na qual o objeto musealizado insere-se em uma nova semântica que não só o torna compreensível em si e em um contexto, mas com a qual será possível releituras do mundo. A Museologia, assim, inscreve-se entre as ciências humanas e sociais, já que terá como sujeito e objeto de estudo a ação humana na sociedade.

Como vimos, esse processo comporta vários níveis: a consciência, a internalização, a concentração, a alimentação do repertório da memória, ponto de partida do senso crítico que elabora as comparações. Ao mesmo tempo, o homem em relação com o objeto (parte de uma realidade da qual ele também participa e sobre a qual é capaz de interferir) passa de um comportamento passivo, de simples função, a um comportamento potencialmente ativo e criativo. Ele deve então não somente formular julgamento, mas transformações. Ele é capaz de compreender e de aceitar a novidade, as transformações de uma sociedade em contínua evolução e todo o processo científico, histórico e social. Essa relação profunda entre homem e objeto, a qual primeiro se estabelece somente com os objetos materiais, agora ampliou-se às criações abstratas, na medida em que se pode relacioná-las materialmente.<sup>31</sup>

A museóloga paulista identificará, então, como objeto de estudo da Museologia o fato museal ou fato museológico. Sendo assim, para ela, então, o conhecimento museológico abarca não somente o conhecimento técnico racional e sistemático, ou ainda, o conhecimento teórico das disciplinas que sustentam o caráter interdisciplinar da Museologia.

30 RÚSSIO, Waldisa. "Exposição: texto museológico e contexto cultural". São Paulo, 1986. Acervo SIG. RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

31 RÚSSIO, Waldisa. "A interdisciplinaridade em Museologia". São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

Mas o conhecimento museológico também é construído por uma prática na qual esse conjunto de conhecimentos adquire um caráter processual de interdependência, reciprocidade, conexões e coerência.

O fato museal é a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade à qual o homem igualmente pertence e sobre a qual tem o poder de agir ... Assim, a Museologia constitui um ramo específico do conhecimento científico (lógico, racional, sistemático) que não dispensa sua prática, para a qual são elaborados técnicas e procedimentos, instrumentos operacionais de trabalho baseados no conhecimento científico anterior; um conhecimento científico que se renova e rejuvenesce com o auxílio da prática e do empírico, compreendidos aqui como a experiência vivida, a atividade consciente que, no momento de visão e de re-visão e da leitura ou re-leitura do mundo, do real, do natural, ajuda a construção e do desenvolvimento do cultural, do conceitual, do histórico.<sup>32</sup>

Já em relação ao caráter interdisciplinar da Museologia, a autora destaca que esta se constitui por diferentes domínios de conhecimento e por seus objetos de estudo, além de disciplinas auxiliares e complementares, os quais estão em contínua interação.

A explicação para os diferentes “tipos” de conhecimento serem colocados em diferentes níveis é fundamental para a definição do campo de conhecimento museológico (Museologia como ciência) e leva a importantes consequências no terreno do *ensino museológico* (Museologia enquanto conhecimento científico ou disciplina para ensinar e aprender) e, portanto, da formação profissional.<sup>33</sup>

A análise do conjunto da obra de Waldisa Rússio, em grande parte ainda inédita, caracteriza o pioneirismo de seu trabalho e a atualidade de suas ideias e propostas para a Museologia na contemporaneidade, no que concerne à inserção da Museologia na perspectiva das ciências humanas e sociais, além de propor a dinamização da instituição museológica, tendo em vista a sua vinculação aos processos de desenvolvimento social e de conhecimento científico.

Além disso, essa relação dialógica entre Homem e Objeto (no caso, o Objeto é o próprio Fenômeno Científico), que constitui o cerne do fato e do processo museal e museológico, é essencial à proposta da Estação Ciência, concebida como cenário (no sentido antropológico do termo) para a plena realização desse diálogo alimentador de memória e realimentador do processo de criação científica, ambos essenciais para o país ... Está superada a fase do *museu reflexo da sociedade*; inicia-se e impõe-se a fase do *museu-processo* e do *museu agente modificador da realidade social*.<sup>34</sup>

32 RÚSSIO, Waldisa. “Sistema da Museologia”. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

33 *Ibidem*.

34 RÚSSIO, Waldisa. “Estação Ciência, um projeto comprometido com a vida – O Projeto Museológico”. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

Seus estudos e proposições, além de uma visão precursora, inserem a autora na atualidade de problemáticas e questões que ainda rondam o cotidiano das instituições museológicas, no que diz respeito à revisão dos processos, à inclusão sociocultural, ao caráter interdisciplinar do conhecimento museológico e à formação profissional. Além de caracterizar o cerne da ação museológica como essência da própria ação humana nos processos de construção das identidades e da memória social, bem como das ações de preservação e transformação do patrimônio em herança.

Da mesma forma, podemos dizer que o museu constitui a forma mais artificial de preservação e construção da memória social e de sua comunicação. Entretanto, como o cantar da voz humana, poderá ele transmitir tal mensagem de vida, conhecimento e emoção, que nenhum de nós virá jamais a se lembrar da sua “artificialidade” que, afinal, é a de mais um dos inúmeros artefatos do homem ... É preciso mudar o mundo. É preciso respeitar a Vida. É preciso realizar um desenvolvimento que se faça em benefício da maioria dos homens e em benefício de todos os seres vivos. Se o Cientista da Renascença, versátil e universal, se preocupava com as dimensões do Homem e com o compromisso da Ciência para com o Homem, o Cientista da atualidade, altamente especializado, mas cômico de sua responsabilidade humana e social, preocupa-se sim com as dimensões do Homem, dimensões que se estendem para lutar em benefício de todas as formas viventes. Essa inquietação e essa atitude têm de estar reveladas em toda a exposição, mas também na ação educativa e cultural a ser desenvolvida pela Estação Ciência.<sup>35</sup>

No dia 11 de junho de 1990, após uma viagem ao México, morre Waldisa Rússio vítima de moléstia cardíaca. A sua trajetória profissional e acadêmica pode ser balizada, entre a sua dissertação e a sua tese, pela descoberta da Museologia pelos caminhos das Ciências Sociais, ao analisar a função dos museus em uma reforma administrativa do Estado e ao assumir a função de implantar um museu como assistente técnica na Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia em São Paulo.

Para tanto, procurou os cursos de Museologia da Bahia e do Rio de Janeiro, levantou bibliografia, estabeleceu contatos e acabou criando o Curso de Especialização em Museologia da Fesp/SP, influenciando com suas ideias a formação de dezenas de profissionais que desempenham diferentes papéis na condução da Museologia entre nós. Além disso, o fato de ter se vinculado ao ICOM possibilitou que não somente conhecesse o pensamento de estudiosos estrangeiros, mas também desenvolvesse uma correspondência profícua, explicitando as suas ideias para profissionais das mais variadas proveniências.

---

35 Ibidem.

Sintonizada com sua época, as décadas de 1970 e 1980, levantava uma série de questões sobre a atuação dos museus na sociedade.

“O museólogo é um trabalhador social”, dizia Rússio. Incoerente seria conceber a Museologia como uma disciplina tecnicista, restrita ao tratamento das coleções museais. A interlocução com outras áreas do conhecimento poderia articular e orientar as práticas museológicas visando ao desenvolvimento das sociedades. Dessa forma, sua trajetória esteve intrinsecamente ligada, de forma pioneira, às preocupações de uma Museologia Social. Em outros termos, aos pressupostos da Sociomuseologia, que impregnaram a realidade museológica paulista.

Essa preocupação em definir a Museologia, para além do caráter epistemológico, reverberava em dois aspectos que coadunavam com seu pensamento: a sistematização da Museologia e a formação profissional. Era pragmática. Somente formando de maneira crítica os profissionais de museus seria possível colocar em prática uma Museologia engajada.

O museu tem sempre como sujeito e objeto o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas ideias e aspirações. Na verdade, o homem e a vida são sempre a verdadeira base do museu e que faz com que o método a ser utilizado em Museologia seja essencialmente interdisciplinar, posto que o estudo do homem, da natureza e da vida, depende do domínio de conhecimentos científicos muito diversos.

Quando o museu e a Museologia, no senso global do termo, estudam o ambiente, o homem, ou a vida, são obrigados a recorrer às disciplinas que a exagerada especialização atual separou por completo.

A interdisciplinaridade deve ser o método de pesquisa e de ação da Museologia e, portanto, o método de trabalho nos museus e cursos de formação de museólogos e funcionários de museu.<sup>36</sup>

A sistematização da área disciplinar foi uma de suas preocupações e, pode-se afirmar, um de seus legados à Museologia. O caráter reflexivo de seu trabalho tem continuidade com aqueles que conviveram com ela e partilharam de seu pensamento. Este se reflete tanto no âmbito da formação profissional, quanto na sistematização do conhecimento museológico.

Quero esclarecer que neste quadro de referência situarei meu trabalho, o qual penso ser mais uma reflexão do que um princípio básico: uma reflexão que atenda ao diálogo e à crítica, sem os quais ficaria fechada em si mesma, sem a possibilidade de se estender e se enriquecer, ou, também, fazer sua revisão.<sup>37</sup>

36 RÚSSIO, Waldisa. “A interdisciplinaridade em Museologia”. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

37 RÚSSIO, Waldisa. “Sistema da Museologia”. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.

Waldisa Rússio pautou a sua trajetória profissional com diferentes formas de engajamento e enxergou nos museus a singular potencialidade para a promoção das mudanças sociais. Encarou o ensino como uma missão e conseguiu sensibilizar os seus alunos para os desafios relativos a essa potencialidade.

Os seus textos refletem os contextos pelos quais a museóloga transitou, mas, em especial, revelam as suas preocupações reiteradas com equilíbrio entre preservação patrimonial e desenvolvimento social.

## Referências bibliográficas

- RÚSSIO, Waldisa. *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação (Mestrado) – Fesp/SP. São Paulo, 1977.
- \_\_\_\_\_. Museologia e Museu. *O Estado de S. Paulo*, 1º jul. 1979, p.6-7. Suplemento Cultural. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. Existe um passado museológico brasileiro? *O Estado de S. Paulo*, 29 jul. 1979, p.6-8. Suplemento Cultural. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. Os museus e a criança brasileira. *O Estado de S. Paulo*, 16 dez. 1979, p.11-13. Suplemento Cultural. (Recorte). Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. *Um Museu de Indústria para São Paulo*. Tese (Doutorado) – Fesp/SP. São Paulo, 1980.
- \_\_\_\_\_. Museus de São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 13 jan. 1980, p.11-13. Suplemento Cultural. (Recorte). Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. O mercado de trabalho do museólogo na área da Museologia. ENCONTRO DE MUSEÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 1, Recife. Fundação Joaquim Nabuco – Departamento de Museologia, 1982. Fundo Waldisa Rússio – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).
- \_\_\_\_\_. Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial. São Paulo, 1983-1985. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. Cultura, patrimônio e preservação (Texto 3). In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.59-78.
- \_\_\_\_\_. Exposição: texto museológico e contexto cultural. São Paulo, 1986. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. Museu, Museologia, Museólogos e Formação. *Revista de Museologia*, São Paulo: Instituto de Museologia (Fesp/SP), v.1, n.1, p.7-11, 1989.
- \_\_\_\_\_. Museus Nacionais: o Museu da República. São Paulo, 1989. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o Patrimônio Cultural e a Preservação. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n.3, out. 1990.
- \_\_\_\_\_. A interdisciplinaridade em Museologia. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. Estação Ciência, um projeto comprometido com a vida – o Projeto Museológico. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.
- \_\_\_\_\_. Formação do Museólogo: por que em nível de Pós-Graduação? São Paulo, s.d. Fundo Waldisa Rússio – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).
- \_\_\_\_\_. Museologia e Ciências Humanas e Sociais. São Paulo, s.d. Fundo Waldisa Rússio – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).
- \_\_\_\_\_. Sistema da Museologia. São Paulo, s.d. Acervo SIG.RP.MUSP, doação de Maria Cristina Oliveira Bruno.



**ICOM-BR**  
**Conselho Internacional de Museus - Brasil**

**Presidente do Conselho de Administração**  
Carlos Roberto Ferreira Brandão

**Vice-Presidente do Conselho de Administração**  
Maurício Cândido da Silva

**Membro Titular do Conselho de Administração**  
Denise Grinspum

**Diretora Administrativa**  
Maria Ignez Mantovani Franco

**Diretora**  
Adriana Mortara Almeida





## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Governador do Estado**  
Alberto Goldman

**Secretário de Estado da Cultura**  
Andrea Matarazzo

**Secretária-Adjunta**  
Fernanda Falbo Bandeira de Mello

**Chefe de Gabinete**  
Sergio Tiezzi

**Coordenadora da Unidade de  
Preservação do Patrimônio Museológico**  
Claudinéli Moreira Ramos

### **Conselho de Orientação Artística da Pinacoteca do Estado de São Paulo**

Ana Maria Belluzzo  
Carlos Alberto Cerqueira Lemos  
Marilucia Botallo  
Paulo Portella Filho  
Regina Silveira  
Ruth Sprung Tarasantchi

## ASSOCIAÇÃO PINACOTECA ARTE E CULTURA - APAC Organização Social de Cultura

### **Conselho de Administração**

**Presidente**  
Marcelo Secaf

**Vice-Presidente**  
Celso Lafer

**Conselheiros**  
Carlos Wendel de Magalhães  
Denise Aguiar Alvarez  
Fernando Teixeira Mendes Filho  
Horácio Bernardes Neto  
José Olympio Pereira  
Julio Landmann  
Luciene de Jesus Souza  
Maria Anna Olga Luiza Bonomi  
Maria Luisa de Souza Aranha Melaragno  
Nilo Marcos Mingroni Cecco

**Diretor Executivo**  
Marcelo Mattos Araujo

**Diretor Financeiro**  
Miguel Gutierrez



© 2009 by ICOM-Brasil  
icom.bra@gmail.com  
www.icom.org.br

Volume 2 - 1ª Edição

*Coordenação editorial:* Maria Cristina Oliveira Bruno

*Colaboradores:* Marcelo Mattos Araujo

Maria Inês Lopes Coutinho

*Apoio à pesquisa e Organização editorial:*

Caroline Grassi Franco de Menezes

Francisca Áida Figols

Kátia Regina Felipini Neves

Natália Sarkis

*Projeto gráfico e capa:* Claudio Filus

*Revisão e padronização:* Armando Olivetti

*Fontes utilizadas:* Book Antiqua

*Papel miolo:* Reciclato 150 gr/m<sup>2</sup>

*Papel capa:* Duo design 350 gr/m<sup>2</sup>

*Impressão e acabamento:* Pancrom Indústria Gráfica

São Paulo, dezembro de 2010

---

Waldisa Rússio Camargo Guarneri : textos e contextos de uma trajetória profissional / organização Maria Cristina Oliveira Bruno ; colaboração Maria Inês Lopes Coutinho, Marcelo Mattos Araujo. - São Paulo : Pinacoteca do Estado : Secretaria de Estado da Cultura : Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

2 v. ISBN 978-85-99117-59-0

1. Guarneri, Waldisa Rússio Camargo 2. Museologia – Brasil I. Bruno, Maria Cristina Oliveira II. Coutinho, Maria Inês Lopes III. Araujo, Marcelo Mattos.

060

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil





ISBN 978-85-99117-58-3



INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS  
CONSEIL INTERNATIONAL DES MUSEES  
CONSEJO INTERNACIONAL DE MUSEOS  
Comitê Brasileiro

